

Joana Alexandra de Sousa e Castro Teixeira Fernandes

Faculdade de Letras da Universidade de Porto

**UMA ABORDAGEM COGNITIVA EM SEMÂNTICA
LEXICAL: O VERBO *COLHER***

Porto

Outubro de 1998

Joana Alexandra de Sousa e Castro Teixeira Fernandes

**UMA ABORDAGEM COGNITIVA EM SEMÂNTICA
LEXICAL: O VERBO *COLHER***

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto
Outubro de 1998

AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor Mário Vilela, pela imensa disponibilidade e empenho na orientação deste trabalho, o meu sincero reconhecimento.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
-----------------	---

PARTE A

CAPÍTULO I - DA *TEORIA CLÁSSICA DE CATEGORIZAÇÃO* À SEMÂNTICA COGNITIVA

1.1 <i>A teoria clássica de categorização</i>	15
1.2 Génese da semântica cognitiva	16
1.2.1 Wittgenstein e a categoria «jogo»	17
1.2.2 Rosch e o conceito de protótipo	19
1.2.3 Visão experiencialista da linguagem.....	20
1.3 Semântica cognitiva: ruptura ou continuidade da <i>teoria clássica de categorização?</i>	22

CAPÍTULO II - ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE SEMÂNTICA COGNITIVA

2.1 Categorização	27
2.2 Categorias prototípicas	28
2.3 Categorias verbais	31
2.3.1 <i>A força</i> : uma base experiencial para as categorias verbais.....	32
2.3.2 O conceito de <i>dinâmica de força</i> de Talmy	33
2.3.3 O «modelo bola de bilhar» de Langacker	34
2.3.3.1 Os <i>papéis arquetípicos</i> de <i>agente</i> e <i>paciente</i>	36
2.3.4 <i>Manipulação directa</i> e protótipo de transitividade.....	37
2.4 Mecanismos de extensão das categorias	39

2.4.1 Metáfora e metonímia	39
2.4.2 <i>Esquemas imagéticos</i>	43
2.5 Constituição de um <i>corpus</i> - opção metodológica no quadro da semântica cognitiva	45

PARTE B

CAPÍTULO III - DA REALIDADE «EXTRALINGUÍSTICA» À INFORMAÇÃO LEXICOGRÁFICA

3.1 <i>Colher</i> : uma experiência directamente emergente do meio-físico	51
3.2 <i>Colher</i> : um modelo para a compreensão de domínios abstractos	55
3.2.1 Metáforas primordiais de origem bíblica	56
3.3 Breve perspetivação lexicográfica	58
3.3.1 «Protótipo lexicográfico»	61
3.3.2 Multi-referencialidade	63
3.4 Interação da realidade «extralinguística» sobre a informação lexicográfica	66

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DO CORPUS I: VALOR PROTOTÍPICO E CONTÉUDO FUNDAMENTAL DE *COLHER*

4.1 Inquérito linguístico	71
4.1.1 Constituição da amostra	72
4.1.2 <i>Stimuli</i>	73
4.1.3 Classificação de enunciados e quantificação de resultados	74
4.1.4 Discussão de resultados	76
4.2 Características sintáctico-semânticas de <i>colher1</i>	78
4.2.1 Representação esquemática do evento	81
4.2.2 Dimensões estruturantes	85
4.3 <i>Colher</i> : uma categoria experiencialmente básica e semanticamente complexa ?.....	87

CAPÍTULO V- ANÁLISE DO CORPUS II : EXTENSÕES DO CONTEÚDO FUNDAMENTAL DE *COLHER*

5.1 <i>Colher</i> : uma « metáfora da vida quotidiana ».....	94
5.2 Análise das extensões semânticas de <i>colher</i>	98
5.2.1 Interação física com objecto estático.....	100
5.2.1.1 Extensão semântica <i>colher2</i>	101
5.2.1.2 Extensão semântica <i>colher3</i>	103
5.2.1.3 Extensão semântica <i>colher4</i>	104
5.2.1.4 Extensão semântica <i>colher5</i>	105
5.2.2 Interação física com objecto animado	106
5.2.2.1 Extensão semântica <i>colher6</i>	107
5.2.2.2 Extensão semântica <i>colher7</i>	109
5.2.3 Interação mental	111
5.2.3.1 Extensão semântica <i>colher8</i>	112
5.2.3.2 Extensão semântica <i>colher9</i>	115
5.2.4 Interação psico-social	117
5.2.4.1 Extensão semântica <i>colher10</i>	117
5.2.4.2 Extensão semântica <i>colher11</i>	119
5.2.4.3 Extensão semântica <i>colher12</i>	123
5.2.4.4 Extensão semântica <i>colher13</i>	127
5.3 Apreciação crítica	128
Conclusão	131
Bibliografia.....	135
Dicionários e Enciclopédias	146
Textos Utilizados	148

INTRODUÇÃO

Os fenómenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interacção com o ambiente que o rodeia.

(A. Damásio 1994:18)

No limiar do século XXI, as mais recentes e revolucionárias descobertas científicas, em simultâneo com a diversidade de fenómenos sociológicos, provocam, frequentemente, uma alteração no conhecimento do mundo, a qual se repercute, necessariamente, no sentido das palavras que utilizamos. A leitura de qualquer jornal ou revista testemunha o surgimento contínuo de termos ainda inexistentes nas versões mais actualizadas dos dicionários da língua portuguesa, como por exemplo: *arrumadores, ambientalistas, branqueamento, pimba, reciclado, printar, biodegradável, regionalização, clone, internauta...* e um vasto número de outros exemplos passíveis de serem citados e que poderão provocar um efeito de estranheza aos olhos do falante menos atento às novas vagas linguísticas¹.

Verifica-se, simultaneamente, que determinadas palavras cujo significado é atestado por qualquer dicionário, ainda que obsoleto, e que fazem parte do mais trivial uso linguístico quotidiano, tendem a surgir em contextos inesperados, como, por exemplo, esta ocorrência do verbo *colher* (centro do nosso estudo) num

artigo sobre as polémicas experiências de clonagem que relata o nascimento de «Doli»:

(1) *A descoberta-chave dos cientistas escoceses foi levarem células adultas a desempenharem todo o seu potencial. Primeiro **colheram** as células da teta de uma ovelha prenhe com seis anos. Cultivaram as células num tubo de ensaio mergulhando-as em nutrientes ... (Revista Expresso, 15-03-97)*

Foi a leitura destes e de outros extractos idênticos que suscitou o interesse pela semântica do verbo *colher*². Afinal, que mecanismos estarão por detrás da extensão do significado? Será que uma palavra adquire arbitrariamente novos sentidos, ou será que essa aquisição obedece a determinados condicionamentos e, como tal, tem um carácter motivado? Se assim é, que influência poderá ter a *interacção do organismo com o ambiente que o rodeia*, na categorização linguística? Será ainda que a tese de A. Damásio, isto é, a impossibilidade de *uma separação abissal entre o corpo e a mente*³, se aplica aos fenómenos linguísticos, na medida em que também estes são fenómenos mentais?

¹ Num artigo sobre terminologias e a língua portuguesa M.Vilela (1995: 35) salienta que no mundo actual: «...as disciplinas científicas explodiram, e os fragmentos desta explosão passaram a construir áreas autónomas e a língua é forçada a configurar novas realidades.»

² O estudo deste verbo foi uma das temáticas sugeridas pelo Prof. Doutor M. Vilela para trabalho de semestre do seminário de Estruturas Frásicas do Português. Por conseguinte, *colher* foi o ponto de partida para leituras em semântica cognitiva, nomeadamente os trabalhos de Taylor (1989) e de Lakoff (1980), com base nos quais reflectimos, pela primeira vez, sobre a hipótese de a metáfora não ser um mero dispositivo retórico, mas um mecanismo convencional, usado quotidianamente pelos sujeitos falantes.

A tomada de consciência de que um verbo tão trivial (sobre o qual, antes da leitura de trabalhos de pendor cognitivista, pouco poderíamos adiantar) constituía, afinal, um complexo rico de valores semânticos onde se entrecruzam aspectos básicos da experiência humana e aspectos simbólicos, todos eles determinantes para a descrição do seu significado, suscitou o nosso interesse em efectuar um estudo aprofundado sobre o assunto.

³ Leiam-se as palavras do próprio investigador (1994: 257): «...a compreensão cabal da mente humana requer a adopção de uma perspectiva do organismo; que não só a mente tem de passar de um *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve ser também relacionada

As perguntas formuladas introduzem, informalmente, a questão de base deste trabalho: a polissemia do verbo *colher*, tratada à luz de uma perspectiva cognitiva, em semântica lexical, opções obviamente indicadas pelo título do trabalho.

A observação de qualquer entrada lexical de um dicionário de português reflecte, imediatamente, a riqueza significativa deste verbo (o dicionário Aurélio atribui-lhe 24 acepções). Mas será que todas essas acepções são igualmente familiares aos falantes do português, e será que fazem igualmente parte do seu uso linguístico? Por outras palavras: terão todos os valores semânticos de *colher* o mesmo grau de representatividade? Constituirá a ocorrência transcrita na página anterior (... *colher células da glândula mamária*...) e uma ocorrência do tipo, *colher flores no jardim*, exemplos com o mesmo grau de saliência cognitiva para os sujeitos falantes? Intuitivamente, responder-se-á que não. O nosso conhecimento linguístico permite-nos avançar com a hipótese de que o segundo exemplo, enquanto actividade física concreta, resultante da interacção com o meio ambiente, constituirá um exemplar mais típico do verbo *colher* do que um acto laboratorial, que pressupõe um cenário clínico e a tomada de uma atitude técnica e instrumentalizada. É, porém, através de uma abordagem cognitiva em semântica lexical que procuraremos dar resposta a estas questões.

No âmbito desta corrente emergiram, recentemente, novas teorias explicativas da polissemia, como fenómeno estruturado e motivado, que vêm justificar a inserção deste trabalho na referida perspetivação. As investigações

com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interactivo com um meio ambiente físico e social. »

psicologistas de E.Rosch (1973,75,77...), os trabalhos de G.Lakoff (1980, 87), Johnson (1980, 87), J.Taylor (1989), R.Langacker (1987a, 91) e Newman (1996), entre outros cognitivistas, abriram, recentemente, caminho a uma nova visão da análise semântica, através da aceitação da linguagem como domínio integrante da cognição, e, conseqüentemente, da relevância atribuída às propriedades não linguísticas das palavras e ao tratamento da linguagem figurativa como dimensão natural do uso quotidiano da língua, em detrimento de uma perspectiva meramente estética e idiossincrática do referido mecanismo⁴.

Enveredar por uma abordagem cognitiva do verbo *colher* permitirá reflectir sobre o peso e influência da realidade dita «extralinguística» na estrutura da língua, com particular incidência no verbo *colher*, e, como tal, investigar dimensões determinantes na organização dos seus significados, como a experiência sensório-motora e sócio-cultural. Enveredar por uma perspectiva cognitiva pressupõe, também, substituir o termo genérico «palavra» por «categoria» e situar também esta análise no nível conceptual. Será então que, a este nível, a polissemia de *colher* poderá ser encarada como um resultado natural da experiência sensório-motora e sócio-cultural ?

⁴É importante salientar desde já que a visão da metáfora e da metonímia assumida neste trabalho será obviamente circunscrita ao âmbito da semântica cognitiva. Será tida por base a linha de pensamento de Lakoff e Johnson, ao procurar em *colher* metáforas conceptuais básicas (cognitivas) e não expressões idiossincráticas. A este propósito, C. Cacciari e S. Glucksberg (1994: 464) salientam que: « ...to identify a given word string as a metaphor is misleading because this would focus on the linguistic and the idiosyncratic aspect of metaphor instead of its conceptual nature.»

Também Newman (1996:262) salienta a centralidade da metáfora e da metonímia, dentro do quadro de estudos da semântica cognitiva: «Cognitive linguistics does not exclude figurative language from its field of inquiry, on the contrary, the study of semantic extensions and the relationships between meanings at the word level and at the clause level has been a prominent feature of this approach to language study. Metonymy and metaphor, in particular are seen to play a pervasive and central role in natural language. This contrasts sharply with the the approach

O objectivo principal deste trabalho consistirá em formular uma hipótese de resposta à questão supra-mencionada, convergindo, desta forma, com outros trabalhos de maior envergadura, orientados numa perspectiva cognitiva e centrados no estudo de verbos, nomeadamente os elaborados por C. Almeida (1995), A. Silva (1997) e Newman (1996)⁵. Procurar-se-á provar que a categoria *colher* está estruturada em termos de prototipicidade, característica que lhe confere a flexibilidade necessária à adaptação a novas situações expressivas, constituindo, por conseguinte, um modelo para a interpretação de novas experiências. Este ensaio compreende, por isso, um momento descritivo e um momento interpretativo dos principais valores semânticos de *colher*, espelhados no seu uso linguístico actual. Para efectuar a descrição e interpretação desses valores semânticos, foi, obviamente, necessário proceder à recolha de um *corpus* (dividido em duas partes), tarefa que implicou procedimentos distintos: levantamento de informação lexicográfica, como ponto de partida, recolha de dados através de um inquérito linguístico e registo de ocorrências contextualizadas, provenientes de textos orais e escritos.

Convencionámos segmentar este estudo em duas partes. Na parte A, composta por dois capítulos, procede-se a um enquadramento geral do paradigma

found in some modern linguistics theories which view figurative language as outside its scope of inquiry. »

⁵C. de Almeida (1995) demonstra a produtividade «teoria do protótipo» num estudo contrastivo português/alemão dos verbos *abrir* e *cortar*. Ao apresentar as duas categorias verbais como exemplos de complexos polissémicos, organizados por princípios de extensão metafórica e metonímica.

A. Silva (1997) analisa sincronicamente e diacronicamente a semântica do verbo *deixar* com base no modelo «network».

Newman (1996) analisa as principais construções literais e metafóricas do verbo *give* num estudo comparativo de várias línguas.

cognitivo no panorama das principais correntes semânticas. Focalizaremos, sumariamente, alguns argumentos dos dois principais precursores da teoria do protótipo, L.Wittgenstein (1957) e E.Rosch (1975) e de outros investigadores que no seio da linguística propriamente dita, criticaram incisivamente a abordagem estruturalista do significado, nomeadamente C.Fillmore (1977), G.Lakoff (1980, 1987) e J.Taylor (1989). Completaremos esta exposição com comentários de linguistas do plano nacional, directa ou indirectamente ligados à corrente cognitivista.

No segundo capítulo descrevemos noções fundamentais de semântica cognitiva que, explícita ou implicitamente, suportaram a exploração do nosso *case study*, o verbo *colher*, nomeadamente as principais características estruturais da categorização linguística, de entre as quais destacaremos as noções de *categoria*, *protótipo*, *significação centro-periferia* e *modelos cognitivos (metáfora; metonímia e esquemas de imagem)*.

A parte B constitui a análise do verbo *colher*, a qual se encontra subdividida em três capítulos. O capítulo terceiro funciona como o enquadramento geral de *colher*, partindo de dimensões sócio-culturais associadas ao verbo para se chegar a uma perspetivação do seu significado através do dicionário. No quarto capítulo, iniciamos o estudo da estrutura interna do complexo semasiológico de *colher*, a partir da determinação do seu protótipo. Intuitivamente, pressentimos que os *contextos espaciais* do verbo em análise deverão apresentar maior grau de saliência conceptual do que os *contextos não espaciais*. Todavia, só uma consulta a informantes poderá testar a validade dessa intuição. Simultaneamente, o

inquérito linguístico permitirá verificar se as variáveis introduzidas (geográfica, etária e sócio-cultural) provocam ou não assimetrias nos resultados obtidos. A pertinência desta opção metodológica surge na esteira de procedimentos similares, efectuados no âmbito da psicolinguística, nomeadamente em trabalhos pioneiros, como os de E. Rosch, e, posteriormente, de outros investigadores, dos quais destacamos Larochelle & Saumier (1993).

Determinado o protótipo de *colher*, transpor-se-á a análise para um nível superior de abstracção, para se proceder à caracterização esquemática do verbo e identificar as principais dimensões estruturantes, *i.e.*, o seu conteúdo fundamental.

No quinto e último capítulo, que constitui um ensaio interpretativo de análise do complexo polissémico, procedemos à descrição das diversas extensões semânticas de *colher*, com base em critérios de ordem espacial. Procurar-se-á descortinar que princípios é que determinam a extensão de sentidos, a fim de validar a seguinte afirmação de C.Cacciari & S. Glucksberg: ... *words do not acquire new senses randomly, but according to a 'cognitive structuring' that relates them in a motivated fashion.* (1994:470)

Poderá, à primeira vista, parecer redutor, circunscrever toda uma dissertação ao estudo de uma palavra. Acontece, porém, que a tarefa de definir, delimitar e organizar os seus significados constitui um pretexto para a reflexão sobre questões que não se prendem apenas com o verbo *colher*, mas com o léxico em geral. Além disso, a problemática da categorização e a polissemia são questões que se colocam não apenas aos linguistas, mas também a qualquer sujeito falante ‘naif’, quando quotidianamente confrontado com dificuldades em categorizar um

mundo em permanente mudança⁶. É caso para dizer, usando uma *metáfora da vida quotidiana*, o assunto « dará pano para mangas » !

⁶Wierzbicka (1985:1) salienta a dificuldade de descrever o sentido de palavras comuns como, por exemplo, *jarro*, *garrafa*, *árvore*.... : « After all, don't we all know very well what such words mean? Well, if you think we do, try to state the meaning of one such 'simple' word and try to do it exhaustively, precisely and critically. You will soon discover that the task is infinitely more difficult and more challenging than you had expected. »

PARTE A

CAPÍTULO I - DA *TEORIA CLÁSSICA DE CATEGORIZAÇÃO* À SEMÂNTICA COGNITIVA

La vision classique n'explique pas donc pourquoi certains membres d'une catégorie sont jugés plus représentatifs que d'autres, ni pourquoi les membres jugés plus typiques sont catégorisés plus rapidement que les membres moins typiques.
(Larochelle & Saumier 1993:63)

A denominação *teoria clássica de categorização* é um baptismo dos cognitivistas, nomeadamente de Lakoff (1987:5, *passim*) e de Johnson (1987:xxxv), tal como explica Taylor (1989:21-22) e que tem por objectivo vincar a assimetria entre as teorias de significação desenvolvidas desde a antiguidade greco-latina até ao século XX e uma visão alternativa sustentada numa dialéctica entre o significado linguístico e a experiência humana, emergente, sobretudo, a partir da década de 70⁷.

Porque subscreveremos, neste trabalho, a segunda proposta, exporemos, no presente capítulo, uma síntese parcelar de posições teóricas defendidas por investigadores do plano internacional que constituem a sùmula das críticas que

⁷O próprio Taylor (1989: 22) utiliza a mesma designação, salientado que o lexema «clássico» incorpora dois sentidos: « The approach is classical in the sense that it goes back ultimately to greek antiquity; it is classical also in that it has dominated psychology, philosophy, and linguistics (especially autonomous linguistics, both structuralist and generative) throughout much of the twentieth century).» Neste capítulo, entenderemos a referida designação, fundamentalmente, no segundo sentido que Taylor lhe atribui: os paradigmas estruturalista e generativo.

Todavia, a inadequação do termo *teoria clássica* é referida por alguns linguistas. Leia-se, por exemplo, em A. Silva (1997:19) a razão desse desajustamento: « ... porque em Aristóteles e na tradição filosófica se encontram reflexões, ou mesmo concepções sobre a categorização, compatíveis com a teoria do protótipo. »

contribuíram para abalar uma teoria de significação, com raízes sólidas e profundas e, conseqüentemente, para criar bases para uma nova proposta, fundamentada no conceito de *protótipo*, onde o fenómeno da polissemia e da linguagem figurativa (inerentes à problemática de base deste trabalho) deixam de ser relegados para um plano marginal e passam a assumir características de mecanismo regular e sistemático das línguas naturais. Integramos, ainda, nesta exposição teórica, a referência a alguns linguistas que, no plano nacional, têm sido porta-vozes da corrente cognitivista, através de ensaios de aplicação dos seus pressupostos a categorias do léxico do português. Salientaremos, por conseguinte, algumas das suas posições teórico-metodológicas face à semântica cognitiva.

1.1 A teoria clássica de categorização

A concepção do significado como uma estrutura autónoma governada por regras lógicas é, talvez, a principal característica que define e estrutura os paradigmas *clássicos* (semântica estruturalista e generativista)⁸. Por conseguinte, o significado é encarado como puramente conceptual, proposicional e algorítmico, sendo absolutamente independente de quaisquer mecanismos imaginativos. Os conceitos são, de acordo com a designação de Johnson (1987:xii), *disembodied*, isto é, não incorporados, por não estarem associados a uma mente que os

⁸Dentro do paradigma estruturalista o significado de uma forma linguística é determinado pela própria linguagem. Tal como refere Taylor (1989:16): « ...language remains a self-containment system, with its own constitutive principles, its own dynamics. » Com o paradigma generativo-transformacional de Chomsky, a faculdade de linguagem passa a ser vista como um mecanismo computacional, todavia, prevalece a concepção de que esta constitui uma componente autónoma da mente.

experimental. A tese de autonomia do sistema linguístico e a decorrente separação entre o conhecimento linguístico e enciclopédico caracterizam, por conseguinte, a *teoria clássica de categorização* na sua globalidade⁹. Ainda um outro aspecto caracterizador da posição *clássica* é o tipo de metodologia utilizada para a descrição das categorias semânticas, a qual se aproxima, num quadro estruturalista e generativista, do tratamento dado às categorias fonológicas, tanto no que respeita às notações, como no que respeita ao carácter binário, primitivo, universal e inato dos traços distintivos. Sem maiores desenvolvimentos, veremos que as três posições teórico-metodológicas em referência estão na base de um debate efervescente, do qual emerge uma proposta alternativa¹⁰.

1.2 Gênese da Semântica Cognitiva

L. Wittgenstein (1953) e E. Rosch (1973,75,77...) desempenharam um papel determinante na construção do paradigma cognitivo. No seio da linguística propriamente dita, sucederam-se, posteriormente, reacções de contestação aos paradigmas estruturalista e generativo, das quais destacamos, num âmbito

⁹ Salienta Taylor (1989:35) que: «What we see in the case of Lyons, for instance, is a reinforcement of the structuralist view of meaning as a set of relations internal to the language system. The speaker's knowledge of the world remains a factor external to the system. »

No que respeita ao generativismo refere A.Silva (1995a: 85) que: «... o racionalismo de Chomsky construiu uma gramática (melhor, uma sintaxe) autónoma e independente, externamente em relação ao conhecimento «enciclopédico» e à estrutura cognitiva, e internamente, em relação à semântica e à fonologia. »

¹⁰ Adianta-se que, de acordo com A.Silva (1997: 28), terá sido a própria semântica estrutural, na recta final do seu protagonismo - a corrente transformacional - que suscitou a emergência de teorias que se demarcaram das suas pressuposições fundamentais: «... acaba por minar a sua própria metodologia estruturalista e atomista e abrir caminho a duas orientações do estudo semântico que se afastam da posição estruturalista inicial: justamente a abordagem lógica ou formal, (decorrente do maior interesse pela formalização) e a abordagem cognitiva (resultante da perspectiva mentalista). »

internacional: Lakoff (1980, 1987), Johnson (1980, 1987) e Taylor (1989). No âmbito nacional, são também profusas as publicações recentes que indiciam a receptividade à semântica cognitiva. Salientamos, entre outros, os trabalhos de P.Lima (1989)¹¹, M. Vilela (1993, 96), C. Almeida (1995) e A. Silva (1992, 95 e 97).

1.2.1 Wittgenstein e a categoria «jogo»

Wittgenstein é, em qualquer fase introdutória de apresentação da semântica cognitiva, um marco de referência obrigatório. Ao analisar a categoria «jogo», o filósofo apercebeu-se de que não era possível defini-la em termos de *condições necessárias e suficientes*, uma vez que, se alguns jogos pressupõem diversão e outros competição, outros há que envolvem sorte (a roleta), e ainda outros que envolvem estratégia (o xadrez). Wittgenstein constatou que tal heterogeneidade era reflexo da não existência de propriedades comuns a todos os membros da categoria:

One might say that the concept «game» is a concept with blurred edges- ' But is a blurred concept a concept at all ? - Is an indistinct photograph a picture of a person at all ? Is it even always an advantage to replace an indistinct picture by a sharp

¹¹ O trabalho de P. Lima sobre o «Significado Avaliativo» foi, no quadro nacional, o primeiro a assumir claras afinidades com a semântica cognitiva, ainda que o próprio considere problemático o enquadramento disciplinar do mesmo. Isto porque, seguindo de perto o autor, se por um lado se justifica a sua inserção no domínio da filosofia da linguagem, a componente de semântica lexical não lhe é de modo algum estranha: «A descrição do significado de «bom» aqui empreendida revela certas afinidades com algumas análises semânticas ultimamente propostas em linguística, as quais giram à volta do fenómeno da polissemia e congéneres. O enquadramento deste trabalho, é, em geral, o da chamada «semântica cognitiva. » (P. Lima 1989: 10)

*one ? Isn't the indistinct one often exactly what we need ? (Wittgenstein 1953 :34)*¹².

Esta constatação implicou, em primeiro lugar, a proposta de uma noção basilar para o desenvolvimento da semântica cognitiva: o conceito de «parecenças de família» (*family resemblances*)¹³ e, por consequência, a visão das categorias como elementos despojados de limites rígidos, e por isso, passíveis de extensão, tendo qualquer um destes aspectos sido de influência determinante para as investigações que se sucederam no seio da linguística, nas décadas subsequentes.

1.2.2 Rosch e o conceito de protótipo

¹² Numa reflexão crítica sobre o pensamento de Wittgenstein, Givón (1986:78) considera que se trata de uma posição tão extremista quanto a visão dita tradicional: «The other extreme approach within the Western tradition is best represented by the 'late' Wittgenstein (1953). It holds that, first categories are non discrete and absolute but rather fuzzy-edged and contingent - upon the context/ purpose of their use, and second, that a family resemblance relation may often hold between the various members of the same category - or between the various categories or within a supra-ordinate meta-category. »

Givón conclui sobre a necessidade de encontrar uma solução de compromisso, isto é, uma solução híbrida (que será a Teoria do Protótipo): «Like Wittgenstein it allows for a non discrete continuum space within as well as between categories. Like Wittgenstein again, it concedes that natural cognitive and linguistic categories are not always - and perhaps are seldom defined in terms of a single or a few, criterial ('sufficient and necessary') properties. » (1986:79)

¹³ Servindo-se do já referido exemplo da categoria «jogo», Wittgenstein (1957: 32) explica a noção de «parecenças de família», na secção (67) de *Philosophical Investigations*: « I can think of no better expression to characterize the similarities than «family resemblances»; for the various resemblances between members of a family: build, features, colour of eyes, gait, temperament, etc, etc., overlap and criss-cross in the same way. - and I shall say: «games» form a family... »

Inspirada em Wittgenstein, E. Rosch (1975: 575) define a noção de «parecenças de família» da seguinte forma: « A family resemblance relationship consists of a set of items of the form AB, BC, CD, DE: That is, each item has at least one, and probably several, elements in common with one or more other items, but no, or few, elements are common to all items. The existence of such relationships in actual natural language categories has not previously been investigated empirically. »

Para uma exploração mais detalhada deste conceito poderá consultar-se, no âmbito nacional, o trabalho de P. Lima (1989: 251-269), o qual integra uma reflexão aprofundada sobre o conceito de «parecenças de família» de Wittgenstein.

Designados por M. Posner (1986:53) *Roshian Revolution*, os trabalhos desta investigadora, no domínio da psicologia cognitiva, revelaram resultados revolucionários no que respeita à estruturação interna das categorias, colocando em causa a concepção *clássica* de categorização. Em 1975, Rosch testa a possibilidade de definir *protótipo* como a representação abstracta de uma categoria, ou dos membros dessa categoria, com os quais os falantes comparam itens lexicais, a fim de fazerem julgamentos de pertença (1975:575). Surge, por consequência, uma nova visão da categorização alicerçada na noção de *protótipo*, a qual suscitou diversas experiências de foro psicolinguístico onde foram confirmadas hipóteses acerca das suas características:

... / the more an item has attributes in common with other members of the category, the more it will be considered a good and a representative member of the category. (Rosch 1975:582)

O mesmo será dizer que os itens lexicais com maior grau de «parecença de família» irão recair no centro do espaço semântico, definido por proximidade gradativa (Rosch 1975:583)¹⁴. Ver-se-á, por conseguinte, que esta visão se reflectiu e colheu resultados satisfatórios, no domínio interno da linguística¹⁵.

¹⁴ Rosch (1975: 602) considera que a divisão do mundo em categorias não é arbitrária: « Basic categories have, in fact, been shown to be the most inclusive categories in which all items in the category possess significant numbers of attributes in common, and, thereby, are used by means of similar sequences of motor movements and are like each other in overall appearance. »

¹⁵ Leia-se, a este respeito, o balanço feito por Geeraerts: « From its psycholinguistic origins, prototype theory has moved mainly in two directions. On the one hand, Rosch findings and proposals were taken up with formal psycholexicology (and more generally, information-processing psychology), which tries to divide formal models for human conceptual memory and its operation. On the other hand, prototype theory has had a steadily growing success in linguistics since the early 1980s, as witnessed by a number of monographs and collective volumes in which prototype theory and its cognitive extensions play a major role. »

1.2.3 A visão experiencialista da linguagem

Multiplicam-se a partir daqui os linguistas que reflectem sobre os problemas já equacionados por Wittgenstein e Rosch. Em meados da década de 70 a noção de *frame*, introduzida por C.Fillmore, evidencia claramente uma concepção experiencialista do conhecimento:

I use the word frame for any system of linguistic choices - the easiest case being collections of words, but also including choices of grammatical rules or grammatical categories - that can be associated with prototypical instances of scenes. (Fillmore 1975:124).

De facto, a visão ostentada pelo autor, em «An alternative to checklist theories of meaning», implica uma viragem na concepção do fenómeno da linguagem, pela importância que é atribuída a aspectos tradicionalmente considerados extralinguísticos. Fillmore defende a ideia de que o conhecimento é condicionado pelas experiências e pela memória de cada sujeito falante, ou seja, as expectativas acerca de determinadas situações surgem com base em experiências armazenadas na mente. Desta forma, na linha de pensamento do linguista, existe uma forte possibilidade de os protótipos serem fundamentalmente experienciais¹⁶.

Posteriormente, a concepção experiencialista da linguagem surge reforçada nos trabalhos de Lakoff (1980 e 1987). Ao demarcar-se abertamente desta visão

¹⁶ Isto porque: «On this view, the process of using a word in a novel situation involves comparing current experiences with past experiences and judging whether they are similar enough to call for the same linguistic encoding. » (Fillmore 1975: 57)

tradicional, por si designada *objectivismo*¹⁷, o autor propõe uma visão epistemológica alternativa, o experiencialismo:

In the new view, our bodily experience and the way we use imaginative mechanisms are central to how we construct categories to make sense of experience. (Lakoff 1987:xii)

A visão experiencialista vem sugerir necessariamente uma concepção diferente, não só das categorias, mas também da razão humana em geral. O pensamento é, de acordo com esta perspectiva, incorporado (*embodied*) e o núcleo do sistema conceptual assenta na percepção, no movimento corporal, na experiência física e na componente social¹⁸. Refira-se que esta posição é igualmente consubstanciada por Johnson (1987), para quem a experiência é um termo que deve ser entendido num sentido amplo, em virtude da multiplicidade de dimensões que compreende (linguísticas, emocionais, sociais, históricas, perceptuais, físico-motoras)¹⁹. Como veremos, posteriormente, a dimensão de experiência mais explorada pelo investigador é o movimento físico-motor, do

¹⁷ Lakoff (1987: xiii) salienta, no entanto, que a *teoria clássica* continua a ser uma teoria fortemente acreditada por duas razões: «The first is simply that it is traditional. The accumulated weight of thousand years of philosophy does not go away overnight. We have all been educated to think in those terms. The second reason is that there has been, until recently, nothing approaching a well-worked-out alternative that preserves what was correct in the traditional view while modifying it to account for newly discovered data. »

Esta ideia surge também corroborada por McVeigh (1996: 27) que considera a epistemologia ocidental fortemente dominada pelo dualismo, *i.e.*, por uma propensão para pensar em termos de dicotomias ou de oposições binárias: «Though dualism is often attributed to Descartes' formulations on the nature of mind and body, the tendency to frame the world in dualities has a long tradition and probably constitutes a deeply rooted folk theory. »

¹⁸ Aspectos cuja pertinência procuraremos validar no capítulo V do nosso trabalho.

¹⁹ Alega Johnson (1987: xvi) que a experiência humana deve ser entendida como um complexo de dimensões interactivas que facultam a compreensão da realidade: «... experience involves everything that makes us human - our bodily, social, linguistic, and intellectual, being combined in complex interactions that make up our understanding of the world. »

qual emergem, no seu entender, modelos inferenciais para a compreensão da realidade.

1.3 Semântica cognitiva: ruptura ou continuidade da *teoria clássica de categorização*?

Depois de tudo o que foi dito, poderá parecer desnecessária a questão lançada no título desta secção. No entanto, parece-nos que seria redutor abordar apenas um dos prismas da problemática do capítulo, limitando-nos a expor os pontos em que a semântica cognitiva constitui uma ruptura teórica e metodológica com os paradigmas anteriores. Contemplar o outro prisma impõe avaliar se a semântica cognitiva constitui ou não uma teoria inteiramente inovadora. Relativamente a esta questão salienta A. Silva (1997:29) que assistimos a um *retomar parcial* de determinados pressupostos teóricos e metodológicos de uma semântica anterior, a semântica histórico-filológica²⁰. De resto, encontramos em Geeraerts, uma avaliação exacta das afinidades com esta teoria semântica pré-estruturalista (1997:178):

- a) o interesse pela mudança e flexibilidade semântica, i.e., o interesse pela concepção dos conceitos lexicais como fenómenos polissémicos
- b) a aceitação da importância de aspectos psicologistas da linguagem
- c) a ausência de uma distinção rígida entre sentido e conhecimento enciclopédico
- d) a orientação hermenêutica .

²⁰ Relembramos que desde o século passado até à actualidade, a semântica lexical desenvolveu as seguintes grandes tendências: a corrente histórico-filológica (até 1930), a corrente estrutural (até 1975), e as correntes transformacional, lógica e cognitiva. (Para uma perspectiva detalhada sobre a história da semântica lexical veja-se Ullmann (1964:16) e para uma perspectiva mais abreviada poderá consultar-se A. Silva (1997: 26-27)).

Parece-nos, portanto, lícito afirmar que a semântica cognitiva constitui, em simultâneo, uma teoria de ruptura e continuidade, relativamente à abordagem clássica, sendo a ruptura, fundamentalmente, no que respeita à concepção autónoma da linguagem, consubstanciada nos paradigmas estrutural e generativo, e a continuidade relativa aos princípios da semântica histórico-filológica supra-mencionados. Será, todavia, abusivo referir que a ruptura, face aos paradigmas estrutural e generativo, aniquila radicalmente a validade das propostas metodológicas destas correntes. Mas vejamos, sumariamente, algumas das posições assumidas por linguistas do plano nacional.

M.Vilela (1993:78) defende a importância das teorias clássicas como ponto de partida para um qualquer estudo, advogando, todavia, a sua articulação com os princípios da semântica cognitiva. No seu ponto de vista, a definição do significado de uma palavra poderá ser feita com recurso a pressupostos, quer da corrente estruturalista, quer da corrente cognitivista:

A definição do significado das palavras é feita assim - por meio de traços, de conceitos, de unidades de significação construídas a partir do campo, do 'frame' ou do lugar no 'script'. Os traços resultantes das construções gramaticais activadas a partir de cada elemento lexical, são os dados com os quais definimos a unidade lexical . (M. Vilela 1997:4)

Relativamente à teoria dos campos lexicais, M.Vilela considera a noção de 'campo' fundamental, na medida em que os contrastes com as demais palavras são essenciais para a descrição do significado²¹. É, todavia, bem clara a sua defesa da

²¹ Refere M.Vilela (1997: 2) que: «Tome-se o caminho que se tomar, as palavras do campo definem-se sempre pela sua relação com as demais palavras do mesmo domínio. /.../ A noção de campo é portanto uma unidade organizacional do léxico. » De qualquer forma, o estudo

perspectivação da linguagem como domínio integrante da cognição²². Refere também o lexicógrafo que a concepção de léxico, enquanto *simples listagem de palavras com informação idiossincrática*, está definitivamente ultrapassada e que a linguagem figurativa, nomeadamente a metáfora, passou a ser encarada como mecanismo conceptual, mediador entre o espírito humano e a cultura. Desta forma, um dos pontos aliantes da teoria cognitiva é o facto de a sua tarefa não se limitar à explicação dos mecanismos de funcionamento da língua, mas também dos mecanismos de criação.

O apreço por determinados princípios da semântica estrutural é também claramente manifestado por A. Silva (1997). O linguista salienta a relevância de determinados aspectos metodológicos do estruturalismo, como, por exemplo, a análise componencial, para descrição do significado:

A análise componencial é um instrumento heurístico indispensável numa primeira fase da descrição semântica, justamente porque qualquer descrição e comparação de significações lexicais exige uma decomposição dessas significações. (A. Silva 1997:70)

A análise componencial é, por conseguinte, particularmente útil, de acordo com o linguista, não para a definição de um item lexical, mas para traçar o seu campo de aplicação. As limitações que a semântica cognitiva lhe aponta são o

onomasiológico não é rejeitado pela semântica cognitiva, pois esta última: «... interessa-se pela estrutura externa das palavras, isto é, pela sua integração em estruturas onomasiológicas, tais como campos lexicais. » (A. Silva 1997: 29)

²² Leiam-se exactamente as suas palavras: «... as línguas naturais fazem parte da cognição humana e como tal ligam-se a outros domínios, e isto aponta desde logo para a necessidade de investigação interdisciplinar. » (M.Vilela 1996: 325)

facto de esta assentar numa descrição do significado, como se este estivesse inserido num sistema fechado e autónomo. A. Silva reafirma que, de facto, os grandes princípios rejeitados pela semântica cognitiva são a definição da significação de um item lexical, através de um conjunto de traços semânticos *necessários* e *suficientes*, bem como a delimitação entre o nível semântico e o nível enciclopédico.

Contextualizada a proposta teórica que subscrevemos, estamos em posição de proceder à descrição dos principais considerandos teórico-metodológicos que utilizaremos para a abordagem cognitiva do verbo *colher*.

CAPÍTULO II - ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE SEMÂNTICA COGNITIVA

... *meaning is a cognitive phenomenon and must eventually be analyzed as such* .

(Langacker 1987a:5)

Ao sugerir que o significado é um fenómeno cognitivo, Langacker deixa claras as implicações teóricas desta proposta, a qual se reflecte, em primeiro lugar, na negação da universalidade da estrutura semântica e, em alternativa, na hipótese de que esta seja baseada em imagens convencionais; em segundo lugar, na tese de que a sintaxe não constitua um nível formal, mas seja, em vez disso, simbólica na sua natureza (léxico, morfologia e sintaxe formam, nesta óptica, um contínuo simbólico de estruturas); e, em terceiro lugar, na rejeição da distinção entre linguagem figurativa e linguagem literal (1987a: 3)²³.

Por conseguinte, esta visão supõe, na sua generalidade, a perspetivação da gramática como mecanismo *inerentemente simbólico*, implicando necessariamente a concepção do significado como estrutura conceptual e das unidades linguísticas como entidades sujeitas à *categorização* e estruturação com base em *protótipos*.

²³É todavia, o próprio autor, o primeiro a reconhecer que pelo carácter inovador das propostas apresentadas a teoria cognitiva é, na sua essência, algo ecléctica: « It speaks of imagery at a time when meaning is generally pursued with apparatus derived from formal logic. It claims the inseparability of syntax and semantics at a time when the status of syntax as an autonomous formal system is accepted by most theorists as established fact. It seeks an integrated account of various facets of linguistic structure at a time when received wisdom calls for specialized theories dealing with numerous separate domains. » (1987a: 1)

Categorização com base em *protótipos* será, por consequência, o tema central das próximas secções, segmentado em tópicos que versam o tratamento cognitivo das categorias verbais e os principais mecanismos de extensão do seu significado (*metáfora, metonímia e esquemas imagéticos*).

2.1 Categorização

Ainda numa fase embrionária deste estudo, tem sido elevada a frequência de uso do termo *categorização*, factor desde logo indiciante da sua centralidade no panorama geral da semântica cognitiva e no âmbito específico deste estudo. Torna-se, por conseguinte, necessário explicitar de que forma é que a corrente cognitivista entende a referida noção. Viver, na sua multiplicidade de dimensões, pressupõe categorizar. Ficou convincentemente demonstrado por Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff (1987) que até aos mais elementares actos da vida quotidiana subjaz um processo de categorização. Argumenta, todavia, Lakoff, que se trata de um fenómeno muito mais complexo do que à primeira vista possa parecer. Isto, porque, na medida em que o processo de categorização é, em grande parte, automático e inconsciente, pode parecer, ao mero utente da linguagem, que as categorias da mente são o reflexo directo das categorias que existem no mundo. São, porém, os domínios abstractos de experiência a mais larga fatia da categorização:

...the large proportion of our categories are not categories of things, they are categories of abstract entities. We categorize events, actions, emotions, spatial relationships, social relationships and abstract entities of an enormous range:

governments, illnesses and entities in both scientific and folk theories, like electrons and colds. Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for all our categories, both concrete and abstract. (Lakoff 1987:6)

De acordo com esta linha de pensamento, considera-se que as unidades linguísticas estão sujeitas à categorização e que a experiência visual, física e social dos falantes, terá de ser encarada como componente com papel activo na estruturação dessas mesmas unidades. Lakoff e Johnson sustentaram as suas investigações de 1980 e 1987 no pressuposto de que *ver implica tipicamente categorizar*. Tal concepção implica, obviamente, a existência de uma relação estreita entre a experiência visual e a criação de imagens mentais convencionais²⁴.

2.2 Categorias prototípicas

A visão supra-mencionada implica uma concepção prototípica das categorias linguísticas, as quais são, no âmbito da semântica cognitiva, encaradas como reflexo das categorias conceptuais, exibindo, por consequência, uma estrutura semelhante a estas. Geeraerts, linguista inscrito numa *versão alargada* da teoria do protótipo²⁵, considera que o termo categoria pode ser entendido como o

²⁴ Lakoff (1987: 127) ilustra esta ideia com o exemplo da visualização de uma árvore: «... seeing a tree involves categorizing an aspect of our visual experience as a tree. Such a categorization in a visual realm general depends on conventional mental images: you categorize some aspect of your visual experience as a tree, because you know what a tree looks like. In such cases where such categorizations are unproblematical, we would say that you really saw a tree. »

²⁵ A investigação de Kleiber (1990) sugere a compartimentação da teoria do protótipo em dois momentos, por si designados como: *versão padrão* e *versão alargada*. Assim, numa fase inicial dos estudos sobre categorização linguística (*versão padrão*), considerou-se que o protótipo corresponderia ao exemplar de uma categoria que surge mentalmente em primeiro lugar e que é reconhecido mais rapidamente como membro dessa categoria. A tal concepção subjazem definições como: *o melhor exemplo de uma categoria, o exemplo mais saliente de uma categoria, o caso mais claro de pertença a uma categoria, os membros centrais e típicos de uma categoria*.

conjunto das várias leituras (*readings*) de um item lexical, onde se encontram, linguisticamente incorporados, um conjunto de aspectos «extralinguísticos», numa base de propriedades comuns. Adverte, contudo, o autor, que esta noção pode remeter para um sentido mais amplo:

Specifically, it may also refer to the semantic side of a lexical item as a whole, that is, to the cluster of interrelated readings that together constitute the intensional level of the semantic analysis. (Geeraerts 1997 :20)

Uma concepção prototípica das categorias implica a existência de uma terminologia que explique, cabalmente, as diferenças de peso estrutural, dentro da estrutura semasiológica de um item lexical. Essas diferenças são, conforme evidenciado por Geeraerts (*Ibidem*:20), expressas através do conceito de *saliência* (*greater structural weight equals greater cognitive salience*). Leia-se a forma como A.Silva descreve, fundamentado em Geeraerts, as categorias prototípicas:

As categorias (itens) lexicais apresentam uma estrutura prototípica /.../, isto é, os vários membros e propriedades de uma categoria possuem geralmente diferentes graus de saliência /.../, agrupam-se fundamentalmente por similaridades parciais /.../ e sobrepõem-se (parcialmente); por outro lado, os limites entre si bem como entre as diferentes categorias são geralmente imprecisos.... (A. Silva 1997: 18-19)

Por sua vez, a *versão alargada*, pressupõe a consideração de que a noção de protótipo é, ela própria, prototípica.

Também Lakoff (1987: 58) sustenta a ideia de que as categorias linguísticas denotam *efeitos de prototipicidade*, rejeitando a hipótese de entender os protótipos como elementos organizacionais de uma categoria. Contrariamente, defende que os protótipos terão de ser encarados como fenómenos de superfície resultantes da estrutura das categorias. De acordo com o referido autor, a ubiquidade dos efeitos prototípicos na linguagem é detectável, não só a nível conceptual, mas, por exemplo, através de uma análise das categorias linguísticas (sejam elas categorias fonológicas, morfológicas, ou categorias sintáticas).

Do texto citado extraem-se três propriedades fundamentais. Primeiro, as categorias integram um exemplar(es) conceptualmente mais saliente(s) e membros não prototípicos ou periféricos. Segundo, a similaridade entre os membros constitutivos pode ser apenas parcial²⁶. Terceiro, a fluidez de fronteiras não permite uma separação rígida com as categorias vizinhas. As categorias deverão, desta forma, ser tão informativas quanto possível para que o falante possa reter o máximo de informação com o mínimo possível de esforço²⁷. Tal condição implica que o sistema cognitivo combine estabilidade estrutural com flexibilidade, devendo ser suficientemente *maleável* para se adaptar às circunstâncias em constante mudança no mundo exterior. No entanto, este sistema só poderá trabalhar de forma eficiente, se não mudar a totalidade da sua estrutura cada vez que lidar com novas circunstâncias²⁸.

Acrescenta ainda Geeraerts que a estrutura conceptual dos itens lexicais deverá facultar-lhes o armazenamento de todo o conhecimento categorial e torná-lo cognitiva e comunicativamente acessível, sem que, contudo, essa flexibilidade

²⁶Recorde-se o conceito de «parecença de família» de Wittgenstein, referido no capítulo anterior.

²⁷Sendo a categorização considerada a função primária da linguagem, ela constitui um meio de simplificação do ambiente e de redução da informação armazenada, tal como é referido por Markman (1989: 10): « Categories not only embody knowledge but also are means of extending it. »

Pode ler-se em Geeraerts (1997: 113) a mesma ideia, as categorias prototípicas deverão combinar densidade informativa, estabilidade estrutural e flexibilidade: «Prototypical categories are cognitively efficient because they enable the subject to interpret the new data in terms of existing concepts; on exceptional patterns, with regard to experience, prototypically organized categories maintain themselves by adapting themselves to changing circumstances. »

²⁸Note-se que também para Langacker (1987a: 374) o mecanismo de extensão é necessariamente baseado num julgamento de categorização: «The extension is based on the categorizing judgment [[TREE] ____ [PINE]]. The observation of similarity permitting this judgment takes the form of a conception (TREE') that embodies the commonality of [TREE] and [PINE] but it is sufficiently schematic in relevant respects to eliminate their conflicting specifications... » No caso em referência, esse julgamento de categorização deverá neutralizar a diferença entre 'folhas' e 'agulhas'.

se torne uma característica aleatória. Deverá, pois, haver um número de princípios que restrinja a extensão semântica²⁹. A concepção em foco leva à visão de que as categorias são prototipicamente estruturadas e fornecem princípios interpretativos para lidar com a realidade em constante mudança. Geeraerts sublinha, por conseguinte, que a teoria do protótipo, enquanto descrição abstracta da função epistemológica, constitui uma teoria interpretativa³⁰.

2.3 Categorias verbais

Fizemos, até ao momento, a resenha do perfil das categorias prototípicas. Todavia, porque o nosso estudo incide concretamente sobre um verbo, torna-se necessário expor a forma como esta classe gramatical é perspectivada no quadro teórico da semântica cognitiva. Afigura-se, simultaneamente, relevante apresentar alguns dos principais contributos para o estudo das categorias verbais, nomeadamente: o conceito de *dinâmica de força* de Talmy (1988), o «modelo de bola de bilhar» de Langacker (1991), o protótipo de causalidade de Lakoff (1987) e o protótipo de transitividade de Taylor (1989).

As categorias verbais são descritas por Langacker como conceptualmente dependentes, na medida em que a sua conceptualização pressupõe, inerentemente,

²⁹ De facto, para Geeraerts, a prototipicidade tem, por si só, uma função restritiva. As categorias prototípicas exploram as suas potencialidades polissémicas, cada ‘nuance’ pode ser incorporada dentro da categoria através da similaridade que estabelece com o protótipo. Isto pressupõe dizer, de acordo com o referido investigador, que a flexibilidade dos itens lexicais prototipicamente organizados é, em larga medida, um mecanismo de «polissemização» (polysemization).

³⁰ No fundo, as novas experiências são interpretadas à luz das experiências antigas, as quais constituem, até certo ponto, um padrão de expectativas: « Prototype theory not only describes the interpretative processes and structures underlying natural language use, it does so on an interpretative basis. » (Geeraerts 1997:175)

referência às entidades através das quais se manifestam. O verbo representará, por conseguinte, de acordo com a visão consubstanciada por este autor, uma estrutura simbólica cujo pólo semântico perfila um processo de conceptualização, correspondente à evolução temporal de uma situação, envolvendo uma série de estados contínuos que representam diferentes fases. Antes, porém, de nos determos sobre esta sequência interaccional, abordaremos, sucintamente, um conceito físico que lhe subjaz : *a força*.

2.3.1 A *força*: uma base experiencial para as categorias verbais

Argumenta Johnson (1987:13) que o ser humano começa a apreender o conceito de *força* desde o dia em que nasce³¹. As primeiras interacções com o meio-ambiente passam, desde então, a constituir modelos incorporados que formam estruturas coerentes e significativas ao nível pré-conceptual³².

A *força* é, por conseguinte, experimentada através da interacção. Johnson confere-lhe, por isso, o estatuto de *gestalt*, à qual atribui as seguintes propriedades: qualidade de vector, isto é, expressão de uma direcionalidade, existência de uma origem ou fonte, e graus de intensidade, passíveis de quantificação matemática

³¹ De acordo com o autor supra-citado, essa aprendizagem é experimentada em simultâneo com as primeiras interacções com o meio-físico: « Soon we begin to realize that, we, too, can be sources of force on our bodies and on other objects outside us. We learn to move our bodies and to manipulate such as we were centers of force. Above all, we develop patterns for interacting forcefully with our environment - we grab toys, raise the cups to our lips, pull our bodies through space. » (Johnson 1987: 13)

³² Refere Johnson (1987: 13) que: «These patterns are embodied and give coherent, meaningful structure to our physical experience at a *preconceptual* level, though we are eventually taught names for at least some of these patterns and can discuss them in abstract. Of course we formulate a *concept* of “force”, which we can explicate in propositional terms. But its meaning - the meaning it identifies - goes deeper than our conceptual and propositional understanding . »

(1987: 42-44). Nesta ordem de ideias, a experiência de *força*, via interacção, implicará sempre uma estrutura de causalidade (Johnson 1987: 44). Veremos, na secção posterior, onde será abordada a noção de *esquemas de imagem*, que, de acordo com o referido investigador, existem várias estruturas de *força* que operam permanentemente na nossa experiência quotidiana e que estruturam, a nosso ver, entre outras categorias, a categoria verbal *colher*.

2.3.2 O conceito de *dinâmica de força* de Talmy

A centralidade linguística da *força* surge também teorizada em Talmy (1988) sob a designação de *force-dynamics* (dinâmica de força), a qual apresenta, no seu quadro teórico, uma relação estreita com a noção de causalidade (1988: 49):

“ Force dynamics ” refers to a previously neglected semantic category- how entities interact with respect to force. This category includes such concepts as: the exertion of force, resistance to such exertion and the overcoming of such resistance /.../. Force dynamics is a generalization over the traditional linguistic notion of “causative”...

O referido conceito supõe a existência de duas entidades intervenientes, sendo a *força* focal o *agonista* (*agonist*), entidade que exerce prototipicamente a *força* e o *antagonista* (*antagonist*), a *força* opositora, ou contra-*força*. Talmy considera, todavia, que o conceito físico de *dinâmica de força* é igualmente

extensível a domínios não físicos³³. Ou seja, a linguagem projecta a ideia física de *dinâmica de força* (FD) no domínio interno das interacções mentais, e esta extensão permite explicitar um padrão sistemático para os itens lexicais que envolvem uma *psico-dinâmica*, nomeadamente, os verbos modais do Inglês que constituíram um dos seus objectos de estudo (1988: 77-88)³⁴. Adiantamos que as concepções de *dinâmica de força* e de *psico-dinâmica* nos parecem de aplicação fértil na expressão dos vários tipos de interacções configurados pelo verbo *colher*.

2.3.3 O « modelo bola de bilhar » de Langacker

Também fundamentada numa concepção de *força/energia* é a perspectiva de Langacker. Como já referimos (*secção 2.3*), de acordo com este linguista (1991:13), os verbos designam interacções energéticas com objectos físicos discretos, os quais são passíveis de se moverem no espaço e de contactarem uns com os outros, através da *energia* recebida do interior ou exterior³⁵. Quando a *força* resulta do contacto físico, a *energia* é transmitida da entidade movente para o objecto impelido, o qual pode, a partir daí, ser colocado em movimento, para

³³ A *dinâmica de força* é para Talmy uma das mais proeminentes categorias organizadoras da linguagem: « ... the linguistic force dynamics system operates in a common way over physical, social, inferential and mental model domains of reference and conception. » (1988: 96)

³⁴ Além da temática supra-referida, Talmy aplica, no mesmo estudo, a noção de *dinâmica de força* às categorias verbais «make» e «let» (1988: 62-64) e ao processo de argumentação, nomeadamente aos conectores discursivos como, *despite* e *moreover* (1988: 88-90).

³⁵ Langacker (1991: 14) contrapõe as interacções aos objectos físicos: «Interactions are maximally opposed to physical objects/.../. An interaction does not reside in physical substance, but in transfer of energy and the change thereby induced. Time and not space is thus an interaction's domain of instantiation, and the domain in which we think of it as being located. /.../ an archetypal interaction is discrete, compact and continuous along the temporal axis, but spatially expansive... »

participar em outras interações. Esta forma de conceber o mundo é denominada pelo autor *modelo bola de bilhar* («billiard-ball model»):

*This archetypal folk model exerts powerful influence on both every-day and scientific thought, and no doubt reflects fundamental aspects of cognitive organization. Our concern here is with its linguistic import, particularly its role in providing the conceptual basis for certain grammatical constructs. Among these constructs are the universal categories **noun** and **verb**. (Langacker 1991:14)*

No seguimento do que foi dito, o caso mais elementar de interacção entre duas entidades, é representado por Langacker da seguinte maneira:

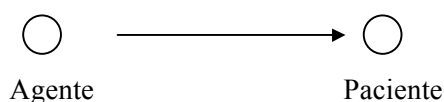


Figura 1: Interacção agente-paciente

Ora, Langacker considera que o tipo de interacção representado pela figura (1) corresponde à oração transitiva prototípica, onde as noções tradicionais de sujeito e objecto directo encontram caracterização esquemática (a oração transitiva constituirá, deste ponto de vista, um esquema de construção). Este tipo de oração comporta, por conseguinte, uma concepção das funções semânticas, não como constructos linguísticos, mas como concepções pré-linguísticas, fundamentadas na experiência. Por conseguinte, neste quadro de referência, os participantes (papéis semânticos), surgem com um estatuto *arquetípico*³⁶, termo que salienta fundamentalmente o seu carácter não linguístico.

³⁶Langacker (1991: 285) deixa clara a sua posição ao salientar que determinadas concepções pré-linguísticas têm, necessariamente, que ser incluídas na caracterização do significado linguístico : « I do not believe that semantic roles are first and foremost linguistic constructs, but rather pre-

2.3.3.1 Os papéis arquetípicos de agente e paciente

A referência ao *modelo bola de bilhar* suscita, necessariamente, a descrição sumária dos papéis de *agente* e *paciente*: o *agente arquetípico* será a fonte de energia volitiva que inicia a cadeia de acção e, como tal, o responsável pela sua ocorrência. O mesmo será dizer que esta entidade inicia intencionalmente uma actividade, através de um contacto físico que resulta de uma transferência de *energia* para um objecto externo (Langacker 1991:285). Por sua vez, o *paciente arquetípico* será um objecto inanimado que absorve a *energia* transmitida por via externa e, através dessa absorção, é submetido a uma mudança interna de estado.

A nível da estrutura frásica, Langacker descreve quer o sujeito (agente), quer o objecto directo (paciente), como participantes focais (ou *arquétipos semânticos*), sendo o sujeito o participante mais proeminente da frase e o objecto o segundo participante mais proeminente, caracterização que pressupõe uma assimetria sujeito-objecto.

2.3.4 Manipulação directa e protótipo de transitividade

Igualmente relevantes para o estudo das categorias verbais são as contribuições de Lakoff (1987:54) e Taylor (1989:207). Os dois linguistas centraram a sua atenção sobre a oração transitiva, perspectivando, todavia, a sua

linguistic conceptions grounded in every-day experience. Like any other conceptualization they can however be invoked as part of the meaning of linguistic expressions on the characterization of

análise à luz do conceito de *protótipo*. Tanto Lakoff como Taylor consideram que as construções transitivas prototípicas se revestem de um conjunto de propriedades interaccionais, caracterizadoras do papel das entidades intervenientes.

A definição de Lakoff para as entidades agente e paciente apresenta, a nosso ver, compatibilidade com a de Langacker. Assim, o agente é definido como entidade humana, dotada de intencionalidade, que, fazendo uso de uma determinada parte do corpo ou de um instrumento, efectua uma acção. O paciente é a entidade afectada pelo contacto físico do agente. Vejamos, então, o conjunto das propriedades interaccionais descritas por Lakoff (1987: 54-55):

1. *Há um agente que faz alguma coisa.*
2. *Há um paciente que é submetido a uma mudança de estado.*
3. *As propriedades 1. e 2. constituem um único evento; sobrepõem-se no tempo e no espaço; o agente entra em contacto com o paciente.*
4. *Parte do que o agente faz, precede a mudança do paciente.*
5. *O agente é a fonte de energia; o paciente é o alvo da energia; há uma transferência de energia do agente para o paciente.*
6. *Há apenas um agente e um paciente definidos.*
7. *O agente é humano.*
8. *O agente deseja a acção; está em seu controlo; detém a responsabilidade tanto da acção, como da mudança.*
9. *O agente usa as mãos o corpo, ou um instrumento.*
10. *O agente está a olhar para o paciente, a mudança sofrida pelo paciente é perceptível e o agente apercebe-se da mudança³⁷.*

A descrição exposta leva a concluir que o núcleo prototípico do conceito de causalidade, a *manipulação directa*, não é um termo primitivo semanticamente

inanalísável, mas sim uma *gestalt*, que consiste, naturalmente, em propriedades que formam um todo na experiência quotidiana dos sujeitos falantes³⁸. O mesmo tipo de raciocínio é corroborado por Taylor, que, para descrever o fenómeno transitivo, parte de uma série de parâmetros semânticos, enquadrados na fórmula sintáctica : «NP₁ V_{trans} Np₂ » (SN₁ V_{trans} SN₂). SN₁ e SN₂ correspondem, respectivamente, ao sujeito e objecto directo e V_{trans} corresponde a verbo transitivo:

... the meaning of the construction again has the status of an experientially primitive gestalt, cognitively simpler than of its component parts. Indeed, it would probably be true, to say that each of the following properties is understood relatively to a prior understanding of the gestalt; the gestalt does not emerge from the summation of independently conceptualized attributes. (1989 :207)

Verifica-se que, quer Taylor, quer Lakoff, insistem na visão global da interacção, isto é, na sua percepção como uma *gestalt*, ou seja, como um todo cognitivamente mais simples do que as suas partes³⁹.

Parece-nos que, no âmbito de estudo das categorias verbais, as concepções apresentadas não são incompatíveis, constituindo, antes, visões complementares. Na parte B, será, por conseguinte, intentada uma conciliação das visões expostas,

³⁷ Tal como salienta Lakoff (1987:55), a linguística apresenta como exemplos mais representativos do evento causal, frases do tipo: *Max broke the window*, ou, *Brutus killed Caesar*.

³⁸ Lakoff (1987: 54) acrescenta ainda que a causalidade é um conceito prototipicamente estruturado: « Causation is represented in the grammar of most languages - and usually not just one kind of causation, but a variety of kinds /.../ category kinds of causation shows prototype effects in the ways that they are represented in natural languages. These effects are relatively uniform across languages. »

³⁹ Refere Taylor (1989: 249) que a transitividade prototípica se situa a nível da percepção *gestalt*: «Prototypical transitivity, then presupposes a conceptualization of events at a certain level of categorization, rather than at subordinate levels. The same applies to the participants in a transitive event. One may focus attention on any arbitrary part of the agent or patient, and agent and patient may themselves be seen as parts of larger conglomerations of entities. Yet agent and

às quais se acrescentará o contributo de Newman (1997), autor que não integrámos neste capítulo, em virtude do carácter fundamentalmente prático das suas considerações.

2.4 Mecanismos de extensão das categorias

A referência a Talmy (*secção 2.3.2*) suscitou, antecipadamente, a alusão ao conceito de extensão. Através da sua concepção de *dinâmica de força*, constatámos que os conceitos físicos motivam, pela sua simplicidade estrutural, a possibilidade de extensão a domínios de apreensão não imediata. Cumpre então saber que tipo de mecanismos é que sustentam a extensão do significado.

2.4.1 Metáfora e metonímia

Verificámos, até aqui, com base no exemplo específico das construções transitivas, que as unidades linguísticas estão sujeitas à categorização que, por sua vez, dá origem a estruturas com base em protótipos e que estas estruturas tendem a ser tipicamente polissémicas. Por conseguinte, na base da extensão semântica, isto é, no alargamento de um determinado item lexical a outros significados ou a outras aplicações semânticas, deverá existir um padrão regular que permita conceptualizar a grande fracção da realidade constituída por domínios

patient are not conceptualized as conglomerations of parts, nor as parts of larger configurations, they are conceptualized as *gestalts*, functioning within a unitary event. »

abstractos, *existentes* e *emergentes*, no mundo circundante⁴⁰. A tese de Lakoff & Johnson (1980) apresenta a metáfora e metonímia como padrões regulares, *i.e.*, mecanismos conceptuais para a extensão das categorias⁴¹. O ponto fundamental da referida investigação reside na hipótese de que as noções abstractas são conceptualizadas à luz de noções familiares e concretas. Tal pressuposto constituirá, no desenvolvimento do nosso trabalho, a trave-mestra da abordagem cognitiva de *colher*.

Acontece, porém, que, tradicionalmente, a metáfora e a metonímia têm sido encaradas como figuras de estilo ao serviço da retórica, concepção que poderá ser imediatamente questionada a partir de uma observação atenta de qualquer acto comunicativo quotidiano, ou através de um simples passar de olhos por qualquer jornal ou revista⁴². São elevados os níveis de utilização de qualquer dos dois mecanismos, frequentemente associados ao fenómeno da criação poética ou literária⁴³. Vejam-se, a título de exemplo, alguns enunciados directamente relacionados com o nosso *case study*:

⁴⁰ Salienta M.Vilela (1996: 324) que: « Os cognitivistas não pretendem fazer grandes incursões na história da metáfora, ou estabelecer os caminhos percorridos pelos estudiosos da metáfora, mas tão somente definir de modo muito linear a metáfora, quer em si mesma, quer em relação à metonímia e à sinédoque, e sobretudo mostrar como as três figuras são fundamentais na construção da linguagem, quer como criações novas, quer como processos de configuração da realidade circundante: a existente e a emergente. »

⁴¹ A investigação psicolinguística da linguagem figurativa começou na década de 70. Desde então, a metáfora tornou-se um tema efervescente no âmbito das investigações interdisciplinares. Um inventário sobre os títulos publicados sobre a metáfora, revelou a existência de mais de 11.000 publicações. (C. Cacciari & S. Glucksberg 1994 : 448)

⁴² No prólogo de *Foundations of Cognitive Grammar, Descriptive Application*, Langacker evidencia a centralidade da metáfora no quadro teórico da gramática cognitiva : « Of prime importance is the growing recognition that *metaphor* is a pervasive and fundamental aspect of our mental life; far from being merely decorative, it is a vehicle for understanding (even constructing) our experience that generally transcends individual linguistic expressions... » (1991: 8)

⁴³ A propósito da ubiquidade da metáfora refere Gibbs (1994: 414) que: « If one assumes that people engage in conversation for as little as 2 hours per day, a person would utter 4.7 million novel and 21.4 million frozen metaphors over a 60 year life span, /.../ these, admittedly crude,

- (2) *Bruxelas **colhe** com hesitação a nova proposta do governo português para a redução do défice público. (TSF, 13-06-98)*
- (3) *Santana **colhe** Marcelo de surpresa na questão do referendo sobre a regionalização. (Antena1, 3-07-98)*
- (4) *Dois cidadãos madeirenses foram, na noite passada, **colhidos** em flagrante, quando realizavam filmagens pornográficas com rapazes de Câmara de Lobos. (Canal 1, 11-05-98)*
- (5) *Governo está a **colher** os frutos que semeou. (Expresso, 12-07-97)*

Não é, por conseguinte, necessário efectuar um levantamento exaustivo de exemplos comprovadores da vastidão e frequência da metáfora e da metonímia⁴⁴ no discurso oral e escrito da vida quotidiana, para sustentar a importância destes dois mecanismos. Ora, a constatação de que os conceitos não emergem directamente da realidade e de que necessitamos, por isso, de suportes de conceptualização, abre perspectivas a uma nova visão do léxico. As categorias passam a ser vistas como portadoras de estruturação interna e de propriedades de extensionalidade, compatíveis com a mutabilidade da realidade «extralinguística».

Obviamente que a visão cognitiva da metáfora e da metonímia infirma a hipótese pragmática, a qual considera estes mecanismos aspectos anómalos ou

analyses clearly demonstrate that figurative language is not the special privilege of a few gifted speakers but it is ubiquitous throughout both written and spoken discourse. »

⁴⁴Se se pretender estabelecer uma distinção rudimentar entre *metáfora* e *metonímia*, dir-se-á que a primeira supõe uma relação de similaridade e a segunda, uma relação de contiguidade, todavia, a perspetivação cognitiva dos dois mecanismos sustenta que essas relações poderão não ser necessariamente reais mas, mentais. A. Silva (1997:46) considera que a metáfora deverá ser vista como uma relação paradigmática entre entidades de diferentes domínios de experiência, ao passo que a metonímia será, fundamentalmente, uma relação sintagmática, entre entidades de um mesmo domínio experiencial. O linguista reitera a ideia de que nem toda a similaridade é metafórica, para isso, dá como exemplo a relação entre o membro prototípico da categoria ave (o pardal) e o membro periférico (o pinguim). Neste caso específico a similaridade é real, o mesmo não acontecendo quando se utiliza a expressão «ele é uma ave rara» que é de índole metafórica.

defectivos da língua⁴⁵. Contrariamente a esta concepção, metáfora e metonímia, adquirem, na tese de Lakoff (1987), o estatuto de modelos cognitivos idealizados (ICMs-*idealized cognitive models*), denominação que explicita as suas características fundamentais: *cognitivos* porque estão intimamente relacionados com aspectos da experiência humana; *idealizados*, porque fornecem uma forma convencionalizada de compreender a experiência⁴⁶.

A metáfora constitui, nesta óptica, um *structural mapping*, isto é, a projecção de uma estrutura que estabelece as ligações entre um domínio-origem (*source model*) e um domínio alvo (*target model*)⁴⁷. Tome-se como exemplo um enunciado integrado no *corpus* coligido para análise do verbo *colher*:

(6) O investigador **colheu** ideias inovadoras durante a conferência luso-americana.

⁴⁵Referem C.Cacciari & S.Glucksberg (1994: 456) que a semântica generativa e a pragmática: «...consider metaphors to be incongruous or otherwise defective statements, either semantic or pragmatically. According to the version derived from generative semantics, metaphors are anomalous. Metaphoric sentences cannot be understood in terms of their literal meanings because rules of semantic and syntax composition are violated ». /.../ the second and the more influential version of the incoherence view is based on speech act theory. On these view metaphors are «defective» if taken literally. »

⁴⁶Será escusado dizer que esta concepção rejeita categoricamente o conceito de *metáfora lexicalizada*, já que de um ponto de vista cognitivo, as metáforas que foram construídas inconscientemente e que correspondem a convenções de longa data, serão as de maior importância. Todavia, para que não restem dúvidas, leia-se claramente em Gibbs (1994: 416) porque é que a semântica cognitiva considera erróneo o conceito de metáfora lexicalizada: « The mistake derives from an assumption that things in our cognition that are most active and alive are those that are conscious. On the contrary, those that are most alive and most deeply entrenched, efficient, and powerful are those that are so automatic as to be effortless. »

⁴⁷De referir que nem tudo são «louros» para Lakoff. Por exemplo, C.Cacciari & S.Glucksberg (1994: 446) consideram que a sua proposta lança dois problemas empíricos: « /.../ are conceptual structures that he hypothesizes actually in human semantic memory, that is, are they available ? /.../ At a more important level, are such conceptual mappings fixed and universal properties of the conceptual system? » Os autores fazem ainda uma outra crítica à proposta de Lakoff: « /.../ Lakoff's proposals seem to leave little room for spontaneous novelty and creativity. In principle, all new metaphorical assertions are instantiations or elaborations of conceptual structures already existing in semantic memory. »

Assumindo que esta ocorrência constitui uma extensão semântica de *colher*, nela operam dois domínios distintos: o domínio agrícola (*source*) e o domínio de pesquisa/investigação (*target*). A metáfora permitirá, assim, a transposição de conceitos de um domínio concreto (*source*) para um domínio abstracto (*target*)⁴⁸. Poder-se-á, por conseguinte, dizer que os *mappings* metafóricos permitem dar a uma categoria uma estrutura concreta, tangível, realçando aspectos particulares e ocultando outros⁴⁹. No caso concreto do enunciado acima apresentado, servir-se-á o falante do esquema configurado pela significação espacial de *colher* para categorizar outros domínios de experiência abrangidos pelo verbo ? Se assim é, que relações se estabelecem entre cada um desses domínios?

2.4.2 Esquemas imagéticos

Lakoff, em *Women, Fire and Dangerous Things* e Johnson, em *The Body in the Mind*, conferem um papel central à noção de *esquema imagético*. Para o primeiro, tais estruturas experienciais básicas operam a um nível de organização mental que se situa entre estruturas proposicionais abstractas e imagens concretas. *Esquemas imagéticos* são, por conseguinte, *partes* ou *relações* que emergem da actividade sensório-motora, da percepção de acções e de eventos, revestindo, por

⁴⁸ Lakoff & Johnson (1980: 4, *passim*) usam como exemplo paradigmático o modelo cognitivo de ‘discussão’, explicitando as conexões que se processam entre o *domínio origem* e o *domínio alvo*. O conceito abstracto ‘discussão’ é, de acordo com os autores, estruturado com base numa realidade física concreta: a ‘guerra’.

⁴⁹ Também, conforme evidenciado por Johnson (1987: xii), a metáfora é uma estrutura imaginativa da compreensão humana que influencia a natureza do significado e simultaneamente restringe as nossas inferências.

isso, um carácter dinâmico. Um esquema, entendido nesta perspectiva, fornece ao falante, um modelo recorrente de forma e de regularidade, com um duplo papel:

Image schemas play thus two roles: They are concepts that have directly-understood structures of their own, and they are used metaphorically to structure other complex concepts . (Lakoff 1987: 283)

Por sua vez, Johnson propõe uma visão idêntica à de Lakoff. Para o filósofo, os *image schemata* são estruturas abstractas e *maleáveis* que definem partes, ou relações estruturais, emergentes do movimento e percepção física:

The view I am proposing is this: in order for us to have meaningful connected experiences that we can comprehend and reason about, there must be a pattern and order to our actions, perceptions, and conceptions. A schema is a recurrent pattern, shape and regularity in, or of, these ongoing ordering activities. These patterns emerge as meaningful structures for us chiefly at the level of our bodily movements through space, our manipulation of objects, and our perceptual interactions. (Johnson 1987:29)

Dos vários tipos de *relações e partes*, interessa-nos, sobretudo, destacar duas estruturas experienciais básicas: o *esquema de contentor* e o *esquema origem-percurso-destino*, por antevermos que sejam os mais directamente relevantes na análise de *colher*. Refere Lakoff que a base experiencial do *esquema de contentor* é o corpo humano, na medida em que este constitui a *barreira/fronteira* através da qual operamos a distinção dentro-fora. A orientação física dentro-fora é, desta forma, experiencialmente básica, por ser determinada, quer através de movimentos, quer através de manipulações. O *esquema de contentor* possui, por

consequente, três elementos estruturais: *interior*, *fronteira*, *exterior*. Por sua vez, o esquema *origem-percurso-destino* (*source-path-goal schema*) possui como fundamento experiencial, o facto de para chegar a determinada meta/destino ser necessário passar por uma sequência de pontos intermediários que formam um percurso. Os elementos estruturais deste esquema são, por consequência, um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada. (Lakoff 1987: 275)

2.5 Constituição de um *corpus*-opção metodológica no quadro da semântica cognitiva

Traçadas as principais linhas do quadro teórico, é também necessário definir a forma como constituímos o *corpus* que sustenta a análise de *colher*. Antes, porém, salienta-se que, metodologicamente, a semântica lexical prevê a possibilidade de recurso a três métodos distintos de análise: introspecção (método intuitivo)⁵⁰, a recolha de dados, com recurso a inquéritos e experiências (observação do que é que um conjunto de falantes entende sobre o significado de determinada palavra), e a análise de «corpora linguística», que consiste na observação do uso de determinada palavra. Ainda que, com peso diferente, utiliza-se, neste trabalho, qualquer um dos três métodos referenciados.

⁵⁰ Para Wierzbicka a intuição e o pensamento são os melhores métodos de análise (1985: 19): «...to understand the structure of the concept, means to describe fully and accurately the idea (not just the visual image of a typical representative of the kind: that is to say, the prototype. And to describe it fully and accurately we have to discover the internal logic of the concept. This is best done not through interviews, not through laboratory experiments, and not through reports of casual, superficial impressions or intuitions (either of informants' or the analyst himself, but through methodological introspection and thinking. »

Servimo-nos, como ponto de partida, dos dicionários, tendo em vista dois objectivos principais: em primeiro lugar, investigar o primeiro sentido lexicograficamente atribuído ao verbo *colher* e, em segundo lugar, inventariar os principais valores semânticos que compõem a sua entrada lexical⁵¹. Efectuámos, simultaneamente, inquéritos linguísticos⁵². Tal procedimento constitui um dos métodos mais usuais no campo dos estudos sobre prototipicidade, patente, por exemplo, em E. Rosch (1973, 75 e 77). Será, pois, pertinente referir que a sua investigação empírica consistiu num controlo rigoroso da frequência de palavras, ainda que, de acordo com a investigadora, o nível de ocorrência deva ser apenas interpretado como *sintoma de prototipicidade*. Como tal, julgamos que a consulta a informantes poderá fornecer uma base mais sólida à verificação da hipótese sobre o valor prototípico de *colher*, conjuntamente com a articulação entre esses resultados, a informação lexicográfica e a nossa intuição de falante do português.

A articulação dos dois procedimentos anteriores com um *corpus* de ocorrências provenientes de fontes diversas (textos orais e escritos, recolhidos, na sua grande maioria, entre 1996-98) visa complementar os inquéritos e fornecer exemplos contextualizados das extensões semânticas de *colher*. Coligimos extractos de noticiários de diferentes canais televisivos, estações de rádio e

⁵¹Reconhece-se obviamente que um estudo de ordem conceptual ficaria incompleto se se restringisse à informação conferida pelas entradas lexicais dos dicionários, especialmente porque, tal como salienta Wierbicka (1985: 11), a lexicografia careceu durante muitos anos de princípios teóricos rígidos: «... yet the methodology of lexico-semantic analysis has not progressed very far, at least in the sense that no consensus has emerged among scholars as to what its basic principles should be. Certainly the continuous lexicographic practice of the last two centuries has developed certain routines, certain habitual devices. But the theoretical assumptions implicit in these routines have seldom been the subject of serious analysis. »

⁵²Estamos todavia cientes dos perigos e limitações que envolvem este método de análise, na medida em que tal como adverte A. Silva (1997: 69) : «... os inquéritos, mesmo os construídos no sentido de acederem à maior informação e à mais variada, correm sempre o risco de não

excertos de jornais. Este *corpus* espelha os usos mais frequentes do verbo, questão que não conseguimos resolver na sua totalidade nem com recurso aos dicionários, nem por intermédio dos inquéritos.

Traçado o quadro teórico e metodológico que utilizaremos para a proposta de análise experiencialista do complexo polissémico de *colher*, emergem as três principais linhas da abordagem que desenvolveremos na parte B. Primeiro, a partir da representação prototípica e da descrição das suas dimensões estruturantes, procurar-se-á evidenciar a importância de aspectos da experiência físico-motora, nomeadamente, movimento/ deslocação, trajectória e *manipulação directa*, na organização interna do verbo. Segundo, descrever-se-á o perfil e o papel dos participantes focais (agente e paciente) na interacção prototípica. Terceiro, analisar-se-ão as sucessivas diferenças de configuração das entidades focais nas várias extensões semânticas de *colher*, procedendo a uma avaliação sistemática do peso e da influência das componentes de experiência cultural e física na coerência interna do complexo polissémico, na sua globalidade.

conseguirem obter determinadas dimensões. Aquilo que as pessoas *pensam fazer* com as palavras não é a mesma coisa do que essas mesmas pessoas *realmente fazem* com elas. »

PARTE B

CAPÍTULO III - DA REALIDADE «EXTRALINGUÍSTICA» À INFORMAÇÃO LEXICOGRÁFICA

Les significations sont le premier patrimoine de groupes humains et l'instrument de leur devenir. Par elles, tout l'avenir communique avec le plus lointain passé.

(Nickees 1998 :341)

Será possível conhecer o significado de uma palavra, independentemente do nosso conhecimento do mundo exterior? McVeigh (1996:30) dá resposta a esta questão, quando afirma que o mundo mental dos sujeitos falantes é produto de um processo sociocultural composto por um tecido complexo de experiências imediatas, vividas via perceptual e físico-motora e experiências partilhadas no seio de determinada comunidade linguística⁵³.

Esta visão contém o pressuposto de que a semântica é enciclopédica e, como tal, não obstante existirem dimensões centrais e dimensões periféricas, toda a informação disponível acerca de uma palavra contribui, em maior ou menor escala, para a caracterização do seu significado⁵⁴. Situamo-nos, por conseguinte,

⁵³ Leiam-se as palavras exactas de McVeigh (1996:30): «Our mental worlds are the products of sociocultural processes which are based on the interchange of qualities of the bodily and the cultural, of things and values, using the analogies from the sensate and observable world to describe and define psychological events. » Também Taylor (1989: 83) salienta a importância do conhecimento do mundo na compreensão do significado linguístico: «Meanings are cognitive structures, embedded in patterns of knowledge and belief. »

⁵⁴ É óbvio que há facetas da significação que não são suficientemente distintivas a ponto de fazerem parte da definição. Tal como refere Geeraerts (1997: 19): « Encyclopaedic information /.../ is information that pertains to the members of the extension but that is not included in the definition because it does not apply to all members of the extension or because it is not sufficiently distinctive with regard to other categories. »

num quadro teórico que infirma a separação formal entre *conhecimento linguístico/ conhecimento enciclopédico*⁵⁵.

Assumindo a centralidade da *experiência* humana em sentido lato (Johnson: 1987:xvi)⁵⁶ no estudo da estrutura semântica interna dos itens lexicais polissémicos, explorar-se-ão, neste capítulo, algumas facetas do significado do verbo *colher*, tradicionalmente consideradas não relevantes para a descrição do significado linguístico, partindo daí para uma abordagem lexicográfica, onde será investigada a forma como a informação «extralinguística» se encontra compendiada e hierarquizada na entrada lexical⁵⁷. Perguntar-se-á porquê o recurso à informação lexicográfica num estudo cognitivo. A resposta é claramente dada por Ungerer (1996:21), para quem a procura de informação sobre o conteúdo de uma categoria no dicionário é um procedimento natural, na medida em que as categorias cognitivas são *rotuladas* por palavras, cuja listagem organizada é facultada pelos dicionários. No âmbito deste trabalho, tal consulta constituirá, obviamente, apenas um procedimento de partida.

⁵⁵ Recorde-se que, para Langacker (1994:18), a separação dicotómica entre estes dois tipos de conhecimento é insustentável: «...I assume an encyclopedic view of linguistic semantics which denies the existence of any precise or rigid line of demarcation between knowledge that is linguistic and 'extra-linguistic'. »

Esta posição surge claramente assumida em trabalhos anteriores do mesmo autor, nomeadamente, (1987a:154): «The distinction between semantics and pragmatics (or between linguistic and extralinguistic knowledge) is largely artifactual, and the only viable conception of linguistic semantics is one that avoids such dichotomies and is consequently encyclopedic in nature. »

⁵⁶ Refira-se que utilizamos a expressão « experiência em sentido lato » para designar as várias facetas da interacção humana com o mundo circundante, nomeadamente, as descritas por Johnson (1987: xvi): « 'Experience' is then to be understood in a very rich, broad sense as including basic perceptual, motor-program, emotional, historical, social and linguistic dimensions. »

3.1 *Colher*: uma experiência directamente emergente do meio-físico

Reflectir sobre o significado do verbo *colher* pressupõe, necessariamente, integrá-lo num domínio fundamental da experiência, motor dos sucessivos estádios da evolução da espécie humana: a agricultura, actividade predominante numa fase ainda incipiente da espécie, caracterizada por um modelo de vida nómada e baseada na luta pela sobrevivência num espaço inóspito. Imagina-se facilmente que, no período que antecedeu a etapa da humanidade que o sociólogo A.Toffler (1984:10)⁵⁸ designa *civilização da primeira vaga*, as primeiras interacções com o meio-ambiente tenham consistido apenas na *recollecção* de espécies vegetais espontaneamente produzidas pelo solo⁵⁹.

A conversão paulatina do posicionamento rudimentar de mera *recollecção* numa actividade metódica e cíclica, estruturada por um nexos de causa-efeito, transforma a simples recolha/aproveitamento em produção. Tal atitude inaugura, historicamente, a *colheita agrícola* racionalizada (*primeira vaga*), claramente

⁵⁷Os dicionários são, como salienta Vilela (1995 :75), um repositório da experiência humana: « Seria impossível fazer a história do mundo e descrever a natureza e a história da ciência sem os dicionários ou as enciclopédias. »

⁵⁸ Refere este investigador de tendências sociais que: «Até agora a espécie humana suportou duas grandes vagas de mudança, cada uma das quais obliterou largamente anteriores culturas ou civilizações e substituiu-as por modos de vida inconcebíveis para os que chegaram antes. A Primeira Vaga de mudanças - a revolução agrária - levou milhares de anos a esgotar-se. A Segunda Vaga- a ascensão da civilização industrial levou uns meros trezentos anos. Hoje a história é ainda mais acelerativa e é provável que a Terceira Vaga assale e se complete em poucas décadas. » (A. Toffler 1984: 14)

⁵⁹ Detemos, por alguns momentos, a nossa atenção em aspectos da experiência histórica, porque, tal como salienta Geeraerts (1997:181), esta tem um carácter dinâmico que se reflecte necessariamente na estrutura das categorias: «...human experience is historical. While the fundamental laws of the physical world do not change overtime, human activity is evolutionarily open and historically dependent on the specific circumstances in which people live. Individuals and cultures have an history, an accumulation of experience that influences their further experiences and their way of expressing them. In this sense, the interest of pre-structuralist and post-structuralist semantics in diachrony of language is a natural consequence of the historicity

distinta da concepção de *colheita natural*, pela sistematicidade de trabalho por si incorporada, o qual se distribui por um conjunto de tarefas a efectuar numa ordem linear e calendarizada, a fim de que o culminar da sequência (*colher*) seja directamente proporcional ao esforço investido. A racionalização desta actividade facultou, por conseguinte, a infra-estrutura para o desenvolvimento de uma economia agrária que esteve na base da expansão económica até à era industrial (*segunda vaga*).

*

*

*

Se as marcas deixadas pelo acto racionalizado de *colher* são indissociáveis da história económica mundial, também a evolução histórico-económica da sociedade portuguesa não escapa a essa tendência. A título exemplificativo, podemos referir que, em meados da década de 60, mais de 1/3 da população portuguesa empregava as suas *forças biológicas* no sector primário da actividade económica⁶⁰. Se os dados reportados a esta data apontam para valores de tal teor, poder-se-á extrapolar, também com base na leitura de textos informativos do início do século, que o sector agrícola seria ainda mais predominante na vida nacional⁶¹ :

of the human experience that the hermeneutical conception considers to be the core subject matter of human sciences. »

⁶⁰ De acordo com os dados avançados pelo *Bilan du Monde, L'année économique et sociale 1996*, (1997:18), em 1965 os valores médios para os países industrializados eram na ordem dos 26%. Portugal, em virtude do seu desenvolvimento económico inferior, apresentaria certamente valores superiores.

⁶¹ Refere Geeraerts (1997: 181) que: «...the language that expresses experience is not a separate realm of reality, the methodology of linguistics is just as encyclopaedic as the experience itself. While the experience that is being expressed is an encompassing phenomena in which feelings, thoughts, memories, expectations, etc. come together, the interpretative methodology of the human sciences will ideally be an interdisciplinary fusion of the historical, psychological, anthropological and linguistic research. »

- (7) *Produz-se em todo o concelho milho, vinho, azeite, centeio, abundantes hortaliças e deliciosas frutas, chegando o milho a ser colhido em tal quantidade, que há necessidade de o exportar. (Fragoso:569)*
- (8) *... e que as nossas frutas colhidas nas árvores do vale da folia, em Remoais, Prado, Vila (Fragoso:232 .*
- (9) *... - todo o vinho que este ano colhi está nestes dois pipos ... (Fragoso:526)*
- (10) *E todavia, as frutas que se colhem em Chaves são deliciosas e poderiam ser por isso um rendoso produto de exportação. (Carvalho:10)*
- (11) *Interessante é vê-la empoleirada na escada alta a colher as uvas criadas no carinhoso amparo dos braços nodosos das velhas carvalheiras ou ceifeiras esbeltas.... (Fragoso:104)*
- (12) *... os quantitativos dos três géneros - milho, centeio e trigo - colhidos na área do concelho em 1934, ultrapassam respectivamente 10.000.000,..../..../ litros.» (Fragoso:146)*

Numa sociedade onde o processo de industrialização ocorreu tardiamente, em relação às mais avançadas sociedades da Europa e do mundo, a actividade agrícola constituiu, mais do que uma mera fonte de rendimento, uma base de vivências e experiências partilhadas, uma forma de *entender e simplificar* a realidade circundante. Exemplo disso é o vasto legado através do qual a «vox populi» portuguesa tem comunicado, através dos tempos, esse *saber de experiência feito*. Pelo seu estatuto experienciador de interacções constantes com o espaço físico agrícola, o agricultor expressa, através do texto proverbial, visões prospectivas das relações de causa-efeito entre as condições climatéricas e a *colheita agrícola*⁶². Leiam-se alguns exemplos:

A mesma ideia é corroborada por A.Silva (1997:17): « O estudo semântico não pode ignorar a experiência e o meio cultural do falante, já que, sendo a linguagem um dos «instrumentos» conceptuais básicos do homem, ela tem por função cognoscitiva interpretar, organizar, fixar e exprimir a experiência humana, própria de um indivíduo ou de uma cultura. »

⁶²Recorda-se que, numa perspectiva pragmática, os provérbios representam muitos dos estereótipos do saber que emerge das interacções com os objectos e com os outros seres, no mundo circundante, tal como A. Lopes (1995: 84) refere: « A presença da modalização

- (13) *Maio couveiro não é vinhateiro.*
(14) *Maio hortelão muita palha pouco grão.*
(15) *Em Junho, fouce em punho.*
(16) *Feno alto ou baixo em Junho é cegado.*
(17) *Quem não debulha em Agosto, debulha com mau gosto.*
(18) *Não é bom o mosto, colhido em Agosto.*
(19) *Agosto madura, Setembro vindima.*
(20) *Em Outubro, colhe tudo.*

Não se afigura, obviamente, relevante dissertar sobre as vicissitudes do agricultor em tempo de *colheita*. Interessa sim, em síntese, salientar que, por se tratar de um verbo directamente ligado à satisfação das necessidades vitais de consumo e ao enquadramento ecológico do homem, *colher* terá, necessariamente, do ponto de vista linguístico, uma importância funcional. Adiantamos, por isso, que este verbo constitui, a nosso ver, uma *gestalt experiencial*, isto é, uma estrutura coerente e significativa (Lakoff 1980:224)⁶³, passível de formar, na

epistémica /.../ coaduna-se plenamente com o estatuto de *topos* ou lugar comum do provérbio. Com efeito ao serem validadas pelo corpo social, as proposições expressas surgem como argumentos de autoridade consensualmente aceites, que os falantes podem invocar para justificar ou rebater determinada elocução. »

⁶³De acordo com Lakoff & Johnson (1980: 224), uma *gestalt* emerge como um todo estruturado, a partir da nossa interacção com o meio ambiente: «... our experience is structured holistically in terms of the experimental gestalts. These gestalts have a structure that is not arbitrary. Instead, the dimensions that characterize the structure of gestalts emerge naturally from our experiences. »

Também Johnson (1987: xix) confere uma importância fundamental às referidas estruturas, considerando-as directamente relacionadas com os *esquemas de imagem*: « My argument begins by showing that human bodily movement, manipulation of objects, and perceptual interactions involve recurring patterns without which our experience would be chaotic and incomprehensible. I call these patterns ‘image schemata’, because they function primarily as abstract structures of images. They are gestalt structures, consisting of parts, standing in relations and organized into unified wholes, by means of which our experience manifests discernible order. » Como já referimos, reservamos para o capítulo subsequente uma discussão aprofundada desta problemática.

mente dos falantes, uma imagem estruturada, suporte para raciocínios complexos de inferência (questão que discutiremos em pormenor no capítulo subsequente)⁶⁴.

3.2 Colher: um modelo para compreensão de domínios abstractos

A civilização humana entrou já, de acordo com o sociólogo A.Toffler (1984: 9), na *terceira vaga* (era tecnológica e informática) e, cada vez mais, dar sentido à experiência implica categorizar uma multiplicidade de conceitos que irrompem de uma sociedade edificada a partir de uma economia super-simbólica⁶⁵. A complexidade da experiência humana está, todavia, longe de datar da época contemporânea, constituindo um fenómeno primordial e indissociável de uma espécie que se distingue das restantes espécies animais pela capacidade de raciocinar.

A utilização de raciocínios imaginativos para a compreensão/explicação do mundo encontra-se registada na civilização ocidental através do texto bíblico, composto a partir do séc. X a.c., onde a metáfora é recorrentemente utilizada como mecanismo de simplificação de realidades dificilmente apreensíveis. Aí encontramos diversos empregos metafóricos de itens lexicais, dos quais

⁶⁴ Johnson (1987: 208) alerta para a importância da percepção *gestalt*, a qual se situa ao nível básico da categorização: « Such a level of organization permits us to function well most of the time. It is the level defined by gestalt perception of overall shape, by our capacities for motor movement in interaction with the object, and by our ability to form rich mental images of the object. » Não estamos, neste trabalho a falar de objectos, mas de interacções. Contudo, consideramos esta descrição extensível às categorias verbais.

⁶⁵ Ao explicar as mudanças sociológicas que estão a sofrer as sociedades de *terceira vaga*, A.Toffler (1991: 96) refere que: « Até as operações de inteligência mediana que ainda requerem manipulação física de coisas se estão a tornar conhecimento-intensivas, subindo no espectro do trabalho intelectual. » Verifica-se, por conseguinte, que a língua em geral, terá necessariamente que reflectir esta tendência crescente e ubíqua para a abstracção.

destacamos os do verbo *colher* e do substantivo *colheita*, associados a aspectos obscuros da existência humana e a áreas envoltas em pudor, como por exemplo, a fecundidade, a sexualidade e a morte⁶⁶. As analogias entre o domínio de experiência agrícola e as referidas áreas de apreensão não imediata revelam que existirá um modelo estruturado e organizado que permite a compreensão de um domínio em termos de outro. É aqui que, de acordo com Johnson (1987:209), emerge o papel da metáfora⁶⁷.

3.2.1 Metáforas primordiais de origem bíblica

Profundamente *enraizada* no pensamento da Civilização Ocidental, a imagem da *maçã da árvore da sabedoria* constitui um exemplo saliente da estruturação metafórica da experiência humana. Relata o livro do *Genesis* que Deus proferiu a sentença de expulsão do Jardim do Éden, por causa da desobediência cometida por Eva, que *colheu*, indevidamente, o *fruto proibido*. As interpretações convencionalizadas do significado desta metáfora indicam que a maçã simboliza, genericamente, o pecado ou tudo aquilo que, não obstante ser interdito, se procura com empenho e persistência, sendo a grande motivação a

⁶⁶Refere P. Bonnaure (1996:59) que: « La métaphore est une vieille connaissance: son usage était largement répandu dans l'antiquité, quand le langage était insuffisamment riche et les populations, globalement peu cultivées. L'enseignement du Christ, largement métaphorique, faisait volontiers appel à une petite cousine, la parabole, plus allégorique. »

⁶⁷ Salienta o autor que: « To make sense of our experience /.../ we also need ways to understand one domain of experience in terms of structures from a domain of a different kind, that is, we need metaphor ». (Johnson 1987: 209) Como já referimos, reservamos para os capítulos subsequentes uma discussão aprofundada do papel da metáfora na organização do conhecimento.

própria proibição. Leia-se, por exemplo, este excerto retirado do *Cântico dos Cânticos*⁶⁸:

(21) *Quão encantadora és, meu amor, minhas delícias. O teu porte assemelha-se ao da palmeira, e os teus cabelos são os seus cachos. Eu disse: «subirei à palmeira e colherei os seus frutos...»*⁶⁹

Directamente associado ao excerto transcrito está também o facto de a sexualidade e fertilidade da mulher serem, por vezes, identificadas, no texto primordial, com determinados aspectos da actividade agrícola⁷⁰. Para além dos valores metafóricos referidos, verifica-se que, no texto bíblico, o ciclo da actividade agrícola é transposto para a vida dos homens, a qual, de acordo com a fé cristã, não termina com a morte⁷¹. Em Mt 13 sugere-se que a *colheita* simboliza o fim do mundo - *o dia do juízo final*, tal como se pode ler no texto explicativo da *Parábola do Joio* :

(22) *Aquele que semeia a boa semente é Filho do Homem; o campo é o mundo, a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno e o inimigo que o semeia é o diabo. A ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos. Assim, pois, como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será o fim do mundo.*

⁶⁸ Estas interpretações encontram-se, de resto, atestadas por dicionários de símbolos: «... a maçã comida por Adão e Eva, a maçã do Cântico dos Cânticos /.../ trata-se em todos os casos, duma forma de conhecimento, mas que é, ora o fruto da árvore da vida, ora da árvore da ciência do bem e do mal. » (Chevalier 1982: 427)

⁶⁹ Bíblia Sagrada, Cântico dos Cânticos-VI.

⁷⁰ Salienta Chevalier (1982: 643) que: «Na literatura identifica-se muitas vezes a terra fértil com a mulher: sulcos semeados, lavoura e penetração sexual, parto e colheita, trabalho agrícola e acto gerador, colheita de frutos e aleitamento, a relha do arado e o falo do homem. »

⁷¹ Os dois domínios em referência, são um exemplo claro da estruturação do conceito abstracto *ressurreição*, através de uma área de experiência física directa. A metáfora, adquire, nesta perspectiva, um estatuto particular, tal como refere Johnson (1987: xv): « ... metaphor is not merely a linguistic mode of expression; rather, it is one of the chief cognitive structures by which we are able to have coherent, ordered experiences that we can reason about and make sense of. »

Esta ideia sugere que as acções do homem atingem, tal como as plantas, a maturidade, sendo então contabilizadas e *colhidas* por Deus que reserva para si a decisão soberana. Poderíamos invocar outros extractos bíblicos, ilustrativos dos usos metafóricos de *colher*, no entanto, os dois exemplos descritos afiguram-se suficientes para demonstrar que o significado de *colher* transcende o domínio da actividade agrícola, alargando-se a domínios de experiência abstractos, tais como a área disfórica da *morte*, ou domínios ligados à *sexualidade e ao erotismo*. Não se alongará mais esta visão introdutória sobre o universo «extralinguístico» de *colher*, na medida em que demonstrámos já que, para além de exprimir uma interacção básica, este verbo engloba sentidos metafóricos convencionalizados que permitem antever a existência de um complexo polissémico denso (rico em valores semânticos).

3.3 Breve perspetivação lexicográfica

A transposição da nossa análise para o plano lexicográfico - um mundo formal, organizado e circunscrito a definições breves e sequencialmente organizadas - impõe agora um enfoque mais restrito sobre o significado de *colher*. Seria insustentável, no âmbito do trabalho do lexicógrafo, resenhar todas as dimensões de sentido de determinado lexema, razão pela qual, uma caracterização *tipo-dicionário* supõe necessariamente uma selecção das propriedades semânticas

mais centrais de um item lexical⁷². O carácter *convencional* dessas propriedades será, em princípio, um dos critérios que determina tal centralidade⁷³. No âmbito da investigação da estrutura semântica interna dos itens lexicais polissémicos, trabalhos recentes em lexicologia histórica, nomeadamente os de Sweetser (1990), Geeraerts (1997) e A. Silva (1997), obviamente consagrados a diferentes itens lexicais, têm demonstrado o potencial explicativo de estudos etimológicos em fenómenos como a polissemia e a mudança semântica. Não contemplamos neste trabalho uma investigação diacrónica, por dificuldades de acesso a fontes documentais comprovativas dos desenvolvimentos semânticos de *colher*, o que não invalida, no entanto, uma investigação muito sumária de fontes contemporâneas⁷⁴.

De acordo com J.P.Machado (1977), o verbo *colher* provém da forma latina *colligere*, cujo primeiro significado remete para o domínio básico do espaço, onde se instancia a actividade agrícola (*tirar, desprender do ramo flores, ou frutos*). A referida informação é complementada por outros dicionários de línguas

⁷²Na opinião de Dubois (1971: 99) : «...le dictionnaire retient surtout les éléments courants par voie de conséquence, les stéréotypes les plus étroits, les formulations les plus banales....»

⁷³Tal como salienta Langacker (1987a: 159) a concepção enciclopédica do léxico não pressupõe que todas as dimensões de sentido tenham de figurar na definição. O autor serve-se do exemplo da categoria «gato»: « The cultural association of cats with witchcraft and Halloween can not be put on a par with a specification of their size and shape: the former is purely contingent, whereas the latter are essential properties that have to be adduced in any serious attempt to explain someone a cat in any serious attempt to explain to someone what a cat is. »

⁷⁴Dubois (1971: 108) esclarece a pertinência de um estudo etimológico: «....l'étymon indique non seulement le début, mais en quelque sorte le *concept fondamentale* sous-jacent à toutes les valeurs, tous les senses du mot: l'item lexical est défini en compétence par une suite de traits minimaux, les plus essentiels étant contenus dans l'étymon. »

Sobre a importância deste tipo de investigação refere também Nyckees (1998:340) que: «... l'élaboration des significations codées dans une langue n'est pas intelligible si on ne les rapporte pas à l'expérience de groupes humains où elles se sont développées. Or chaque époque réorganise les significations dont elle hérite et tend à effacer les traces des organisations antérieures. Il s'ensuit que la théorie sémantique ne peut progresser de façon significative sans s'appuyer sur la linguistique historique et l'étymologie. »

românicas, nomeadamente Toisoul (1937), J. Corominas (1980) e Moliner (1986), onde se lê que *colligere* é um derivado do verbo latino *legere*:

COGER, del lat. **COLLIGERE**, ‘coger’, ‘recoger’, ‘allegar’, derivado de **LEGERE** ‘coger’, ‘escoger’, ‘leer’ /.../ «coger»: « recoger los frutos de la tierra; frente al castellanismo *cozer*, ‘agarrar’.. (J. Corominas 1980 :120)⁷⁵

Encontramos a mesma hipótese corroborada em Cálvet (1996), que atribui à raiz *leg*, os significados *reunir*, *coger* e *elegir*⁷⁶:

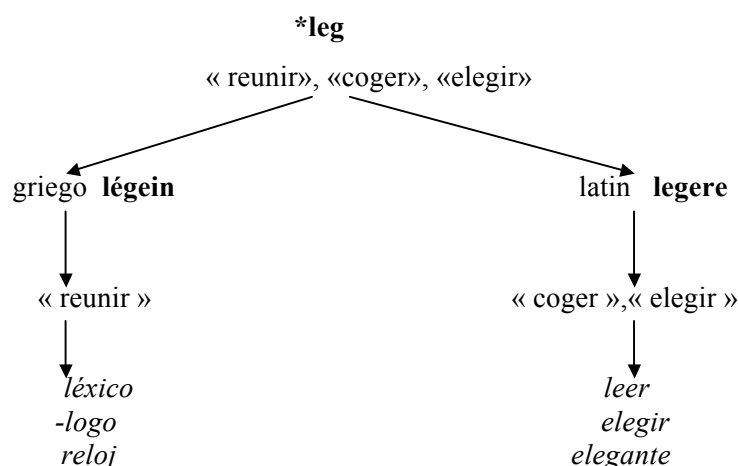


Figura 2: Hipótese de Cálvet (1996) sobre a origem etimológica de *colher*

Não dispomos de dados concretos que permitam proceder ao estudo da estrutura interna destes complexos semasiológicos, mas a informação coligida autoriza-nos a inferir que os valores semânticos registados nas entradas lexicais

⁷⁵ Leia-se também o que diz Toisoul (1937: 240) : *cueillir*: « du l. **legere**, **colligere**, prendre, choisir, rassembler, détacher de la tige, des fleurs, des feuilles, des fruits, récolter - cueillir des lauriers, acquérir de la gloire...», ou ainda no dicionário Moliner (1986: 658), o qual corrobora os anteriores: (Lat. «colligere», de «légere», coger...).

⁷⁶ De acordo com este autor, desenvolveram-se, a partir da raiz «leg», vários valores semânticos: «No asombrará a nadie que una misma raíz, * **leg**, pueda significar al mismo tiempo «coger», «reunir», y «elegir». Esta raíz va a tener en griego y en latín dos derivados diferentes y, sin embargo, paralelos: **légein** conserva en griego el sentido de «reunir» y toma el de «decir» («juntar palabras»), mientras que **legere** conserva en latín el sentido de «coger», y toma el de «elegir» e «leer» («juntar as letras»). » (Cálvet 1996: 91)

de *legere* e *colligere* se direccionam num sentido concreto-abstracto (leia-se novamente entrada de J. Corominas, na página anterior, e também o dicionário de Latim-Português de A. Fereira:1988). Será, porém, que esta organização do complexo polissémico prevaleceu até ao momento actual ?

3.3.1« Protótipo lexicográfico »

Partindo da hipótese de que a metodologia de organização dos sentidos de determinado lexema obedece a um critério frequencial, poder-se-á considerar que a entrada lexical *reflecte*, ou procura *reflectir*, a organização mental das categorias armazenadas na mente dos sujeitos falantes, as quais são prototipicamente estruturadas. Com base nesta analogia poderemos considerar que o primeiro sentido da entrada lexical de *colher* corresponderá, à partida, ao seu valor mais prototípico⁷⁷. A selecção assimétrica de dicionários portugueses e luso-brasileiros de diferente envergadura e data de publicação revela um consenso geral por parte dos lexicógrafos quanto ao valor semântico mais frequente de *colher*:

-
- | | |
|------------------|--|
| (L. Freire 1941) | (1) Tirar ou separar da haste (flores, frutos ou folhas). |
| (A. Bivar: 1948) | (2) Tirar das árvores ou das plantas. |
| (A. Moreno:1961) | (3) Desprender das árvores (frutos), cortar (flores), apanhar (exemplares de plantas). |

⁷⁷ Esta suposição parece-nos absolutamente válida, na medida em que partir do sentido mais frequente de uma palavra constitui um dos métodos utilizados pelos lexicógrafos para ordenação das acepções, tal como é referido por Dubois (1971: 89) : «Ou bien qu'on va du sens plus fréquent au sens le moins fréquent /.../ ou bien on va du sens historiquement le plus ancien au sens le plus récemment apparu dans la langue. Ou enfin on ordonne les sens selon les principes de la logique aristotélécienne (cet ordre pouvant d'ailleurs se travestir en ordre historique ...)» Encontra-se, neste extracto evidência para valorizar o primeiro sentido atribuído pelas entradas lexicais.

(A. Morais:1959)	(4) Tirar ou separar da haste.
(A. Costa:1976)	(5) Tirar da planta os frutos, flores ou folhas.
(A. Morais:1980)	(6) Tirar, separar da haste, recolher para uso, flores frutos ou folhas.
(J. Machado:1981)	(7) Tirar ou separar da haste, flores, frutos.
(Aurélio:1986)	(8) Tirar, desprender (flores, frutos ou folhas) do ramo ou da haste, apanhar.
(C.Aulete:1987)	(9) Tirar, separar da haste (flores, folhas ou frutos).
(M.Vilela: 1991)	(10) Apanhar da terra ou tirar do pé (flores) ou das árvores frutos.
(AAVV:1995)	(11) Tirar (frutos) das árvores, cortar (flores), apanhar (plantas).

Figura 3: Protótipo lexicográfico de *colher*

Torna-se, no entanto, necessário deixar claro que a frequência de ocorrência de determinado exemplar (no caso em análise, de um valor semântico), não constitui, *per se*, um argumento sólido para lhe atribuir o estatuto de protótipo. Adverte a prudência que, para já, se tomem estes dados tão somente como *sintoma de prototipicidade*. É também verdade que os estudos cognitivos de complexos polissémicos não têm utilizado os dicionários como principal via para encontrar o protótipo de uma dada categoria, privilegiando a metodologia de consulta a informantes, trabalho que também efectuámos, mas que reservamos para objecto de análise do capítulo subsequente⁷⁸.

3.3.2 Multi-referencialidade

A civilização humana está a viver a infância da *terceira vaga* e as palavras que compõem o léxico complexificam-se, respondendo às necessidades

⁷⁸ Veremos, posteriormente, que dicionários e consulta a informantes constituem dois procedimentos complementares, na medida em que qualquer dos dois possui as suas limitações. Se, por um lado, a consulta a informantes é, por si só, limitativa no que respeita ao estudo da extensão da categoria, ela permite, por outro lado, um acesso mais directo às intuições e usos linguísticos mais frequentes dos sujeitos falantes. Ora, a semântica cognitiva deverá constituir, de

comunicativas urgentes de uma sociedade quase inteiramente subjugada por valores abstractos. A *estrutura dinâmica* do pensamento e da acção humanas reflecte-se, por conseguinte, nas categorias conceptuais (Geeraerts 1997:115) e *colher* não escapa, naturalmente, a essa tendência global do léxico do limiar do século XXI. Não será, por isso, de estranhar que a entrada lexical de *colher* enumere, actualmente, 24 valores semânticos (Aurélio:1986)⁷⁹ que remetem para múltiplos domínios de experiência humana.

Abstemo-nos de expôr aqui os contextos de actualização de cada um desses valores, na medida em que a sua diferenciação nos parece sobretudo observável, não através da globalidade do contexto frásico, mas a partir dos diferentes tipos de referente, configurados em objecto directo. Apresentamos, em alternativa, uma simplificação da entrada lexical de Aurélio (1986), a qual torna patente a estrutura compósita do verbo:

<i>Colher</i> - valores	variação no tipo de referente
(1) Tirar, desprender	(<i>flores, frutos, folhas</i>)
(2) Tirar, apanhar, recolher	(<i>água</i>)
(3) Recolher, apanhar	(<i>redes</i>)
(4) Colectar, coligir, arrecadar	(<i>contribuições</i>)
(5) Acheigar, aproximar, acolher	(<i>pessoa</i>)

acordo com Langacker (1991:6, *passim*), um *modelo baseado no uso*, tornando-se, por isso, legítimo recorrer a todas as fontes que facultem o acesso a esses usos.

⁷⁹ Seleccionou-se este dicionário por se tratar de um dos dicionários da língua portuguesa com maior densidade informativa, esperando encontrar aí o máximo possível de informação sobre o verbo *colher*.

(6) Apanhar, pegar ⁸⁰	(borboletas)
(7) Surpreender, apanhar	(alguém, pessoa)
(8) Adquirir, obter, conseguir	(informações)
(9) Atingir, alcançar	(alvo)
(10) Alcançar, obter	(louros)
(11) Amainar, recolher	(velas)
(12) Apreender, perceber, inferir	(sentido)
(13) Receber, acolher	(sentido)
(14) Segurar, pegar, prender	(pessoa)
(15) Segurar, ferrar	(freio)
(16) Atropelar, derrubar	(pedestre)
(17) Ter plantação, cultivar	(feijão)
(18) Arrumar	(cabo, espia, corrente)
(19) Depreender, inferir, deduzir	(facto)
(20) Receber, acolher	(criança, alguém)
(21) Encontrar, apanhar, surpreender	(adversário)
(22) Ter o que colher	
(23) Proceder à colheita	
(24) Ser concludente	(dedução)

Figura 4: Quadro-síntese da entrada lexical de *colher* em Aurélio (1986).

No cômputo geral, verificamos que o verbo *colher* conceptualiza, actualmente, diferentes tipos de interacções, cuja amplitude se estende dos eventos com *inserção* espacial e dispêndio de energia real (*tirar, desprender, separar, apanhar*), até aos eventos não directamente instanciados em coordenadas espaciais (*depreender, deduzir, inferir...*). A distinção rudimentar que estamos a estabelecer e que aprofundaremos no capítulo quinto é, aliás, constatável, a partir das assimetrias de configuração entre os vários tipos de referentes que constam da entrada lexical: comparem-se, a título de exemplo, as categorias nominais *fruto* e *informação*. Solicite-se a uma amostra de sujeitos falantes que represente graficamente a imagem correspondente a cada uma das categorias mencionadas e verificar-se-á que nem o mais exímio desenhador poderá concretizar tal tarefa, relativamente ao item lexical *informação*.

⁸⁰ Refira-se que este valor constitui uma variante brasileira, não utilizada em Portugal. O mesmo acontece com o valor (14).

A gramática cognitiva de Langacker (1991:88) apresenta uma proposta de caracterização esquemática da classe nominal, fundamentada na distinção *contável/ massivo*⁸¹. Numa óptica tradicional, considera-se que os nomes *contáveis* são passíveis de plural, propriedade que não será válida para os nomes *massivos*. É, porém, diferente o critério de Langacker, o qual se sustenta no conceito de *região*. Os *contáveis* constituem uma *região*⁸² delimitada de um domínio, constituindo os *massivos* uma *região* não claramente delimitada⁸³.

Encontramos na entrada lexical de *colher* instâncias prototípicas dos nomes *contáveis*, i.e., «coisas» concretas e tridimensionais, dos quais se podem dar como exemplo os objectos físicos discretos *flores* e *frutos*. Simultaneamente, encontramos também uma instância prototípica dos nomes *massivos*, o elemento *água*⁸⁴ (*substância divisível e internamente homogénea*). Prosseguindo com a classificação *contável/massivo*, surgem, na mesma entrada, referentes que não se enquadram nos protótipos de *contável* e *massivo*, tal é o caso dos itens lexicais *informações*, *sentido*, *estima*, *facto*. Nenhum destes elementos tem *inserção*

⁸¹ *Things* é a designação abstracta que Langacker (1991: 555) utiliza para denominar: «A region in some domain. »

⁸² Langacker (1991:552) define *região* como: « a set of interconnected entities. »

⁸³ A referida distinção é claramente definida no seguinte extracto: « It is my contention that the count/ mass distinction has a notional basis. A count noun designates a region that is specifically construed as being bounded within the scope of predication in a primary domain. By contrast, a mass noun designates a region that is not so construed.» (1987a: 203). Acrescenta-se, ainda que, a substância designada pelo *nome massivo* é constituída como sendo internamente homogénea (Langacker 1987b:64), ao passo que os nomes *contáveis* são tipicamente, internamente heterogéneos: « The substances designated by mass nouns vary with the respect to the individuation and salience of the constitutive entities. At one extreme are essentially continuous substances, where any individuation is purely extrinsic: *water, glue, aluminium, glass, air*, etc. » (1987b: 65)

⁸⁴ O elemento *água* é usado por Langacker para ilustrar a concepção de nomes *massivos*: « I will say that the designatum of a mass noun displays indefinite **expansability** and **contractibility**. Given a volume of *water*, for instance, we can add more and more water to it, and the resulting mass is still properly identified by the term. In similar fashion, we can remove as much water as we like from the initial volume, but we still have *water* if any at all remains. » (1987a: 204)

espacial, o que leva a crer que constituirão projecções do esquema «coisa» ou do esquema «substância».

A partir desta aplicação incipiente das concepções de Langacker verificamos que a classe de referentes do objecto directo de *colher* é configurada por diferentes representações linguísticas e conceptuais. O estudo da natureza destes referentes é indissociável do estudo de um verbo, uma vez que, enquanto expressão relacional, a classe verbal é conceptualmente dependente das entidades intervenientes. Sem maiores desenvolvimentos, por agora, reservamos para os capítulos subsequentes a exploração destas questões.

3.4 Interação da realidade «extralinguística» sobre a informação lexicográfica

Procurámos, através da apresentação feita neste capítulo, seguir a proposta sugerida pelo quadro teórico da semântica cognitiva, o qual preconiza que o significado existe apenas através de uma conceptualização do mundo (Kreitzer 1997: 292). Esta visão traz consequências importantes para a semântica lexical porque se sustenta no pressuposto de que a *dinâmica e flexibilidade* dos modelos culturais e experienciais é reflectida nas categorias linguísticas⁸⁵. Tal *dinâmica e flexibilidade* reflecte-se, também, na entrada lexical, a qual constitui, como constatámos, no caso do verbo *colher*, uma estrutura compósita⁸⁶. Para concluir: se

⁸⁵Refere Geeraerts (1997:113) que: «Prototypical categories are cognitively efficient because they enable the subject to interpret new data in terms of existing concepts; as expectational patterns with regard to experience, prototypical organised categories maintain themselves by adapting themselves to changing circumstances. »

⁸⁶Na óptica de Langacker (1987a: 154) : « Most concepts require specifications in more than one domain for their characterization. The concept [BANANA], for example, includes, in its matrix a

algumas reticências prevalecessem relativamente ao carácter polissémico de *colher*, esperamos tê-las dissipado com a apresentação deste verbo através do dicionário, pois, como afirma B.Victorri (1991:177), tais repositórios do *uso linguístico* constituem a mais imediata evidência da realidade da polissemia:

La preuve la plus flagrante de l'omniprésence de la polysémie est fournie par les dictionnaires. Combien d'acceptions distinctes pour un mot comme peinture? doit-on les regrouper en classes disjointes? quelles tournures doit-on considérer comme figées, échappant à l'utilisation "ordinaire" du mot? Quels emplois doit on considérer comme métaphoriques? La variabilité même d'un dictionnaire à l'autre, sinon d'une édition à l'autre, en disent long sur la difficulté de la réponse à ces questions.

Prevalecem, no entanto, como B. Victorri também refere, questões às quais os dicionários não dão resposta, pois não nos podemos confinar a uma mera listagem de sentidos atribuídos a um item lexical⁸⁷. Torna-se necessário entender que mecanismos é que permitem agrupar esse *aglomerado* de valores semânticos dentro da mesma categoria conceptual.

Para o estudo do complexo polissémico dividiremos o nosso *corpus* em duas partes. O *corpus I* (inquéritos) sustentará a análise do valor prototípico e do conteúdo esquemático de *colher* e o *corpus II* (extractos de textos orais e escritos) servirá para identificar as suas principais extensões semânticas.

specification of shape in the spatial (and /or visual domain); a color configuration involving the configuration of color space with this domain; a location in the domain of taste/ smell sensations, as well as numerous specifications pertaining to abstract domain; e.g. the knowledge that bananas are eaten, that they grow in bunches on trees, that they come from tropical areas, and so on. »

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DO *CORPUS I*: VALOR PROTOTÍPICO E CONTEÚDO FUNDAMENTAL DE *COLHER*

The first criterion for a lexical item's centrality is conventionality defined as its regular use by a significant part of a speech community.

(Zelinsky-Wibbelt 1995:52)

O objectivo central do presente capítulo consiste na determinação do valor prototípico do verbo *colher*, entendido num sentido referencial e aferido por um grupo de sujeitos falantes da comunidade linguística portuguesa⁸⁸, a partir do qual analisaremos o seu conteúdo semasiológico fundamental. Para o efeito, enveredare-se-á, teórico-metodologicamente, por uma articulação entre as noções de protótipo e de esquema, cuja complementaridade é advogada por vários cognitivistas, nomeadamente Langacker (1987a), Taylor (1989), C. Almeida (1995) e A. Silva (1997)⁸⁹.

⁸⁷Também Lakoff & Norvig (1987:205) alertam para as limitações dos dicionários: « Dictionaries, of course, merely list senses. They do not provide representations in a form that allows to state generalizations governing the relations among the senses....»

⁸⁸Salienta Ungerer (1996:20) que: « The names of category prototypes tend to come to mind before those peripheral examples. » Como tal, o acesso mais directo a esses exemplares será a consulta das intuições dos sujeitos falantes.

⁸⁹A articulação entre as duas noções é, tal como explica o próprio Langacker, perfeitamente aceitável, na medida em que a noção de protótipo pressupõe e incorpora a noção de esquema: quando determinado elemento é reconhecido como protótipo da categoria, acaba por funcionar também como esquema. Leiam-se as palavras do próprio autor (1987a:372): «The two modes of categorization are even more intimately associated, in that characterization by extension typically presupposes and incorporates schematic relationships. »

Do mesmo modo, Taylor (1989:66) considera que a caracterização por protótipo e a caracterização por esquema são dois aspectos do mesmo fenómeno: « If one examines more closely the distinction between categorization by prototype and categorization by schema, it becomes clear that categorization by schema and categorization by prototype are in reality aspects of the same phenomenon. In the former case, an entity happens to be fully compatible with an abstract representation, in the latter case it is only partially compatible. »

Fundamentados na concepção de que os protótipos são essencialmente experienciais, solicitámos a um conjunto de sujeitos falantes da comunidade linguística portuguesa a produção de enunciados que contextualizassem o verbo *colher*. Do *corpus* obtido foi-nos possível extrair, não só a área de experiência mais saliente (valor prototípico)⁹⁰ configurada por esta categoria verbal, como, simultaneamente, a estrutura sintáctico-semântica que enforma linguisticamente o evento. Tal estrutura será descrita e analisada com base nas propriedades interaccionais sugeridas por Lakoff (1987) para o protótipo de causalidade (ou protótipo de *manipulação directa*)⁹¹.

A análise do protótipo de *colher* ficaria, no entanto, obviamente incompleta se não fosse transposta para um nível de abstracção superior. Com base no *modelo bola de bilhar de Langacker* (1991) analisar-se-á, esquematicamente, a cadeia accional, dentro da qual se destacam dois participantes focais, o agente e o paciente (*arquétipos funcionais*). Salientaremos, simultaneamente, as principais componentes experienciais que estruturam a conceptualização da interacção

No âmbito nacional defende-se uma perspectiva idêntica. Para A.Silva (1997:38): «... categorização por *esquema* e *protótipo* não se excluem, antes se complementam ». Para C. Almeida (1995:118): « ... a concepção prototípica implica a escolha de um elemento ou elementos que constituem o protótipo, ao passo que a concepção esquemática delimita a dimensão abstracta dos elementos presentes no protótipo. Pensamos que ambas se complementam. A primeira inspira-se na definição lakoffiana de transitividade/ causatividade e a segunda tem a sua origem na representação esquemática de Langacker. »

⁹⁰ Refere A. Silva (1997: 36) que: « ... *protótipo* pode ser entendido tanto num sentido referencial, isto é, como exemplar representativo (ou conjunto de exemplares representativos), como num sentido intensional, aplicado às propriedades representativas de significados e a significados que expressam essas propriedades. E quer como melhor exemplar (ou grupo de melhores exemplares) de um único significado, quer como significado central (ou significados centrais) de um item lexical polissémico. Enfim, a noção de protótipo não se reduz a uma essência única, ela é antes, inexoravelmente flexível. »

⁹¹Salientam Lakoff & Johnson que: «... the concept causation is based on the prototype of DIRECT MANIPULATION, which emerges directly from experience. » (1980:75). Procuraremos, por conseguinte, provar, com base nestes autores, que a organização interna de

colher (espaço, tempo, substância material e energia). Finalmente, sustentados pela análise efectuada, descreveremos o conteúdo fundamental de *colher* através das suas principais dimensões estruturantes, isto é, as propriedades mais representativas. Terminaremos com uma proposta de definição esquemática da categoria⁹².

4.1 Inquérito Linguístico

A problemática sobre o valor prototípico de *colher* começou por ser equacionada já no capítulo anterior, quando se verificou que, através de um cotejo de entradas lexicais, é possível extrair uma *definição lexicográfica prototípica*, a qual remete para um quadro referencial do tipo: ‘*tirar ou separar da haste, flores, frutos ou folhas*’. Não considerando, porém, a via lexicográfica suficiente para a validação da hipótese sobre o valor prototípico de *colher*, é necessário confrontá-la com os julgamentos linguísticos dos sujeitos falantes. Por conseguinte, encaramos a informação lexicográfica e a informação, obtida através de inquéritos, procedimentos complementares, tendo o último procedimento o objectivo de confirmar se o exemplar mais representativo, isto é, o significado intuitivamente mais familiar, frequente e previsível para os falantes inquiridos, corresponde à mesma área experiencial apontada pelos dicionários, ou se o pequeno lapso temporal entre o dicionário mais recente que consultámos (1995) e

colher é composta por dimensões naturais de experiência, das quais destacaremos, movimento/deslocação e *manipulação directa* de objectos.

a efectuação das entrevistas (1997) permite registar algum tipo de assimetrias quanto ao valor prototípico⁹³.

4.1.1 Constituição da amostra

Foram inquiridos 120 informantes, distribuídos por seis grupos onde se introduziram variáveis de idade, sexo, escolaridade e área residencial⁹⁴. Veja-se, claramente, a constituição de cada grupo:

Grupo	Faixa Etária	População Inquirida	Habilitações Literárias	Área Residencial	Profissão	Sexo
Amostra 1	13-15	20	8º Ano de Escolaridade	Periferia de Chaves	Estudantes	Masculino/ Feminino
Amostra 2	13-15	20	8º Ano de Escolaridade	Porto	Estudantes	Masculino/ Feminino
Amostra 3	19-21	20	2º Ano de Contabilidade	Porto	Estudantes	Masculino/ Feminino
Amostra 4	19-22	22	2º Ano de R.Públicas	S.M. da Feira	Estudantes	Masculino/ Feminino
Amostra 5	11-13	20	6º Ano de Escolaridade	Ovar	Estudantes	Feminino/ Masculino
Amostra 6	20 -30	20	Licenciatura	Porto	Diversas	Masculino/ Feminino

Figura 5: Explicitação da amostra

⁹² No que diz respeito à noção de esquema, entendêmo-la como Langacker a descreve (1987a:371): « ... an abstract characterization that is fully compatible with all members of the category. »

⁹³ Salienta-se, desde já, que o número de valores semânticos identificados a partir do inquérito não poderia nunca ser comparável com aquele que surge nos dicionários, na medida em que aos inquiridos foi apenas pedida a produção de quatro enunciados. Isto porque os pré-testes efectuados permitiram verificar que a solicitação de um número superior de enunciados não provocava uma diversidade de respostas, mas antes uma repetição de valores. Tal limitação é, aliás, apontada por A. Silva (1997: 69): «...os inquéritos poderão ser eficientes no que respeita à identificação dos centros prototípicos /.../ mas são limitados relativamente ao acesso à totalidade de usos de um item lexical. »

⁹⁴ Um dos problemas subjacentes à realização de inquéritos reside na dificuldade de conseguir um estudo que abranja um universo representativo da população. No inquérito realizado, a população visada circunscreve-se, na sua quase totalidade, ao meio estudantil.

A introdução das variáveis mencionadas na composição dos diferentes grupos visou testar se elas coincidiriam com algum tipo de variação, relativamente à representação do evento prototípico, ou se simplesmente confirmam a existência de consenso entre um grupo heterogéneo de falantes, quanto à representação mental invocada.

4.1.2 *Stimuli*

Com o intuito de não minar a espontaneidade das respostas, optou-se por um procedimento simples (Ungerer:1996)⁹⁵ de solicitação de quatro enunciados onde figurasse o verbo *colher*. Enveredámos, por conseguinte, pela efectuação de perguntas abertas com suporte de registo escrito, procurando espalhar o menos possível a produção espontânea de exemplos.

Ainda que tenham já sido expostos os objectivos de base deste procedimento, recorda-se que pretendemos, em primeiro lugar, indagar qual(ais) o(s) significado(s) intuitivamente mais evidente(s) e psicologicamente mais real(ais) de *colher*, e, em segundo lugar, encontrar a estrutura sintáctico-semântica mais recorrente dos enunciados com estatuto prototípico⁹⁶.

⁹⁵ Seguiu-se a sugestão de Ungerer (1996: 29): «... ask one group of friends to name as quickly as they can five types of dogs, birds, trees and cars....»

⁹⁶ Foram testados diferentes modelos de inquérito, através de questionários pré-teste. A decisão da versão adoptada fundamentou-se na facilidade com que os inquiridos responderam às tarefas solicitadas. Foram também incluídas no inquérito questões das quais não fizemos uso directo, nomeadamente, o ponto 2., onde foi pedida a repetição do procedimento solicitado em 1., mas utilizando o substantivo *colheita* e o ponto 3. onde foi pedido o registo de cinco palavras que os inquiridos associassem ao verbo *colher*. Todavia, ainda que tal informação não tenha sido directamente explorada neste estudo, em termos de quantificação ou referência explícita, serviu para uma análise mais aprofundada daquilo que os falantes pensam sobre a categoria colheita,

4.1.3 Classificação de enunciados e quantificação de resultados

Tal como sugerem os estudos experimentais de S. Larochelle & D. Saumier (1993)⁹⁷, maximizámos a importância do enunciado produzido em primeira posição, por considerarmos que este corresponderá, do ponto de vista conceptual, ao exemplar com maior grau de familiaridade para os falantes inquiridos. De facto, com o pedido de produção de enunciados confrontámos os sujeitos falantes com a tarefa de efectuar julgamentos de tipicidade, isto é, de representar o significado mais saliente da categoria. A quantificação a seguir apresentada confina-se, por conseguinte, aos enunciados produzidos em primeira posição, os quais suscitaram uma segmentação em quatro grupos distintos, configuradores de diferentes domínios de experiência: **(1)** interacção espacial 1 (actividade agrícola), que inclui ocorrências do tipo: *o jardineiro colheu uma flor amarela*; **(2)** interacção não-espacial (actividade de investigação): *o polícia já colheu os dados sobre o crime*; **(3)** interacção espacial 2 (actividade clínica): *o enfermeiro colheu uma amostra de sangue*; e **(4)** outras interacções não-espaciais, grupo que inclui um conjunto heterógeneo de enunciados, merecedores de uma análise individualizada, como é o caso do provérbio: *quem semeia ventos colhe tempestades*, ou da fraseologia: *o*

estritamente relacionada com o nosso estudo, o que contribuiu para reforçar as nossas intuições acerca da estrutura interna do verbo em foco.

⁹⁷ Os referidos investigadores demonstram que os diferentes membros de uma categoria não são julgados como igualmente representativos: «... les membres les plus typiques d'une catégorie ont aussi tendance à être mentionnés plus fréquemment lorsque la tâche des sujets est de nommer les membres d'une catégorie qui leur viennent spontanément à l'esprit. » (S. Larochelle & D. Saumier 1993: 62).

A validade deste procedimento é também documentada por Lakoff (1987:41): « When asked to list or draw examples of category members, subjects were more likely to list or draw more representative examples. »

Porto colheu ontem os louros da vitória. Apresentam-se, na figura 6, os níveis de ocorrência de cada um dos quatro *tipos de interação*, distribuídos pelas respectivas amostras:

Interação Amostra	(1) Física I (Agrícola)		(2) Não física (Mental)		(3) Física II (Clínica)		(4) Outras Interações	
	n	%	n	%	n	%	n	%
1	20	100%	0	0 %	0	0%	0	0%
2	13	65%	2	10%	0	0%	5	25%
3	17	85%	1	5%	2	10%	0	0 %
4	20	100%	0	0%	0	0%	0	0%
5	20	100%	0	0%	0	0%	0	0%
6	13	65%	3	15%	0	0%	4	20%

Figura 6 - Níveis de ocorrência dos quatro tipos de interação

Verifica-se que um número indiscutivelmente maior de enunciados configura um enquadramento espacial, ao descrever um processo motriz de deslocação no espaço, no qual intervêm duas entidades físicas discretas, contra uma percentagem significativamente menor de ocorrências que configura interações não instanciadas no espaço físico, como se pode verificar a partir do quadro-síntese dos totais percentuais:

(1)Interação espacial1/ (agrícola)		2) Interação não espacial (mental)		(3)Interação espacial2 (clínica)		(4) Outras interações não espaciais	
N	%	N	%	N	%	N	%
103	85,8%	6	5%	2	1,66%	9	7,5%

Figura 7- Totais percentuais

As evidências numéricas permitem avançar com a validação da hipótese de base, não só deste capítulo mas de todo o trabalho em geral: o valor prototípico de *colher* (que a partir de agora designamos *colher1*) corresponde a uma interação

física, espacialmente delimitada e objectivamente perceptível aos olhos do conceptualizador. Tal representação incorpora dimensões naturais de experiência: deslocação, fluxo de energia, natureza física e concreta das entidades intervenientes, enquadrando-se esta interacção numa área de experiência básica: o domínio agrícola (correspondente a 85,8% dos exemplos dados). Regista-se, assim, que os julgamentos intuitivos dos sujeitos falantes confirmam a definição lexicográfica prototípica de *colher*: ‘*tirar ou separar da haste, flores, frutos ou folhas*’. Coloca-se, contudo, a questão: serão estes dois argumentos suficientes para determinar o protótipo da categoria? Pensa-se que sim; todavia, encontrar a representação mais prototípica não constitui mais do que um procedimento de partida. Torna-se necessário e crucial, para uma determinação precisa do seu significado, investigar os princípios cognitivos que lhe subjazem, isto é, as estruturas que organizam a representação mental a um nível mais geral e abstracto.

4.1.4 Discussão de resultados

Ao observarmos a estrutura dos enunciados que representam o evento prototípico, verificamos que os inquiridos conceptualizam *colher* com referência a duas entidades :

- (21) *O João colheu maçãs verdes.*
- (22) *O jardineiro colheu margaridas.*
- (23) *A ceifeira colheu o trigo.*

Para além de convergirem no domínio de experiência representado, os enunciados seleccionados reflectem um caso elementar de interacção entre duas entidades, enformado pela estrutura sintáctico-semântica agente/paciente. O mesmo será dizer que o conceptualizador recorreu a um esquema genérico de frase para configurar um «estado de coisas»⁹⁸. Verifica-se, por conseguinte, que os enunciados que reflectem o valor prototípico de *colher* foram linguisticamente configurados por uma estrutura sintáctico-semântica também prototípica, já descrita no Capítulo II, com base em Lakoff (*protótipo de causalidade*), Taylor (*protótipo de transitividade*) e Langacker (*modelo bola de bilhar*)⁹⁹. Procurar-se-á, desta forma, demonstrar a existência de uma correspondência entre alguns aspectos da experiência sensório-motora e a estrutura sintáctico-semântica que os inquiridos usaram para representar *colher*¹⁰⁰.

4.2 Características sintáctico- semânticas de *colher*

Do ponto de vista da semântica cognitiva as categorias verbais são conceptualmente dependentes: a sua conceptualização pressupõe, inevitavelmente,

⁹⁸Sobre este assunto, salienta M. Vilela (1992: 172) que: «As análises linguísticas feitas nos últimos anos, sobretudo no domínio dos verbos, mostram que há uma relação estreita entre o léxico e a gramática e que os verbos não podem ser categorizados e analisados independentemente dos seus «partners» obrigatórios, facultativos e/ou privilegiados. » Newman (1996: 35) defende uma opinião idêntica: « Since meaning is crucial to characterization of all semantic units, an account of syntactic phenomena in autonomous syntax terms, independent of semantic description, would be seen as largely misguided. »

⁹⁹Tal como salienta Craig (1986:2), a noção de protótipo tem demonstrado a sua infinita flexibilidade: « In fact, in linguistics, the notion of prototype has even been expanded from the area of lexical semantics /.../ to the area of grammar, in that certain phenomena which until recently were analyzed as absolute grammatical categories, are being shown to be best accounted for through prototype approach. Such is the case of the traditional categories of noun /.../, of transitivity. »

¹⁰⁰Esta tarefa enquadra-se num dos focos de interesse da linguística cognitiva, tal como salienta Newman (1996:xi): «The questions favoured by cognitive linguistics tend to revolve around themes such as the following: /.../ the cognitive basis of a linguistic category; language as a reflection of our experiential reality. »

referência às entidades intervenientes na interacção¹⁰¹. Verifica-se, por conseguinte, que *colher1* (a instância prototípica) reflecte o caso mais elementar de interacção, descrito por Lakoff como protótipo de causalidade (*vide* 2.3.4 deste trabalho). Tome-se como exemplo o seguinte enunciado:

(23) *A ceifeira colheu o trigo.*

O desdobramento temporal do evento permite descortinar um conjunto de interconexões entre as duas entidades intervenientes. O agente: *ceifeira* (entidade humana que detém a responsabilidade de iniciação do evento, age consciente e racionalmente), assume que vai efectuar uma acção (*colher o trigo*), desenvolvendo uma trajectória accional. O *trigo* é cortado e separado, devido a uma transferência de energia do agente para o paciente (o paciente é submetido a uma mudança de estado). A *ceifeira* interage fazendo uso de um instrumento (foice), ou simplesmente das mãos. A alteração do paciente é visualmente perceptível: o *trigo* foi cortado da planta. O evento é pontual e causativo e existe uma relação adversativamente assimétrica entre as entidades agente/ paciente.

Averiguámos, através desta sequência, que o evento prototípico (*colher1*) reveste as propriedades que caracterizam a causalidade prototípica e que poderão ser sumariamente definidas por: intencionalidade, controlo, planificação, movimento físico do agente, contacto directo e físico agente/paciente e alteração física efectiva do estado do paciente. Com recurso às propriedades interaccionais

¹⁰¹ Refere Langacker (1991:36) que: « A verb is conceptually dependent: it profiles a set of interconnections involving one or more participants and thus makes inherent (though schematic) reference to these participants. »

de *colher* torna-se mais explícito constatar que os sujeitos falantes apreendem o acto de *colher* como uma *gestalt*¹⁰², isto é, um todo multi-dimensionado, mais simples do que o somatório das partes, emergente da interacção entre o homem e o meio-físico circundante. Veremos, posteriormente, que o referido conjunto de propriedades contribuirá para que *colher* possa funcionar como um modelo, ou um ponto de referência cognitivo, para a caracterização de outros eventos; em suma, uma base para raciocínios de inferência.

Verificámos, por conseguinte, que existe uma grande densidade informativa, concentrada nos dois participantes focais. Tanto a entidade «agente», como a entidade «paciente», reúnem um conjunto de características que permite designá-las prototípicas, na concepção de Lakoff (1987) e Taylor (1989) e arquetípicas, na concepção de Langacker (1991)¹⁰³.

¹⁰²Salienta Lakoff (1987: 56) que: «The properties relevant to the description of categories are *interactional properties*, properties characterizable only in terms of human beings as part of their environment. Prototypical members of categories are sometimes describable in terms of *clusters*. These clusters act as *gestalts*. The cluster as a whole is psychologically simpler than its parts. »

A relação entre *gestalt* e protótipo surge mais claramente explicada em Ungerer (1996:41): « As originally conceived by gestalt psychologists the notion of gestalt was intended as an explanation of holistic perception./.../ If a gestalt is organized according to the gestalt principles and it includes the functional parts of an item in functionally balanced, it may be regarded as a ‘prototype gestalt’. This tied in with the definition of prototype as an ‘image’....»

¹⁰³ De acordo com Langacker, os papéis semânticos possuem fundamentalmente um estatuto não linguístico, sendo como tal, arquétipos provindos da nossa experiência físico-motora. Nesta óptica, Langacker define o *agente arquetípico* como a entidade que intencionalmente inicia uma actividade através de contacto físico, da qual resulta uma transferência de energia para um objecto externo (1991: 85). O *paciente arquetípico* será um objecto inanimado que absorve a energia transmitida por via externa e através disso é submetido a uma mudança de estado (*Ibidem*:85). Ora, se a linguagem é o meio através do qual descrevemos a experiência, é natural que os arquétipos sejam os valores prototípicos dos constructos linguísticos básicos.

Também Newman (1996: 61), fundamentado em Langacker, configura esta ideia: « This inclines us to identify entities in a scene which can be construed as instances of an AGENT interacting with a PATIENT. This terms are understood as referring prototypically to a volitional, human instigator of an action (AGENT), acting upon relatively inert, affected inanimate entity (PATIENT). This characterization of the AGENT-PATIENT mode of interaction holds for the prototype of this model and serves as the cognitive basis of the subject-direct object organization of clause structure. »

Estamos, por conseguinte, a assumir a possibilidade de entrosamento entre a caracterização prototípica de transitividade de Lakoff e a concepção esquemática de transitividade de Langacker, representada pelo *modelo bola de bilhar*. Ora, ao reduzir a interacção configurada em *colher1* ao seu conteúdo abstracto, encontramos a existência de um elemento activo que provoca a alteração de estado de um elemento passivo. Esta sequência abstracta não é simplesmente um constructo linguístico básico, mas uma parte dos instrumentos que utilizamos para o processamento mental linguístico e não linguístico. Quer isto dizer que, de acordo com Langacker (1991:14), qualquer evento *canónico* é conceptualizado através de um cenário dentro do qual interagem os participantes da cadeia accional.

O agente de *colher1* é o iniciador voluntário da cadeia de acção (fonte da energia), ao passo que o paciente é o seu pólo opositivo (entidade inerte, repositório de energia)¹⁰⁴. Sucintamente, a desigualdade de estatuto entre os dois participantes focais provoca duas assimetrias básicas: participação volitiva vs participação não volitiva e fonte de energia vs alvo/ repositório de energia¹⁰⁵.

¹⁰⁴ M.Vilela (1997: 4) considera que uma das vias para obter a significação de uma palavra é o recurso aos primitivos semânticos: «... são conceitos gerais, abstractos, obtidos na experiência quotidiana, e com os quais elaboramos conceitos mais primitivos e mais complexos, ponto de partida para a construção de outros conceitos. Estes primitivos podem incluir categorias ontológicas como ‘localização’, ‘orientação’, /.../ papéis semânticos como: ‘agente’, ‘instrumento’, ‘afectado’, ‘efectuado’ ?... »

¹⁰⁵ Leia-se em Langacker (1991:300) a razão da centralidade das entidades agente e paciente no âmbito da frase: «Clausal participants are commonly apportioned into those with a “central” role in the profiled event - the subject and direct object primarily - and those whose role is considered secondary or peripheral. Such a distinction is well motivated on linguistic grounds. For example, a verb may specifically require a subject and a direct object, but the inclusion of such participants as an instrument or a beneficiary is almost always optional. »

Para Langacker (1991:323) estas duas entidades são os dois elementos mais salientes, *trajector* (trajector) e *marco* (landmark), respectivamente¹⁰⁶. Estes são, por sua vez, entidades prototipicamente discretas, bem delimitadas no espaço e de dimensões reduzidas. Porém, esta relação ficará mais explícita a partir do momento em que se descrever a dinâmica do processo/interacção energética. Proceder-se-á, por agora, ao desdobramento da sequência temporal que descreve a forma como os participantes interagem no interior do cenário de *colherl*¹⁰⁷.

4.2.1 Representação esquemática do evento

Uma interacção, em virtude de não ser uma substância física concreta mas antes uma transferência de energia que provoca uma mudança, é fundamentalmente instanciada no tempo e totalmente dependente das entidades participantes. Consideramos, por conseguinte, que a caracterização de *colherl* deverá ser feita relativamente a dois domínios cognitivos: o domínio *espácio-temporal*¹⁰⁸ e o domínio da *dinâmica de força*, dos quais fazem parte as quatro componentes elementares do *modelo bola de bilhar* (espaço, tempo, substância material e energia)¹⁰⁹. *Colher* pertence, por seu turno, ao grupo dos verbos de

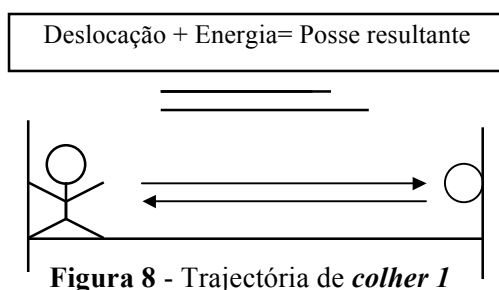
¹⁰⁶Estes dois conceitos são definidos por Langacker (1991:551) como: «The (primary) figure within a profiled relation» e «A salient substructure other than the trajector of a relational predication or the profile of a nominal predication. » (1991: 549)

¹⁰⁷Veremos, pois, que, tal como o próprio Langacker refere, a afectação do paciente pressupõe, necessariamente, uma evolução/progressão temporal: «A process is characterized as a relationship followed sequentially in its evolution through conceived time... »

¹⁰⁸O domínio espácio-temporal é definido por Newman (1996:37) como: «...the domain in which the relevant facts about the shape of the participating entities are expressed, together with changes affecting the spatial relationship among these entities through time. »

¹⁰⁹Refere Langacker (1991:14) que: «I will refer to space as the domain of instantiation for material substance and time for change and energy. »

mudança de localização do objecto, indicando um movimento de aproximação dirigido ao espaço deíctico do «eu». Vejamos, então, como se processa a deslocação espacial. Assume-se, em primeiro lugar, que o desdobramento temporal de *colher1* implicará duas fases distintas: **(1)** ‘x’ efectua um movimento de aproximação de ‘y’ e age sobre ‘y’ = *aproximação*; **(2)** ‘x’ apropria-se de ‘y’ e efectua um movimento de afastamento em relação ao ponto fixo onde ‘y’ se encontrava = *levar consigo*:



Existe, por conseguinte, uma fonte de energia (entidade física) que transmite um determinado fluxo de energia a uma entidade estática. O cenário típico de *colher* é instanciado pelos dois domínios já referidos. Começaremos pelo *domínio espaço-temporal*¹¹⁰: o agente move-se/desloca-se (os membros superiores e inferiores serão as zonas activas) em direcção a um ponto fixo, com vista a efectuar a modificação de um «estado de coisas »:

¹¹⁰Refere Langacker (1991: 22) que: « A verb, /.../, is an especially complex relation, in that it profiles a series of relational configurations, and further specifies their continuous distribution through time. »

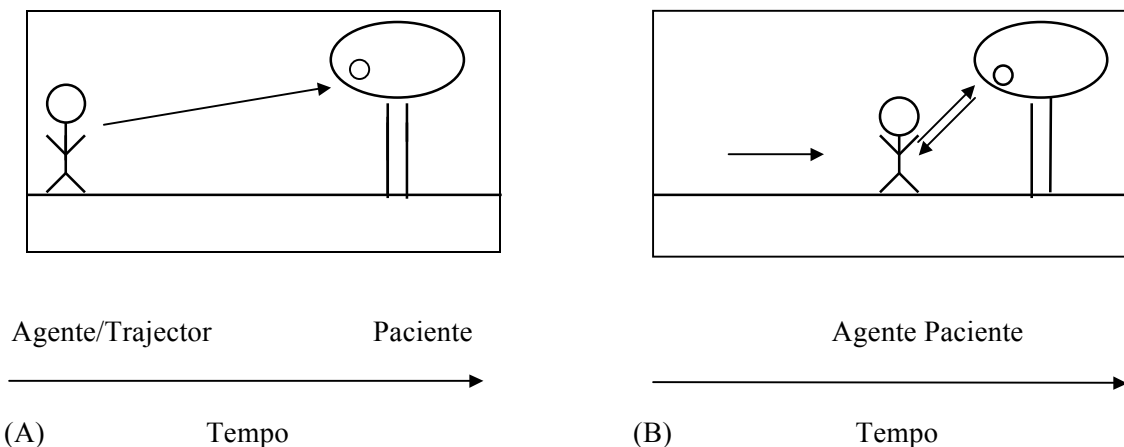


Figura 9- *Desdobramento espaço-temporal de colher¹*

A figura procura capturar a relação entre a dimensão temporal e a mudança de localização do objecto: a progressão do agente/trajector no espaço impõe uma estrutura definida, o desenvolvimento de uma trajectória com um ponto de chegada definido¹¹¹. Em (A) a distância entre o agente e o paciente é claramente maior do que em (B), onde o agente está prestes a atingir o ponto de chegada e transportar para a sua esfera de controlo o paciente. Em suma, a mudança de localização do objecto é decorrente de uma progressão espacial do agente e de um lapso temporal, o mesmo será dizer que a entidade movente vai ocupando os pontos sucessivos que constituem o percurso até atingir o ponto de chegada¹¹². Consideramos também o domínio da *dinâmica de força*¹¹³. O evento prototípico

¹¹¹Salienta Newman (1996:38) que: «The notions of trajector and landmark are most easily appreciated in the case of predicates referring to a single entity moving with respect to a fixed point, where the moving entity functions as trajector and the fixed point as the landmark. »

¹¹²Refere também Johnson (1987:114) que: «Paths can have temporal dimensions mapped onto them. I start at point A (the source) at time T1 and move to point B (the goal) at time T2. In this way there is a time line mapped onto the path than point A, and I have reached point B is moving along the path, then I am at a later time than when I began such a linear spatialization of time gives rise to one important way we understand temporality. »

¹¹³Destacamos a produtividade de aplicação da noção de *dinâmica de força*, tal como é descrita por Talmy (1988:50): «Overall, FD thus emerges as a fundamental notional system that structures conceptual material pertaining to force interaction in a common across a linguistic range: the physical, psychological, social, inferential, discourse and mental-model domains of reference and conception. »

analisado nesta perspectiva envolve uma fonte de energia e um repositório de energia. O fluxo energético parte do agente, o qual desenha uma trajectória de tipo «vai e vem». A figura 10 constitui uma tentativa de captar imagetivamente esse movimento:

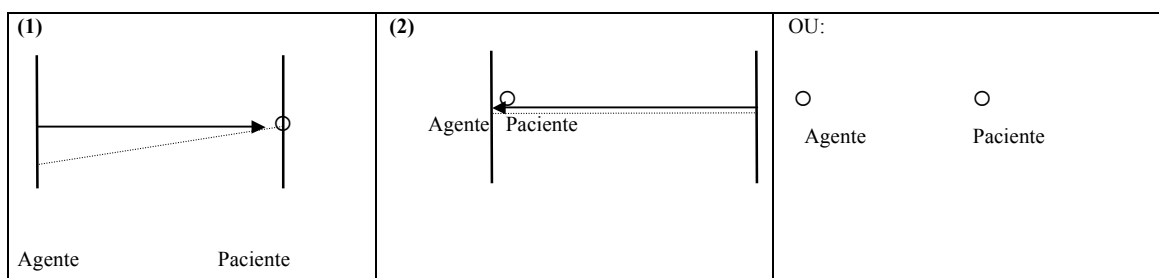


Figura 10 - «Dinâmica de força» de *colher1*

Não poderá, obviamente, ser esquecido que a representação imagética é necessariamente menos rica do que a representação prototípica, na medida em que aquela, ao contrário desta, procura apenas captar a configuração cognitiva. (As setas a grosso sugerem o movimento efectuado e as linhas a tracejado o fluxo de energia subjacente ao movimento). A terceira imagem sugere a globalidade da trajectória de *colher1*, indicando a direcção das setas o sentido do fluxo energético¹¹⁴. Por isso, a *dinâmica de força* de *colher1* é configurada por um

¹¹⁴Adverte Ungerer (1996:160) que o carácter elementar das representações pictóricas em semântica cognitiva tem uma razão de ser: « ... an image schema is not just an abstract semantic principle, but should be understood as a mental picture which is more elementary than both concrete categories and abstract principles. This is something to keep in mind when we look at pictorial representations used for locative image schemas in cognitive linguistics. »

movimento espacial de «vai-vem»¹¹⁵, correspondente ao conceito linguístico de adlatividade (direcção ao espaço deíctico do eu)¹¹⁶.

A caracterização esquemática imagética que se sugeriu terá um poder explanatório considerável na análise dos exemplos menos prototípicos de *colher*, isto porque a estrutura do esquema de imagem básico é, a nosso ver, extensível a domínios não espaciais. Pensamos, por conseguinte, que a trajectória espacial efectuada pelo sujeito e a tomada de posse do objecto, a qual se traduz por uma dinâmica bi-direccional, constitui a base do significado de *colher* e é metaforicamente projectada em outros domínios de experiência abstracta¹¹⁷.

4.2.2 Dimensões estruturantes

Esperamos ter justificado em termos numéricos e conceptuais o valor prototípico de *colher*. Verificou-se, de facto, que a representação mental determinada pelos inquiridos constitui uma imagem muito mais rica em pormenores do que a representação imagética que sugerimos¹¹⁸. Todavia, a

¹¹⁵Esta ideia é, aliás, corroborada por Newman quando o autor estabelece um contraste entre os verbos «give» e «take» (1996:57): « In the case of GIVE, the movement of the thing is away from the subject referent, while in the case of TAKE, the movement is toward the subject referent. »

¹¹⁶Verifica-se a existência de uma interacção física entre o agente e o paciente, acompanhada de um dispêndio/transferência de energia, que de resto é típica de organização do mundo, tal como salienta A.Silva (1997:100): « ...a interacção faz parte da maneira como conceptualizamos o mundo, povoado de objectos físicos discretos, capazes de se deslocarem no espaço e de entrarem em contacto uns com os outros. »

¹¹⁷A flexibilidade das representações esquemáticas é salientada em Batoréo (1996:73): «Trata-se, assim, não de uma representação semântica específica, nem de uma imagem estática, mas de um esquema dinâmico e flexível para a organização da nossa experiência e compreensão. »

¹¹⁸A. Silva (1997: 588) salienta a função interpretativa dos significados prototípicos: «... através deles, a palavra estende-se a novas aplicações, e graças a eles, podemos interpretar os vários usos de uma palavra. » O autor alerta, no entanto, para a importância das significações abstractas (1997: 596): «A procura das significações abstractas e genéricas e da sua definição é necessária, mesmo

representação imagética não é uma representação semântica específica, mas um esquema flexível que serve para a organização de outras áreas de experiência, sejam elas passíveis ou não de enquadramento espacial. Sugerimos simultaneamente uma possível definição esquemática do conteúdo fundamental de *colher*: **transportar entidade para dentro da esfera de controlo do sujeito**¹¹⁹, definição genérica que pressupõe a existência de seis componentes semânticos fundamentais:

- (1) Acção intencional do sujeito
- (2) Deslocação no espaço
- (3) Causatividade
- (4) Modificação do objecto
- (5) Adlatividade
- (6) Posse resultante

O primeiro parâmetro, *acção intencional do sujeito*, identifica a intervenção do agente, a qual se caracteriza por um carácter volitivo. O segundo parâmetro, *deslocação no espaço*, revela que a progressão do sujeito equivale a um movimento físico-motor de efectuação de uma trajectória espacial. O terceiro parâmetro, *causatividade*, indica que o estado final do paciente constitui o resultado da acção do agente. O quarto parâmetro, *modificação do objecto*, está directamente relacionado com o parâmetro anterior e expressa a mudança de localização espacial do paciente, efectuada pelo agente. O quinto parâmetro, *adlatividade*, caracteriza o tipo de direcionalidade implícita na acção do agente:

que não se encontre a significação genérica e abstracta para um determinado item lexical, pois é graças a essa(s) significação (ões) e definição (ões) que se podem ver melhor as relações (ou, pelo menos, parte delas) entre os vários significados de um item lexical.»

movimento em direcção a si mesmo. Em termos de *dinâmica de força* este conceito é expresso por um vector de força bi-direccional. Finalmente, o sexto parâmetro revela que o agente efectua um acto de *manipulação directa* de determinado objecto, o qual culmina na posse do mesmo.

Salienta-se que a proposta de divisão de conteúdo fundamental de *colher* em seis componentes não infirma a teoria do protótipo e muito menos pressupõe que o seu significado possa ser definido em termos de *condições necessárias e suficientes*. Pretendeu-se apenas encontrar um conjunto de dimensões centrais que poderão constituir um ponto de partida para valores mais específicos, ou mais genéricos¹²⁰. Estudaremos, no capítulo seguinte, as principais extensões desse conteúdo fundamental.

4.3 Colher: uma categoria experiencialmente básica e semanticamente complexa?

Na esfera da actividade humana *colher* corresponde, prototipicamente, a uma acção simples, uma interacção básica com o meio-ambiente, traduzida por um *gesto de apropriação concreta*, uma *manipulação directa* de uma quantidade limitada de substância. Foi sugerido, na fase preliminar do capítulo anterior, que *colher* constitui um evento historicamente saliente¹²¹ e uma breve incursão na

¹¹⁹ Ao escolher a expressão «transportar... para dentro» visamos definir em termos simplistas um tipo de acção que supõe uma determinada orientação espacial, *i.e.*, um movimento em direcção ao sujeito.

¹²⁰ Tal como o próprio Langacker (1987a:373) refere, o protótipo poderá corresponder a um ponto de partida : « ...the starting point of the gradual evolution of a complex category...»

¹²¹ Refere Newman que (1996:254) :«in cognitive linguistics, we do not seek to exclude human experience from a discussion of human language, on the contrary, we seek, where

história do homem forneceu evidências para acreditar que o conceito *colher* está fortemente *enraizado* no passado dos actos humanos e constitui, como tal, um acto básico da experiência humana¹²².

Conclui-se, assim, com a análise feita, que os domínios *espácio-temporal* e *dinâmica de força* têm um papel determinante na configuração mental de *colher*¹. A segmentação da sequência temporal do evento e a análise da trajectória do fluxo energético parecem indicar que as estruturas sensório-motoras - movimento e deslocação - se reflectem na estrutura semântico-sintáctica do evento prototípico: dois participantes focais, um agente e um paciente e uma relação assimétrica fundamentada nas oposições *entidade dinâmica, vs entidade estática* e *fonte de energia, vs repositório de energia*. O agente /trajector descreve um vector de força impelindo o objecto para uma posição espacial distinta daquela em que este se encontrava antes da interacção:

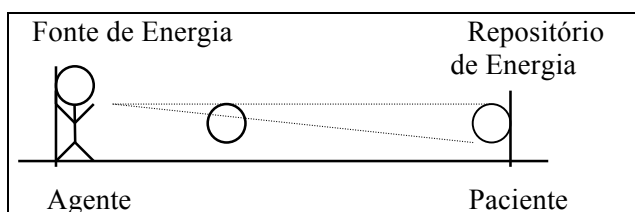


Figura 11: Assimetria agente-paciente

O esquema imagético de *colher*, uma trajectória bi-direccional que se pode traduzir por um movimento de «vai-vem» poderá, por isso, constituir a motivação para uma «constelação» de extensões, não só através da projecção da trajectória

possible, to see a relevance for human experience in attempts to elucidate language and its structure. »

¹²²A importância de uma abordagem *experiencialista* do significado surge também claramente exposta nas propostas de investigação de Newman (1996:275): «.... one expects that an experientially realistic approach to language study would include an analysis of a large range of basic human experiences and conditions and their linguistic realizations....»

em outros domínios físicos de experiência, mas também da extensão desse esquema a domínios abstractos¹²³. Avança-se, desta forma, com a proposta de encarar *colher* como uma categoria experiencialmente *básica*¹²⁴, mas semanticamente complexa¹²⁵.

O quinto e último capítulo será, por conseguinte, consagrado à análise das várias instâncias de polissemia. Procurar-se-á explicar de que forma é que estas constituem extensões do conteúdo fundamental e simultaneamente descortinar o modo como determinadas dimensões naturais de experiência, nomeadamente o movimento do corpo e a manipulação física de objectos, a par de certas dimensões culturais de experiência, operam na estruturação dos vários usos linguísticos actuais de *colher*¹²⁶.

¹²³Refere Johnson (1987:116) que o *esquema trajectória* («path schema») apresenta uma estruturação simples e clara: «It is (a) pervasive in experience, (b) well-understood because it is pervasive, (c) well structured, (d) simply structured, and (e) emergent and well demarcated by virtue of (a)-(d). In fact (a)-(d) provide some criteria for what it means for a structure to be emergent and salient as a gestalt structure in our experience. »

¹²⁴Alega Newman (1996:274) que a determinação do vocabulário básico se escora em vários tipos de critérios: « Clearly there are different criteria for basicness in vocabulary. Criteria in which one might appeal to include: frequency of *occurrence of items* in discourse, /.../ early items in *first language acquisition* /.../ the *conceptual simplicity* of an item. »

¹²⁵Tal como veremos, no capítulo subsequente, a complexidade das categorias semânticas, é, conforme evidenciado por Langacker (1991:2), decorrente da necessidade constante de acomodar novos sentidos: «... the dialectic of language use - in which units must often be stretched to accomodate usage events not wholly congruent with their specifications - gives rise to new conventional units that constitute **extensions** from more basic ones. The result is that a typical linguistic category is **complex**: it is not defined by any single unit, but comprises a constellation of units that may be quite diverse despite an overall family resemblance. »

¹²⁶Refere M.Vilela (1997: 20) que: «a língua como instrumento de criação e como entidade do domínio simbólico, é inseparável de uma ontologia, um sistema de pressupostos acerca dos seres e das coisas, das suas qualidades, atitudes, comportamentos, relações recíprocas, que constituem ao fim e ao cabo, a estrutura efectiva do nosso pensamento sobre o mundo....»

CAPÍTULO V - ANÁLISE DO *CORPUS II*: EXTENSÕES DO CONTEÚDO FUNDAMENTAL DE *COLHER*

Don Pablo « - Metáforas, homem! »

Carteiro « - Que coisas são essas ? /.../ »

Don Pablo «-Bem, quando tu dizes que o céu está chorar o que é que queres dizer? »

Carteiro « -Que fácil, que está a chover, pois »

Don Pablo «- Bem, isso é uma metáfora ! »

(Skármeta 1986 :29)

Não sabia *Mário Jiménez*, o carteiro de Pablo Neruda, que a metáfora (o seu ornamento poético predilecto) não era, afinal, apenas um privilégio reservado aos poetas insígnies, mas um mecanismo conceptual ao serviço da compreensão e estruturação do pensamento humano, quotidianamente confrontado com a pressão de adaptar um número finito de unidades convencionais a uma miríade de urgentes necessidades expressivas¹²⁷. O papel organizador e estruturador do mecanismo metafórico (Lakoff 1980, 87 e Johnson 1980,87), assume, neste capítulo, uma importância central. Propomo-nos, por conseguinte, analisar as principais representações/aplicações de *colher* situadas fora do seu centro prototípico. Fundamentamo-nos, para tal efeito, num *corpus* de ocorrências contextualizadas, com base nas quais extraímos as áreas experienciais que reflectem o uso

¹²⁷Explica Langacker (1991: 295) que é em virtude da pressão exercida pela dinâmica das sociedades que ocorrem extensões a partir do protótipo: « Extensions from the prototype occur for the same reasons that they do with lexical items: because of our proclivity for interpreting the new or less familiar with reference to what is already well established; and from the pressure of

linguístico actual de *colher*¹²⁸. Na análise de cada uma das extensões semânticas procuraremos demonstrar que o centro prototípico orienta os procedimentos mentais dos sujeitos falantes, uma vez que possui uma organização interna alicerçada por estruturas não proposicionais que emergem da nossa experiência quotidiana (referimo-nos concretamente aos programas físico-motores de deslocação e *manipulação de objectos*¹²⁹). Simultaneamente, não será esquecido que a coerência do valor prototípico advém também de um modelo cultural herdado da civilização de *primeira vaga*, baseado no mais antigo sector de actividade económica, a agricultura. Procuraremos, pois, descortinar que dimensões deste domínio experiencial são projectadas nos domínios abstractos instanciados por *colher*.

Antes de encetarmos a análise, procederemos, com base na hipótese de Lakoff (1987) e Johnson (1987) que atribui ao pensamento humano uma estrutura «corporizada» (*embodied*)¹³⁰, a uma organização das várias extensões semânticas, seguindo um critério de similaridade em relação ao protótipo: *movimento físico* → *movimento não físico* e *posse concreta* → *posse abstracta*. Estamos, por

adapting a limited inventory of conventional units to the unending ever-varying parade of situations requiring linguistic expression. »

¹²⁸ O *corpus* II é fundamentalmente constituído por ocorrências de textos retirados dos «media», ainda que dele também façam parte enunciados extraídos do inquérito efectuado, exemplos de dicionários e extractos de textos literários.

¹²⁹ Johnson (1987:113) desenvolve extensivamente a saliência da experiência de deslocação na vida do homem: « Our lives are filled with paths that connect up to our spatial world. There is the path from your bed to the bathroom, from the stove to the kitchen table, from your house to the grocery store, from San Francisco to Los Angeles, and from the Earth to the Moon. »

¹³⁰ Salienta Lakoff (1987:267) que: «Experientialism claims that conceptual structure is meaningful, because it is *embodied*, that is, it arises from, and is tied to, our perceptual bodily experiences. In short, conceptual structure exists and it is understood because preconceptual structures exist and are understood. Conceptual structure takes its form in part from the nature of preconceptual structures. »

consequente, a assumir que o domínio do espaço e as substâncias com inserção espacial são passíveis de extensionalidade.

No capítulo anterior identificámos a matriz de domínios que caracteriza *colher1*: o *domínio espaço-temporal* e o *domínio da dinâmica de força*. Com base em tais domínios verificámos que o movimento bi-direcional expresso pelo verbo corresponde esquematicamente a um vector de força que traduz a deslocação espacial de um objecto para dentro da esfera de controlo do sujeito. As representações actuais de *colher* englobam, todavia, um vasto número de interacções onde não ocorre dispêndio de energia, nem progressão efectiva no espaço¹³¹. Tudo leva a crer, por conseguinte, que as operações mentais realizadas pelos sujeitos falantes são, em larga medida, análogas às operações espaciais. Tal com refere Johnson (1987:xxxvii), o ser humano está naturalmente ligado ao meio-ambiente e o seu raciocínio depende dessa interacção, a partir da qual se adquirem estruturas que sustentam as capacidades de inferência e de criatividade¹³².

A análise das várias instâncias de *colher* permitirá, por conseguinte, investigar que tipo de analogias se estabelecem entre o protótipo e as extensões

¹³¹ A ubiquidade da linguagem figurativa é claramente atestada por Langacker (1987a:1): « ... if figurative language were systematically eliminated from our data base, little, if any data would remain. We therefore need a way of conceiving and describing grammatical structure that accomodates figurative language as a natural expected phenomenon rather than a special problematic one. »

¹³² Leiam-se, também a este propósito, as palavras de Damásio (1994:18): «... o nosso próprio organismo e não a realidade externa absoluta, é utilizado como referência de base para as interpretações que fazemos do mundo que nos rodeia e para a construção do permanente sentido de subjectividade que enquadra as nossas mundividências. »

semânticas¹³³, indagando se os diferentes membros da categoria se organizam por um princípio de «parecenças de família», em virtude da não existência de um conjunto de propriedades comuns igualmente partilhadas por todos os membros.

5.1 *Colher*: uma «metáfora da vida quotidiana»

A abordagem cognitiva em semântica lexical tem demonstrado, tal como referimos no capítulo segundo deste trabalho, manifesto interesse pela função epistemológica dos modelos cognitivos fundamentados na experiência humana, de entre os quais se destaca a metáfora¹³⁴. Todavia, na medida em que o funcionamento do sistema conceptual não é, *a priori*, consciente para o sujeito falante *naïf* e o papel cognitivo da metáfora constitui uma forma tão convencionalizada de pensar, alguns destes exemplos seriam, em princípio, dificilmente reconhecidos como usos figurativos de *colher*¹³⁵:

(23) *Os lucros colhidos pela Soporcel em 1997, ultrapassam os cinco milhões de contos, um número muito acima dos resultados previstos. (SIC, Jornal da Noite, 21-02-98)*

¹³³Geeraerts (1997: 18) considera que o conceito de extensão pode remeter para dois tipos de situações: «...the extension constitutes the referential range of application of a word used in a specific sense - the range of things (in the broadest possible meaning of that word) that the word may possibly refer to. The extension may also be said to consist of the (potential) *referents* of the word in question. »

¹³⁴A propósito do papel da metáfora, observa M.Vilela (1997:21) que: «As metáforas, consideradas internamente, operam como processos cognitivos produzindo novas perspetivações ou configurações e hipóteses acerca da realidade, e, consideradas externamente, operam como mediadores entre o espírito humano e a cultura. »

¹³⁵Também M. Vilela (1997: 20) faz referência à forma automática e convencionalizada como os falantes empregam o concreto e o abstracto: « ... o jogo concreto e abstracto é de tal modo frequente que, no discurso, ao usarmos abstractos não sabemos se estamos no “figurans” se no “figuratum”. »

(24) *Na manhã de hoje, nos arredores da Guarda, uma carrinha despitou-se e acabou por colher três transeuntes desprevenidos, um dos quais morreu, horas depois, no hospital. (TSF, 3 -03-98)*

(25) *Em dois dias, as mulheres da UMAR já colheram mais de 400 assinaturas com vista à liberalização do aborto. (Canal 1,Telejornal: 31-01-98)*

(26) *Dados colhidos pela TSF apontam que racismo e anti-semitismo aumentam em Portugal. (TSF, 25-05- 97)*

Circunscrevendo-nos apenas à natureza dos pacientes afectados, verificamos que a representação (23) instancia a substância abstracta *lucros* (um rendimento residual obtido por uma operação de compra venda, ou de produção), a qual não é nem directamente visível, nem claramente delimitável no espaço. A impossibilidade de delimitação espacial é também extensível à representação (26): a substância *dados* representa a base para a formação de um juízo ou de um cálculo, sendo, por conseguinte, de natureza abstracta. A ausência de inserção espacial destes elementos indicia a transposição para o plano metafórico. Nas representações (24) e (25) os elementos afectados situam-se também fora da concepção do paciente prototípico de *colher* (espécie vegetal), todavia, quer o elemento humano *transeunte*, quer o elemento concreto *assinaturas*, são susceptíveis de delimitação no espaço físico¹³⁶.

A configuração do espaço é, por conseguinte, distinta nas representações (23), (26) e (24),(25)¹³⁷. No segundo caso haverá um maior grau de proximidade

¹³⁶Veremos, no decurso da análise, que as extensões semânticas de *colher* reflectem, utilizando as palavras de M Vilela (1996: 334), uma tendência geral da linguagem para a ontologização, *i.e.*, a atribuição de um carácter visível, mensurável e manuseável às componentes de natureza abstracta.

¹³⁷Refere Langacker (1987a:153) que: «Space and time are configurational domains because they are inherently extensional, in the sense that they provide an infinite number of separate points at any (or all) of which essentially the same range of experiences can occur. »

relativamente ao protótipo já que se trata de interacções energéticas que envolvem *manipulação directa* de objectos, ao passo que, no primeiro caso, as interacções não implicam uma dispensação real de energia, nem *manipulação directa* de objectos. Propomo-nos, com base nesta distinção concreto/abstracto, classificar as principais extensões de *colher* em dois grupos: *interacções espaciais* e *interacções não espaciais*¹³⁸. Sistematizamos na figura (12) as seguintes áreas de experiência com inserção espacial:

Domínios de experiência	Natureza do objecto	Tipos de referentes em objecto directo
Clínica	concreta	fluidos e órgãos do corpo humano (sangue, fígado, células ...)
Naútica	concreta	partes que constituem uma embarcação (velas, cabos...)
Caritativa/ fiscal	concreta	contribuições, donativos
Fotográfica	concreta	fotografias, imagens
Injúria física	concreta	peçoas ou animais
Colisão física	concreta	peçoas

Figura 12: Interacções espaciais .

Os seis domínios apresentados na tabela consubstanciam interacções de natureza espacial, porque, como veremos no decorrer da análise, ‘x’(o agente) e ‘y’ (o paciente) instanciam-se no domínio básico do espaço, sendo o dispêndio de energia de ‘x’ e a sua progressão física reais. A configuração de ‘y’ constitui também um factor de aproximação entre os vários domínios delineados¹³⁹: à

¹³⁸McVeigh (1996:30) corrobora a ideia de que a experiência directamente perceptível permite a conceptualização da experiência abstracta: « Bodily experiences and qualities of concrete things are associated with the belief and the abstract. Expressions of the concrete are used in a discourse that represents and defines abstract notions. »

¹³⁹Aqui entende-se por domínio, uma área de experiência. Veja-se que também esta acepção é referenciada por Langacker (1991: 547) : « Any coherent area of conceptualization relative to

excepção do domínio clínico (que configura, fundamentalmente, elementos líquidos, *i.e.*, fluidos corporais), o objecto afectado aproxima-se, *grosso modo*, nos restantes casos, do protótipo (elemento sólido ou compacto). Nos casos de *colisão e injúria física*, o objecto afectado demarca-se, aparentemente, da configuração prototípica¹⁴⁰, por se tratar de uma entidade humana. Veremos, porém, que, não obstante essa dissimetria de configuração, existem aspectos análogos entre a referida representação e a imagem prototípica: prevalece a desigualdade *energética* entre ‘x’ e ‘y’, na medida em que ‘y’ é configurado como *inerte e não volitivo*.

A segunda classe de extensões semânticas caracteriza-se por uma projecção da imagem de base (representação prototípica) do domínio concreto para o domínio abstracto e compreende as áreas de experiência que sumariamente apresentamos na figura (13):

Domínios de experiência (psicológica e psico-social)		Natureza do objecto	Tipos de referentes em objecto directo	
Investigação/argumentação (jornalística, científica policial...)		abstracta	informações, dados, inquéritos, provas, opiniões, pareceres...	
Finança		abstracta	lucros, «fruto»	
Surpresa		concreta/ abstracta	pessoas, factos, situações, atitudes, reacções...	
Benefício	Castigo	abstracta	benefícios, regalias, proveitos, louros	tempestades, desgraças
Fatalidade		concreta	pessoa	

Figura 13: Interações não espaciais.

which semantic structures can be characterized (including kind of experience, concept and knowledge system. »

Na compreensão destas interacções abstractas operam fundamentalmente duas estruturas emergentes da inserção dos seres humanos no espaço físico: o *esquema origem-percurso-destino* (Lakoff:1987) e a metáfora de *contentor* (Lakoff & Johnson:1980). O primeiro fornece uma estrutura coerente de direcionalidade e a segunda permite categorizar os elementos abstractos como substâncias discretas e uniformes, passíveis de delimitação e quantificação. Assim, ao categorizar o elemento *informações* como uma substância física, os falantes podem conferir-lhe propriedades concretas: *manipular, colher e armazenar informação*, em suma, *corporizar* uma realidade não directamente apreensível¹⁴¹.

5.2 Análise das extensões semânticas de *colher*

A análise que, a partir daqui, se enceta, visa investigar a organização interna de cada extensão semântica. Julgar-se-á cada interacção, tendo em conta a *acção do sujeito*, isto é, o carácter activo ou passivo da sua intervenção e a escala de intenção e controlo sobre a situação, configurados por uma intervenção volitiva ou não volitiva. Ajuizaremos também a *deslocação* por si efectuada, isto é, a trajectória que desenvolve, a qual poderá ser espacial (deslocação físico-motora) ou não espacial (deslocação abstracta). Analisaremos, ainda, a *dinâmica de força* subjacente, procurando mensurar, através de uma escala de força/ruptura, o grau

¹⁴⁰ Refere Langacker (1991: 322): « ... the prototypes of the subject and the object categories are a person and an inanimate physical object. »

¹⁴¹ Esta ideia fundamenta-se em Lakoff (1987: 268): «Abstract conceptual structures are indirectly meaningful; they are understood because of their systematic relationship to directly meaningful structures. »

de intensidade (real ou metafórico) da interacção energética. Ver-se-á que a dimensão força/ruptura apresenta, como as restantes dimensões, fronteiras fluidas, traduzíveis por diferentes níveis graduáveis: separação, colisão ou embate, provenientes de uma progressão lenta ou veloz no espaço físico ou abstracto. A referida avaliação contribuirá também para melhor explicitar a extensionalidade da noção de causalidade, implícita no uso de diferentes *metáforas de força*¹⁴². Verificaremos que o esquema *origem-percurso-destino* (*source-path-goal metaphor*) é metaforicamente projectado nos vários domínios abstractos, contribuindo para a estruturação lógica e coerente das extensões de *colher* que abrangem áreas não directamente *manipuláveis*. Consideraremos, também, a *natureza do objecto*, aferindo a sua proximidade ou afastamento em relação ao objecto prototípico, isto é, o seu carácter concreto e fisicamente manipulável, ou a sua natureza abstracta¹⁴³. Através da configuração do objecto avaliaremos a *noção de posse* que poderá ser concreta, ou abstracta (no caso de se tratar de uma substância sem existência material)¹⁴⁴.

Vejamos, agora, uma sistematização mais clara dos dois tipos de extensões que serão objecto de análise:

Tal como M.Vilela (1996: 331) também refere: « As metáforas ontológicas permitem-nos lidar com conceitos e abstracções como se de entidades manipuláveis se tratasse: referenciamo-las, quantificamo-las, delimitamo-las...»

¹⁴²Parece-nos possível aplicar o termo «psico-dinâmica» usado por Talmy, para caracterizar os «modal verbs» (1998: 69) aos valores de *colher* que envolvem um trajecto/percurso mental, um movimento de bi-direccional que resulta no transporte de «algo» para «dentro» da esfera de controlo do sujeito. Essa «psico-dinâmica» está implícita em que quase todos os exemplos que apresentamos neste capítulo.

¹⁴³Relembra-se que na representação de eventos estão em causa várias categorias: organismos vivos, objectos e um conjunto de propriedades interaccionais provenientes de experiências básicas.

¹⁴⁴Observa Langacker (1991:171) que a posse abstracta se sustenta numa relação assimétrica entre possuidor e possuído: «Abstract possession is simply the relationship /.../ in which the

Configuração do Espaço	Tipos de Interação	Extensões Semânticas	Natureza do Objecto
I Interacções Espaciais (energéticas) <i>manipulação directa</i> ↓ <i>posse concreta</i>	Interação física com objecto estático	colher2	<i>elemento compacto ou líquido</i>
		colher3	<i>elemento compacto</i>
		colher4	<i>elemento compacto</i>
		colher5	<i>elemento compacto</i>
	Interação física com objecto animado	colher6	<i>elemento humano</i>
		colher7	<i>elemento animado</i>
II Interacções não espaciais (psico-dinâmicas) <i>manipulação abstracta</i> ↓ <i>posse abstracta</i>	Interação mental	colher8	<i>elemento abstracto</i>
		colher9	<i>elemento abstracto</i>
	Interação psico-social	colher10	<i>elemento abstracto ou humano</i>
		colher11	<i>elemento abstracto</i>
		colher12	<i>elemento abstracto</i>
		colher13	<i>elemento humano</i>

Figura 14: Extensões semânticas de *colher*

5.2.1 Interação física com objecto estático

As extensões semânticas de 2 a 5 distinguem-se entre si pela configuração dos espaços físicos e pelos domínios de experiência que instanciam. A entidade que controla a acção (agente) move-se, agora, não no espaço físico da *biosfera* (instanciado pelo cenário prototípico), mas em espaços complexos, racionalizados pela inteligência humana (tecnosferas), dentro dos quais interagem entidades que

dominam saberes técnicos especializados. Tal é o caso de *colher2* (domínio clínico), *colher3* (domínio náutico), e *colher5* (domínio fotográfico). O caso de *colher4* (domínio fiscal ou caritativo) particulariza-se, relativamente às extensões anteriores, na medida em que o agente se move no espaço social (sociosfera) e não lhe é requerido um conjunto de aptidões específicas para a consecução da acção. Em termos esquemáticos, o agente interage, em qualquer uma das situações, com um objecto estático.

5.2.1.1 Extensão semântica *colher2*

Observem-se os seguintes enunciados:

(27) *Se o sangue colhido não foi colocado num recipiente próprio, poderá ter ocorrido fragmentação do mesmo. (TVI, 3- 09-97)*

(28) *Sem haver certeza de que o doador se encontra morto, não é lícito colher os seus órgãos. (Busse:1994)*

(29) *Fígado colhido na Madeira, salva vida no continente. (Canal1,Síntese Noticiosa,28-12-97)*

(30) *Neste momento, os hospitais que colhem sangue já estão preparados para receber mais doadores.(Canal 1,Telejornal,26-03-98)*

(31) *.. em casos como o referido a política é:análise do pólipó e de seguida um estudo muito cuidadoso do material colhido. (Canal 1, Olho Clínico, 21 -05-97)*

A construção sintáctico-semântica das ocorrências (27), (29) e (31) suscita algumas considerações preliminares: a fonte de energia impulsionadora da interacção não é especificada, provocando essa ausência de especificação uma incidência maximizada no paciente, cuja afectação é promovida a um estado

permanente¹⁴⁵. Esta particularidade é relevante porque corrobora a importância do objecto (paciente) no âmbito da construção do sentido do enunciado.

A construção de um *cenário* alternativo ao prototípico resulta em alterações na configuração dos participantes focais do evento *colher2*. A ocorrência (30) especifica a entidade responsável pela acção. Esta se, por um lado, se afasta da concepção de agente prototípico, em virtude da natureza das suas competências e aptidões técnicas, partilha, por outro lado, de similaridades esquemáticas no que respeita à sua dimensão humana e ao carácter intencional da sua actuação.

Relativamente à classe de pacientes ('y'), verifica-se que esta engloba *fluidos corporais* e *substâncias orgânicas*, o que estabelece um elo de similaridade parcial com os pacientes prototípicos de *colher1* (espécies vegetais), considerando que qualquer das classes faz parte da esfera biológica¹⁴⁶. No evento clínico instanciado por *colher2* o corpo humano funciona como um *contentor* tridimensional, dentro do qual existem líquidos/ fluidos e substâncias orgânicas que podem ser deslocadas de um espaço interior para um espaço exterior, através de um movimento físico-motor efectuado pelos membros superiores de 'x' (o agente), com o auxílio de um instrumento apropriado. Por conseguinte, veremos, no decurso da análise, que o esquema de *contentor*, que configura prototipicamente

¹⁴⁵ Observa Newman que a construção passiva contribui semanticamente para a manifestação de apenas uma entidade: « A passive construction with the agent unspecified achieves the effect of highlighting one entity in a scene or event. » (Newman 1996: 166)

¹⁴⁶ Refira-se que encontramos no âmbito clínico várias expressões que utilizam o domínio agrícola como domínio origem, nomeadamente, as metáforas *cirurgia de transplante* e *transplante de órgãos*.

relação dentro/fora, fornece uma base experiencial para a conceptualização de eventos sem inserção espacial¹⁴⁷:

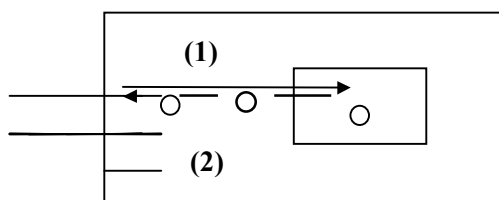


Figura 14-Colher 2

Com efeito, *colher2* actualiza uma modalidade de *dinâmica de força* equivalente a um movimento de *extracção* em que o grau de força/ fluxo energético aplicado sobre o paciente é intenso, supondo uma ruptura/cisão mais forte do que aquela que é representada pela trajectória do evento prototípico, o que não invalida que prevaleça, nesta extensão semântica, a direccionalidade do vector de força que estrutura *colher1*.

5.2.1.2 Extensão semântica *colher3*

As representações (32) e (33), também instanciadas no espaço físico, enformam um evento que pressupõe, por parte de 'x', um universo de saberes distintos do quadro prototípico e da extensão semântica 2:

¹⁴⁷ Observa Lakoff (1987:271) que o esquema de contendor compreende três elementos estruturais: interior, fronteira, exterior: «The container schema defines the most basic distinction between in and out. We understand our bodies as containers, perhaps the most basic things we do are ingest and excrete, take air into our lungs and breathe it out. » M.Vilela (1996: 332) corrobora a mesma ideia: « O homem toma consciência de si mesmo, como um ser fisicamente delimitado em relação ao resto do mundo, que considera como algo fora de si. E projectamos todos os objectos com um “dentro” e um “fora”... »

(32) *Ao aproximar-se do cais, o marinheiro colheu, sem demora, as velas da embarcação. (Inquérito Linguístico)*

(33) *Colhe velas, a frota em Moçambique. (Freire:1941)*

Não obstante a referida assimetria em relação ao protótipo, detectam-se, a partir do *espaço cénico* aqui configurado, algumas analogias com a interacção prototípica: ‘x’ é a fonte de energia que provoca, intencionalmente, uma alteração do estado do paciente, ao deslocá-lo da sua posição espacial inicial. Por sua vez, a natureza do paciente é concreta, tornando-o passível de manipulação directa. No entanto, em (32) as *velas* (uma peça de lona destinada a impelir a embarcação) constituem uma parte de um objecto complexo. O estatuto de «parte» de ‘y’ provoca um afastamento relativamente à representação prototípica, uma vez que a entidade aqui manipulada não é um elemento individualizado, como é o caso dos pacientes prototípicos (flores, ou frutos). Refira-se ainda que o fluxo de energia que impulsiona o movimento não se traduz por cisão ou separação, como no caso de *colher1*, mas apenas por deslocação. A trajectória efectada pelos membros superiores de ‘x’ poderia ser representada por um vector de tipo vertical, no sentido de cima para baixo.

5.2.1.3 Extensão semântica *colher4*

Na ocorrência (34) o agente manipula, também, por contacto físico directo, o objecto, o qual regista identidade parcial com o protótipo, uma vez que se trata de um elemento compacto, individualizado e de dimensão reduzida :

(34) *A equipa de voluntários colheu, durante os dois dias da campanha, donativos avultados. (Inquérito Linguístico)*

Esta representação supõe um percurso efectuado num espaço físico, dentro do qual o agente efectua uma trajectória estruturalmente análoga à trajectória prototípica. Interpretamos o paciente *donativos* como superordenado de vários tipos de contribuições monetárias concretas e passíveis de manipulação directa: *moedas, notas ou cheques*. A sequência accional culmina, tal como no caso do evento prototípico, em posse concreta. Refira-se ainda que esta interacção perspectiva, por associação metafórica, analogias remotas com o protótipo. A *colecta* da época medieval era o foro ou pensão que os vassalos pagavam anualmente ao senhorio, a qual era entregue em víveres, ou seja, em produtos provenientes da *colheita*. O transporte/ deslocação do objecto afectado para a esfera de controlo do sujeito resulta, em qualquer um dos casos, em benefício de ‘x’.

5.2.1.4 Extensão semântica *colher*⁵

Regista-se ainda um quadro situacional parcialmente distinto dos anteriores:

(35) *Os «paparazzi» instalaram-se então em terra, tentando colher todas as imagens possíveis de Diana, que passou a maior parte do tempo a apanhar sol na parte superior do iate. (Público, 1-10-97)*

(36) *... um cenário desolador são as imagens de Salvada, em Beja, acabadas de colher pelo Jornal da Tarde... (Canal 1, Jornal da Tarde, 5-12-97)*

(37) *Poderá, a partir de hoje, ver o filme mais caro do ano: «Titanic». O realizador, James Cameron buscou, obsessivamente, a fidelidade dos pormenores, a partir de imagens colhidas nas poucas fotografias existentes do navio. (TSF, 11-02-98)*

A imagem veiculada por esta extensão semântica pressupõe um programa-motor efectuado, necessariamente, com recurso a um utensílio técnico, afastando-se, por isso, parcialmente, da instância prototípica, na qual o agente efectua um dispêndio de energia biológica/natural. Por conseguinte, na sequência accional representada pela extensão *colher5*, a manipulação do elemento afectado é também «menos directa». 'Y' é capturado para o interior do instrumento manipulado por 'x' e não directamente para a sua esfera física de controlo, a mão (expressão literal da posse).

5.2.2 Interação física com objecto animado

Continuamos a «mover-nos» no domínio básico do espaço, porém, os quadros situacionais integrados nesta secção configuram duas diferenças fundamentais em relação às extensões numericamente compreendidas entre 2 e 5 e, naturalmente, em relação à instância prototípica. A distância semântica advém, em primeiro lugar, das dissemelhanças na construção do paciente, (agora representado por um organismo vivo). O segundo pólo de afastamento advém da maximização da velocidade de deslocação e da intensidade do fluxo energético activado por 'x'.

As extensões 6 e 7, esquematicamente designadas *interacção com objecto dinâmico*, instanciam um movimento abrupto de colisão que constitui, no caso de *colher6*, o embate entre duas forças assimétricas: engenho/veículo motor vs entidade física (ser humano ou animal) e, no caso de *colher7*, um encontro/

estreitamento físico não previsto por parte do paciente: entidade humana vs entidade humana.

5.2.2.1 Extensão semântica *colher*⁶

Observe-se um novo quadro referencial:

- (38) *Quatro mortos e dois feridos - é o balanço em Viana do Castelo: uma carrinha foi colhida por um comboio. (TSF, 23-03-98)*
- (39) *Populares cortaram hoje a linha do Minho para marcar a morte de um homem colhido por um comboio. (Canal 1, 24 horas, 21-02-97)*
- (40) *A criança foi colhida pelo autocarro. (Inquérito Linguístico)*
- (41) *O toureiro foi colhido pelo touro. (Inquérito Linguístico)*
- (42) *O rapaz foi colhido por um «Corsa» preto. (Inquérito Linguístico)*
- (43) *O automóvel colheu o pedestre. (Aurélio:1986)*
- (44) *Comboio de passageiros colhido por uma locomotiva, a 800 metros da estação da Póvoa de Santa Iria. (TSF, 12-04-98)*

Claramente disfórico, o valor semântico de *colher* documentado pelos enunciados compreendidos entre (38) e (44) representa uma cadeia accional dentro da qual a entidade iniciadora *faz cair/derruba por impacto* o elemento afectado¹⁴⁸. Constatamos, desta forma, que a relação esquemática de assimetria entre os dois participantes focais (caracterizadora do evento prototípico), prevalece nesta extensão: ‘x’ possui um ascendente energético sobre ‘y’.

Ao ajuizarmos, porém, a intervenção de ‘x’ (não levando em consideração a ocorrência (41)), somos levados a inviabilizar a hipótese de que a interacção por si levada a cabo, incorpore intencionalidade. Isto, porque, do ponto de vista ético e

moral, o acto de atropelar alguém só pode ser aceite como não volitivo, resultante de um movimento imprevidente. Assim, ‘x’, a entidade instigadora do evento, (condutor, metonimicamente percebido como veículo)¹⁴⁹, afasta-se da concepção prototípica do agente de *colher*, pela ausência do parâmetro intencionalidade¹⁵⁰. Por outro lado, o facto de o paciente de *colher6* ser um elemento humano, adensa as dissimilaridades entre esta extensão e *colher1*. Considera-se, no entanto, que ‘y’ é conceptualizado por analogia com a instância prototípica, revestindo uma vulnerabilidade que lhe confere um carácter inanimado e que, por sua vez, motiva a sua configuração como objecto, imobilizado e impedido de controlar a força adversa opositora exercida pelo agente.

Refira-se também que, à semelhança da extensão *colher2*, a quase totalidade dos enunciados que ilustram esta extensão semântica elabora uma construção passiva, maximizando a assimetria entre as duas entidades intervenientes no evento, focalizando o estado de inércia, vulnerabilidade e impotência do elemento afectado e *promovendo a sua afectação a um estado permanente*¹⁵¹. Do ponto de vista energético, o fluxo de energia aplicado sobre o elemento afectado supõe uma

¹⁴⁸ Note-se, dentro do âmbito espacial, a dissimetria de movimento entre as extensões (2) e (6) e (7). Enquanto *colher2* equivale a *praticar a extracção de...isto*, é, tirar de dentro para fora, *colher6* e *colher7* configuram a acção de *fazer cair*, de *derrubar*, através de um embate de forças.

¹⁴⁹ Refere Lakoff (1980:45) que a metonímia, ao contrário da metáfora, tem uma função fundamentalmente referencial, ao mesmo tempo que tem também a função de facilitar a compreensão. No caso em análise, o embate é directamente provocado pelo veículo, a metonímia permite aqui focalização do choque/embate (veículo pelo condutor).

¹⁵⁰ Se recordarmos as propriedades interaccionais, descritas por Lakoff para caracterização da causalidade prototípica (vide capítulo II deste trabalho), verificamos que há uma ausência de *planeamento da acção*, na medida em que para todos os efeitos, o agente de *colher6* não deseja, não planeia, nem tem controlo sobre a acção que efectua.

¹⁵¹ A.Silva (1997:183) refere que a construção passiva: «... incide *sobre e no* objecto, promovendo e salientando o seu estado resultante e projectando-o como estado permanente. »

força intensa e veloz, traduzida por imagens de *choque*, *embate* e *colisão* que podem ser conceptualizadas em dois momentos:

- a) aproximação abrupta do agente sobre o paciente;
- b) colisão/ embate forte do agente sobre o paciente, daí resultando a afectação do segundo (*i.e.*, alteração do estado físico do paciente - injúria física, contusões leves ou graves, ou até mesmo, morte).

Resta sublinhar que prevalece, nesta extensão, uma similaridade parcial com a trajectória bi-direccional configurada pelo evento prototípico, não obstante o grau de intensidade da força exercida em *colher6* ser impulsionado, não directamente por uma entidade humana, mas por um engenho mecânico.

5.2.2.2 Extensão semântica *colher7*

O segundo quadro que se apresenta, no âmbito da colisão física, é consideravelmente diferente de *colher6*:

(45) *Não teve resposta, mas sentiu o braço que se lhe insinuava sob o corpo, colhendo-o....*

(46) *Sem demora ou hesitação, colheu-a com um abraço longo e silencioso ...*

A distinção entre as extensões *colher6* e *colher7* situa-se, essencialmente, ao nível da *dinâmica de força* e da natureza do evento resultativo. Na extensão *colher6* a afectação do objecto poderá culminar em contusões e lesões graves e até em morte, o que não acontece em *colher7*, onde a mudança de estado do objecto não resulta, à partida, em qualquer injúria. Porém, não obstante o estatuto aparentemente igualitário das duas entidades intervenientes, a assimetria “clássica”

agente/ paciente prevalece, por força da conceptualização de ‘y’ como um objecto inerte, arrebatado e capturado por um movimento súbito e abrupto por parte de ‘x’. X’ progride no espaço e *captura* ‘y’ para a sua esfera de controlo, através de um movimento físico, correspondente a uma trajectória bi-direccional. A ideia de velocidade/rapidez aproximam semanticamente, esta extensão da anterior; todavia, a progressão rápida no espaço, desenhada por *colher7*, não resulta nas consequências nocivas representadas por *colher6*.

Ficaram, até ao momento, analisadas as principais áreas de experiência física às quais se estende a dimensão espacial de *colher*. Procurámos avaliar as divergências/dissemelhanças e as analogias entre as extensões e o protótipo da categoria. Este ensaio interpretativo prosseguirá em moldes similares; todavia, considera-se que as extensões de 8 a 13 representam a projecção metafórica da base espacial do evento prototípico em domínios de experiência abstracta (mental e psico-social).

O vincado distanciamento semântico que estas extensões evidenciam, face ao centro prototípico, deve-se, fundamentalmente, à sua ausência de inserção espacial que se traduz em três aspectos interligados: não progressão efectiva no espaço, não transmissão física de energia da entidade movente (‘x’) para o objecto afectado (‘y’) e inexistência de contacto físico entre os participantes focais do evento. O objecto afectado não corresponde, por conseguinte, a um elemento manipulável e directamente perceptível na realidade física, mas sim a um elemento abstracto/não tangível (com a excepção de *colher10* e *colher13*). Torna-se, então,

necessário investigar que mecanismos operam no sentido de permitirem ao sujeito falante usar o verbo *colher* na categorização de domínios de experiência abstracta.

5.2.3 Interacção mental

Estudaremos, através das extensões semânticas 8 e 9, a forma como os conteúdos mentais são construídos e conceptualizados em termos espaciais. A actividade de investigação é, por natureza, um domínio povoado de conceitos abstractos e de apreensão não imediata. Directamente relevante para a nossa análise é a investigação de Lakoff & Johnson (1980) sobre a substância abstracta «ideia», a qual é conceptualizada como elemento estruturalmente análogo à espécie biológica *planta*. Alegam Lakoff & Johnson que « ideas are plants »¹⁵², tal como as plantas (organismos vivos), as ideias passam por sucessivos estados de desenvolvimento até poderem ser *colhidas*: *cultivar uma ideia*, *semear ideias*, *espalhar ideias*, *ideias verdes*, *amadurecer ideias*, *ser fértil em ideias*, *ideias enraizadas*, *ideias florescem*, *ideias dão frutos*, *colher ideias* e muitos outros

¹⁵² Os autores citam uma quantidade considerável de exemplos que testemunham a estruturação do conceito *ideia* em termos de *planta*: « His ideas have finally come to *fruition*. That idea *died on the vine*. That's a *budding* theory. It will take years for that idea to *come to full flower*. He views chemistry as mere *offshoot* of physics. Mathematics has many *branches*. The *seeds* of his great ideas were *planted* in his youth. She has a *fertile* imagination. Here's an idea that I would like to *plant* in your mind. He has a *barren* mind. » (Lakoff & Johnson 1980: 47)

Verifica-se que, tanto a língua portuguesa, como a língua inglesa, utilizam o domínio agrícola como domínio para a conceptualização de vários tipos de experiência mental.

Num estudo levado a cabo por Boers & Demecheleer (1997:127-128), os autores corroboram a mesma ideia, conferindo, todavia, relevo à actividade de jardinagem na cultura inglesa: «... the national stereotype of english includes a preoccupation with gardening /.../ flourishing companies, branches of a company, a withering economy, pruning costs, to feed economy growth...»

exemplos que poderiam ser referenciados¹⁵³. Esta conceptualização de elementos sem inserção espacial, em termos de substância concreta, estende-se, no nosso *corpus*, a outros nomes abstractos (*opiniões, dados, informações, impressões, provas, pareceres...*). A nível esquemático diremos que, nas interacções mentais, o elemento afectado é conceptualizado através da *metáfora de contentor* (Lakoff 1987: 271-272). Veremos ainda que as estruturas físicas de *deslocação* e a *dinâmica de força* do domínio origem (*colher1*) são também projectadas no domínio interno das interacções mentais e psico-sociais¹⁵⁴.

5.2.3.1 Extensão semântica *colher8*

Observem-se os seguintes enunciados:

(48) ... *informações colhidas pela TSF confirmam que as estradas com destino à Guarda continuam bloqueadas. (TSF, 6-12-96)*

(49) ... *opinião do engenheiro Ferreira do Amaral colhida pelo jornalista Carlos Oliveira. (TSF, Forum TSF, 4-12-96)*

(50) *Polícia judiciária já colheu provas [testemunhos] que incriminam presumível autor do incêndio na discoteca «Meia Culpa», em Amarante. (TSF, 16-03-97)*

¹⁵³Dever-se-á realçar que o ciclo de vida das plantas constitui um profícuo domínio origem para a configuração das mais diversas realidades. Vejam-se os seguintes exemplos retirados do discurso quotidiano: «A associação parece complexa e um tanto forçada, mas encontra **raízes** nas diferentes obsessões susceptíveis de serem provocadas pela incessante busca de uma identidade....» (*Expresso*, 25-04-98) e: «Tal como a aliança nasceu acho que favorece o **enraizamento** do PS.» (*Expresso*, 25-04-98), ou ainda: «...implicando uma capacidade criadora que transforma cada ser humano numa inesgotável ‘**árvore** de imagens’, por cuja **seiva** correm as palavras...» (*Público*, 21-04-98).

¹⁵⁴ Esta ideia é corroborada por Langacker (1987a:168): «Terms of motion and other spatial relationships are commonly extended to non spatial domains». O autor ilustra esta ideia com o verbo «go», o qual descreve um movimento físico de um ser animado ou de um objecto, através do espaço: «A train went through the tunnel», ou «He can go quickly from one mood to another». O segundo enunciado representa, por conseguinte, uma extensão do domínio espacial.

- (51) ... de acordo com a experiência já colhida em matéria de seguro de colheitas e ainda em resposta à solicitações dos agricultores e das associações... (Despacho normativo n.º 66/84)
- (52) ... os testemunhos colhidos divergem quanto à hora a que terá ocorrido o delito... (TSF, 14-05-97)
- (53) .. colhi boas impressões sobre a firma, no entanto, é melhor averiguar factos concretos... (Inquérito Linguístico)
- (54) ... segundo as informações colhidas pelo «Diário Económico», nenhum grupo parlamentar parece disposto a aceitar esta medida. (Diário Económico, 15-11-96)
- (55) ...o acto do jornalista não divulgar uma opinião que colheu põe em causa alguns aspectos de suprema relevância ... (SIC, Os Donos da Bola, 24-01-97)
- (56) ... o Primeiro Ministro saiu por uma porta lateral, de forma que não foi possível colher uma reacção à manifestação da PSP. (Canal 1, Telejornal, 19-06-97)
- (57) Segundo os dados colhidos pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, o desemprego diminui em Portugal. (TV2, 19-06-97)
- (58) Não foi até agora possível colher a opinião dos deputados da oposição, todavia, há rumores de que a proposta de legalização de uniões de facto vai ser vetada. (Canal 1, Jornal da Tarde, 25-06-97)
- (59) Basearam as suas conclusões na análise de dados colhidos em todo mundo que mostram um crescimento do número de tumores malignos em partes do corpo raramente expostas aos ultravioletas, como a sola dos pés. (Expresso, 30-06-97)
- (60) Os dados colhidos apontam que o Santuário de Fátima está, a esta hora, a 20% da sua capacidade. (TSF, 12-05-97)
- (61) Não sendo muitos abundantes as bibliotecas da terra, era obrigada a reler, mais do que uma vez, os mesmos livros - o que é sempre uma vantagem para a instrução colhida neles. (Dinis:66)
- (62) Ele colheu ideias num livro. (Inquérito Linguístico)
- (63) O pai colheu informações sobre o comportamento do filho. (Inquérito Linguístico)
- (64) O entrevistador colheu boas impressões da conversa que teve com o candidato. (Inquérito Linguístico)
- (65) Por agora, os depoimentos colhidos apontam para que actos de alegada violência física tenham sido levados a cabo na Ordem do Terço. (TSF, 11-03-98)
- (66) O Primeiro Ministro colheu reacções de protesto por parte da oposição... (TSF, 14-04-98)

(67) *O dispositivo da Inter permite ainda monitorizar os diferentes sistemas do veículo e os respectivos intervalos de manutenção, colher informações sobre acidentes, emitir pedidos de assistência na entrada ... (Público, 12-02-98)*

(68) *A Sic já iniciou as sondagens sobre a despenalização do aborto e 62% das respostas colhidas correspondem ao 'sim'... (SIC, 2-04-98)*

(69) *Aqueles que vão a Oslo e procuram a obra de Eduard Munch acabarão por descobrir que uma das mais nítidas impressões que se podem colher dos trabalhos deste artista norueguês é a de um quadro realizado na fase em que o pintor... (TV2, 8-05-98)*

Verificamos que, numa sociedade com necessidades informacionais e comunicacionais crescentes, proliferam os usos abstractos das unidades lexicais e o verbo *colher* não escapa naturalmente a essa tendência avassaladora. As conceptualizações em foco situam-se no plano metafórico, pela razão fundamental já anteriormente evocada: a ausência de um contacto físico directo entre agente e paciente, a não progressão efectiva no espaço e a não transmissão física de energia. Nesta ordem de ideias, *colher*⁸ também não configura «posse prototípica», mas uma extensão metafórica da referida noção.

Tomemos como exemplo o enunciado (64). O conceptualizador traça um percurso mental em que o agente 'x', entidade humana (*o entrevistador*) dotada de intencionalidade, progride num espaço que é figurativamente construído como região delimitada e atinge um ponto fixo-alvo, tomando posse de uma substância conceptualizada como compacta e tri-dimensional (*impressões...*). A orientação espacial bi-direccional que estrutura a trajectória prototípica é metaforicamente projectada e usada como modelo inferencial¹⁵⁵. Extrapolando a noção de *psico-*

¹⁵⁵Aqui reside, de facto, tal como Grady (1997: 271) salienta, um dos grandes pontos de inovação da semântica cognitiva: a experiência físico-motora desempenha um papel crucial na estruturação do nosso sistema conceptual: « One way in which metaphor theory distinguishes itself from other

dinâmica de Talmy, aplicada aos verbos modais, consideramos que também as interacções não espaciais de *colher* projectam a força física num vector de força mental que desloca o objecto para o interior da esfera de controlo do sujeito, prevalecendo, assim, a assimetria entre ‘x’ e ‘y’, caracterizadora do evento prototípico¹⁵⁶.

5.2.3.2 Extensão semântica *colher*⁹

A representação configurada pela ocorrência (70) apresenta diferenças significativas relativamente à extensão *colher*⁸:

(70) *O argumento de que as uniões de facto são em termos práticos perfeitamente iguais ao casamento não colhe. (RFM, 29-06-97)*

Este exemplo particulariza-se por duas razões fundamentais, a saber: pelo afastamento de ‘x’ em relação ao protótipo da categoria e pela não especificação de ‘y’. O elemento abstracto *argumento* é aproximado da configuração do agente do domínio origem (entidade humana, dotada de agir intencional). No que respeita a ‘y’, a representação (70) é a única do *corpus* que não designa o objecto afectado. Subentende-se, todavia, a sua identificação com o paciente do domínio

theories of thought and language is by its insistence that bodily structures and experience play a critical role in shaping our conceptual system. »

¹⁵⁶Conforme evidenciado por Talmy (1988: 94), as línguas manifestam uma tendência generalizada para conceberem as operações mentais e psico-sociais: «... the main factor to note is that language largely extends its physical force interaction to behaviour within the psyches and between psyches. That is, largely physicalizes the psychosocial domain of reference. »

Também Sweetser (1990:45) observa que o «eu interior» tende a ser compreendido à semelhança do «eu exterior»: «The internal self is pervasively understood in terms of bodily external self and

origem (espécie vegetal). A motivação para esta extensão terá como fundamento físico a *infertilidade agrícola*, experiência que é projectada no domínio da argumentação verbal: um *argumento que não colhe é uma planta que não dá frutos*, que é *infrutífera*, e como tal, não concludente, ou não susceptível de inferências ou deduções¹⁵⁷.

Refira-se que, se se tivesse enveredado por um ponto de vista pragmático, uma análise deste enunciado, em termos das máximas da comunicação de Grice, revelaria uma total violação das máximas da *qualidade*, *quantidade*, *maneira* e da *relação*; todavia, tal concepção não é aceite no âmbito da semântica cognitiva¹⁵⁸. Reconhecemos, talvez, que, para o sujeito falante comum, este exemplo será mais facilmente compreendido como extensão metafórica do que as extensões 8, na medida não se trata de um uso tão trivial quanto *colher*8; no entanto, argumentam os cognitivistas que a mente está tão preparada para entender os processos literais como metafóricos¹⁵⁹.

it is hence described by means of vocabulary drawn (either synchronically or diachronically) from the physical domain. »

¹⁵⁷A associação entre *colher* e o domínio da actividade mental é confirmada por alguns dicionários etimológicos: *legere* e *colligere* significavam também, segundo Toisoul (1937: 240): «... réfléchir profondément, méditer ... »

¹⁵⁸Umberto Eco considera que: « Não há dúvida que o fazer da metáfora viola a máxima da Qualidade ('Faz com que o contributo para a conversação seja verdadeiro'), da Quantidade ('Faz com que o teu contributo para a conversação seja o mais informativo possível'), da Maneira ('Sê perspicuo'), e da Relação ('Faz com que o teu contributo seja relevante em relação ao assunto'). (1994: 202). O autor relata, aliás, um exemplo caricato que reflecte a questão pragmática: «Esta cerveja é divina!»/ « Não, é um produto humano e industrial. »

Todavia, Gibbs (1994: 429) salienta que vários estudos no âmbito da psicolinguística desafiam a visão pragmática da metáfora: « All these experimental findings from psycholinguistics are damaging to the general assumption that people understand figurative language as a violation of conversational maxims. Similar psychological mechanisms appear to drive the understanding of both literal and figurative speech, at least insofar as very early cognitive processes are concerned. »

5.2.4 Interacção psico-social

Consideraremos, dentro do domínio psico-social, quatro tipos distintos de conceptualizações: *colher10* (*causar a surpresa de alguém*), *colher11* (*recompensa moral ou monetária*), *colher12* (*castigo moral*) e *colher13* (*causar cessação da vida*). Designamos esta área psico-social, porque consideramos que envolve tipos de interacção mental e social, regidos ou condicionados por normas e valores sociais e comportamentais partilhados pela comunidade linguística.

5.2.4.1 Extensão semântica *colher10*

Leiam-se os quadros situacionais descritos pelas seguintes ocorrências:

(72) .. *é necessário tomar medidas urgentes para que a situação não nos venha a colher em fogos cruzados* . (TSF, 12-05- 97)

(73) *Eles virão - disse o comandante - foste colhido de surpresa, mas nós estamos preparados* . (P.Coelho:132)

(74) *Colhemos o adversário desprevenido* . (Aurélio: 1986)

(75) *A chegada repentina dos filhos de D. Madalena, da aia e do escudeiro, com alguns criados velhos, colheu de sobressalto o feitor Paulo Rodrigues*. (Freire:1941)

(76) *O acórdão colheu de surpresa os meios jurídicos e o próprio governo. A polémica poderá arrastar-se...* (Público, 27-01-98)

O sentido configurado pelas representações numericamente compreendidas entre (72) e (76) poderia ser parafraseado por *causar surpresa*, ou, *apanhar*

¹⁵⁹Salienta Gibbs (1994: 421) que: «... the results of reading time and priming studies demonstrate that understanding figurative utterances does not necessarily require additional mental effort beyond that used to comprehend literal speech ... »

*alguém desprevenido*¹⁶⁰. Descortinamos, imediatamente, uma correlação semântica entre esta extensão e *colher7* (*chocar-se com/ provocar aproximação física de...*), isto porque *colher10* e *colher7* configuram uma estrutura accional similar, sendo *colher7* directamente perceptível e *colher10* psicologicamente experienciável. No primeiro caso, surpreende-se alguém com a nossa presença física e, no segundo caso, provoca-se impacto psicológico, ou *afecção psíquica*.

Retomando, agora, apenas a extensão *colher10* verifica-se que, em duas das representações, nomeadamente em (72) e (76), a entidade causadora da interacção não reveste o traço prototípico *humano* (tal é o caso dos elementos abstractos *situação* e *acórdão*). Não obstante esta concepção metonímica de agente, o parâmetro intencionalidade é comum a todos os exemplos representativos desta extensão e forma um elo de ligação entre *colher10* e *colher1*.

O agente de *colher10* desloca-se num espaço, metaforicamente construído, efectuando uma trajectória análoga à do evento prototípico, a qual culmina também em *afecção do objecto*¹⁶¹. A *dinâmica de força* de *colher10* é, por conseguinte, uma *psico-dinâmica*: o agente 'x' progride velozmente no espaço mental em direcção a 'y', um «alvo» configurado como imóvel, inerte, ou estático. 'X' está em controlo perfeito da acção e possui a superioridade energética que lhe permite *transportar 'y' para sua esfera de controlo*, ou seja, provocar

¹⁶⁰Refere M.Vilela (1995:184) que: «O verbo surpreender situa-se no grupo dos 'verbos de afecto' que mais se aproximam do esquema transitivo prototípico, embora a 'agencialidade' se situe numa escala não muito alta. »

¹⁶¹Refere Lakoff (1987: 275) que: «If you go from a source to a destination, along a path, then you must pass through each contiguous location, connecting the source and the destination, and a direction toward the destination. »

«impacto» através de uma atitude/ uma ideia/ uma reacção inesperada, totalmente fora do campo de expectativas daquele que é surpreendido¹⁶².

5.2.4.2 Extensão semântica *colher*¹¹

Observe-se um quadro situacional distinto do anterior:

(77) *...os benefícios que se podem colher da terapêutica de substituição são realmente inúmeros....(Canal 1, Maria Elisa, 21-05-97)*

(78) *... um empresário que investe, gere, arrisca e colhe lucros, tem o direito de usufruir deles... (SIC, As Escolhas de Paulo Portas, 5-07-97)*

(79) *O Primeiro Ministro Britânico apressou-se hoje a colher os frutos das eleições Escocesas .(Canal 1,Telejornal, 12-09-97)*

(80) *Dali a pouco os inimigos estariam de volta, colhendo os frutos que não tinham plantado . (P. Coelho:132)*

(81) *Jogar verde para colher maduro.*

(82) *Semear para depois colher.*

(83) *No ano transacto, os lucros colhidos pela empresa foram maiores. (Inquério Linguístico)*

(84) *Ferro Rodrigues poderá capitalizar melhor, a favor do governo, a descida do desemprego e colher os frutos da formação profissional, depois de todo o trabalho de reorganização realizado por Maria João Rodrigues.(Público, 24-11-97)*

(85) *Carlos Carvalhas admite, com alguma tranquilidade, em conferência de imprensa, que o PCP não colheu os resultados que previa (TSF,14-12-97)*

(86) *A Câmara Municipal de Gaia tem agora um novo líder: Luís Filipe Menezes. O novo presidente colheu ontem os frutos de uma vitória, por si designada como um resultado histórico. (TSF, 14-12-97)*

(87) *António Saleiro, líder da federação socialista do Baixo Alentejo, considera que colheu resultados favoráveis, fundamentalmente, devido ao saldo positivo obtido no distrito de Beja. (RFM, 15-12-97)*

¹⁶²No tratamento que faz sobre os verbos de afecto, dentro dos quais inclui *surpreender*, M.Vilela (1995:185) salienta que: «Do ponto de vista da representação conceptual dos processos psíquicos, os referentes das cláusulas em função de sujeito são concebidos como origem ou fonte da experiência sensitiva /.../ e por isso atribui-se-lhe a responsabilidade primária no processo de afectação psíquica. »

A extensão semântica *colher11* configura, conjuntamente com a extensão *colher12*, uma bi-polaridade de resultados correspondente à dicotomia recompensa/castigo. As representações semânticas, numericamente compreendidas entre (77) e (87), configuram uma sequência de acção em que o evento resultativo é favorável para o sujeito, (à excepção da ocorrência (85), cuja construção frásica está na forma negativa). A ocorrência do elemento *frutos*, nos enunciados (79),(80),(84) e (86), é metafórica, na medida em que conceptualiza o elemento abstracto *resultado (positivo)*, *lucro*, ou *proveito*. Nenhuma significação linguística se constroi independentemente das práticas humanas; importa, por isso, salientar que a compreensão cabal desta extensão semântica evoca concepções morais e religiosas subjacentes ao conceito de trabalho. Como sabemos, a mais primordial concepção de trabalho é estruturada pela actividade agrícola e dela são indissociáveis modelos morais e comportamentais herdados pela Civilização Ocidental. Ora, dita a tradição religiosa que a recompensa ou o castigo constituem uma consequência imputável ao ser humano, a qual é directamente proporcional ao seu investimento/esforço inicial. Esta dualidade encontramos-la explícita no texto bíblico, « Parábola do Joio »:

O sementeiro saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo brotaram porque a terra era pouco profunda; mas assim que o sol se ergueu, foram queimadas e desprovidas de raízes, secaram.

*Outras, caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e sufocaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto*¹⁶³.

No quadro de valores apresentado, toda a actividade laboral que é efectuada com método, sacrifício e investimento, supõe resultados positivos. Não admira, portanto, que, no campo negocial/comercial, *investir, gerir, arriscar*, tenha como efeito *colher (resultados)*¹⁶⁴. Consideremos, por exemplo, a representação (78). A concepção de trabalho subjacente à civilização de *terceira vaga* supõe uma substituição da energia biológica pela capacidade mental, ao contrário das economias de *primeira e segunda vagas*. Por conseguinte, a concepção de que *o trabalho dá frutos* é, necessariamente, no âmbito de uma economia super-simbólica, uma extensão metafórica¹⁶⁵.

Registe-se que, na representação (78), se estabelece uma correlação estrutural sistemática com o paciente prototípico. O elemento *lucros* é, conceptualmente, configurado como um objecto concreto, directamente manipulável pelo agente. Esta concretização atribui-lhe as características de separabilidade, de periodicidade

¹⁶³Bíblia Sagrada (Mt 13: 1307).

¹⁶⁴Também Geeraerts (1997:16) faz alusão aos valores figurativos da categoria fruto: «Further, there is a range of figurative readings, including the abstract sense « the result of an outcome or an action » (as in *the fruits of his labour or his work bear fruit*) or the somewhat archaic reading «offspring, progenity» (as in the biblical expression *the fruit of womb, the fruit of his loins...*). These meanings do not exist in isolation but they are related in various ways to the central sense to each other. »

¹⁶⁵Encontramos correspondência directa entre esta metáfora e a metáfora de Lakoff, «LABOR IS A RESOURCE (1980: 66): « The perfect model of this is the assembly line, where the raw material comes in at one end, labor is performed in progressive stages, whose duration is fixed by the speed of the line it self, and products come out at the other end ». Neste caso, o modelo experiencial que Lakoff vai buscar é muito mais recente, na medida em que se fundamenta na concepção de trabalho pós-revolução industrial.

e reproduzibilidade, características que são, aliás, frequentemente projectadas nos vários domínios da actividade financeira¹⁶⁶.

Salientam-se ainda, no âmbito da mesma extensão, os exemplos:

(88) *Ao colher os louros, Santana Lopes deixou bem claro que não reparte a vitória com o PSD. (RFM: 15-01-97)*

(89) *Manuel Monteiro, na Lousã, a colher os louros no caso da colecta mínima... (Canal 1, Telejornal, 5-07-97)*

No quadro referencial em análise o paciente não pode ser entendido como objecto concreto, uma vez que 'y' (louros), não obstante a sua natureza prototipicamente concreta, está, nos contextos em análise, em vez dos nomes abstractos *vitória* ou *triunfo*. O valor metafórico associado a'y' afasta-o da concepção de paciente prototípico. As representações (88) e (89) constituem, por conseguinte, uma expressão fixa, saturada de conotações históricas e simbólicas. Veja-se a interpretação de Chevalier (1982:448):

O loureiro está ligado, como todas as plantas que permanecem verdes no Inverno, ao simbolismo da imortalidade; simbolismo que certamente não foi esquecido pelos romanos, quando fizeram do louro o emblema da glória, tanto das armas como do espírito . /.../Arbusto consagrado a Apolo, simboliza a imortalidade adquirida pela vitória. É por isso que a folhagem serve para coroar os heróis, os génios e os sábios. Árvore apolínea significa também, as condições espirituais da vitória, a sabedoria unida ao heroísmo .

¹⁶⁶ Os paralelismos entre a reprodução biológica e os lucros financeiros são também patentes na língua inglesa, tal como descreve Newman (1996: 154): «... money may be deposited in a bank similar to the way in which the seed may be sown in the ground; by leaving money in the bank, more money is earned through interest, just as a seed grows into a plant; eventually the money plus interest may be withdrawn in order to pay for some desirable object of experience, just as eventually a crop is harvested and eaten. These parallels support a mapping between the agriculture and finance, which manifests itself in english expression such as, *maturity of investment, investment growth*, etc. »

Verificamos, através desta extensão, que se torna insustentável tecer uma distinção dicotómica entre *conhecimento linguístico* e *conhecimento enciclopédico*. A compreensão da ocorrência - *colher os louros* - como uma apropriação do triunfo/sucesso ou glória, um prémio por acções louváveis, ou a recompensa de mérito artístico ou intelectual, constitui uma interpretação culturalmente partilhada e consensual, junto dos sujeitos falantes, não só da comunidade linguística portuguesa, mas também de toda a Civilização Ocidental.

5.2.4.3 Extensão semântica *colher*¹²

Nas representações que seguem entrecruzam-se também dimensões naturais e culturais de experiência humana:

(90) *Senhor Bill Clinton /.../ neste momento não estou a pensar em nada de tão deliberado como uma conspiração. Lembro-me é de um velho ditado: 'Quem semeia ventos colhe tempestades'. (Pública, 6-09-98)*

(91) *Quem tarde semear, tarde haverá de colher.*

(92) *Conforme semeares assim colherás*

Os enunciados compreendidos entre (90) e (92) ilustram convincentemente a tese de que a categorização humana tem por base um fundamento experiencial. Estamos em presença de *três metáforas da vida quotidiana* organizadas, por um lado, por estruturas não proposicionais, decorrentes do movimento físico através do espaço e, por outro lado, por modelos colectivos de conduta, decorrentes das concepções bíblicas e teológicas.

Consideremos, em primeiro lugar, o enunciado proverbial inserido na ocorrência (90). *Quem semeia ventos colhe tempestades* exprime uma *matemática moral*, decorrente de uma concepção moralista e «consequencialista» dos actos humanos¹⁶⁷. Assume-se que as acções praticadas pelos homens são numericamente quantificáveis e, por conseguinte, os seus efeitos são igualmente susceptíveis de avaliação quantitativa (Johnson 1987:95). Acontece que, de acordo com o provérbio em análise, há uma assimetria entre a causa e a consequência: a sanção infligida àquele que comete o delito é multiplicada. Este tipo de justiça retributiva é herdado de concepções teológicas expressas no texto bíblico e aparece descrito na explicação à *Parábola do Joio* (Mt 13: 1309), já citado, neste trabalho, em 3.2.1. Vejamos, porém, a sistematicidade interna do provérbio. Nele encontram-se articulados dois domínios físicos de experiência: (1) *semeiar/colher*; (2) *vento/ tempestade*. *Semente* e *vento* constituem elementos geradores (causa) e *trigo* e *tempestade*, elementos gerados (consequência). Esta sequência accional resulta, por conseguinte, numa multiplicação do elemento inicial¹⁶⁸. A conceptualização do paciente, via metáfora de *contentor*, confere-lhe a configuração de substância quantificável e a projecção da trajectória de *colher* estrutura a compreensão dos efeitos resultativos da intervenção do agente, os quais recaem, por analogia espacial com o protótipo, directamente sobre 'x'. Prevalece, assim, nesta extensão, o movimento bi-direccional da interacção

¹⁶⁷Johnson (1987: 95) considera que este tipo de raciocínio é baseado numa estrutura esquemática directamente emergente: a experiência física de equilíbrio (*balance schema*). Este esquema é projectado, de acordo com o autor, nos domínios morais e legais de experiência: « Rights, privileges, injuries, damages, duties, and so forth, all have *weight*. This makes possible a sense of mathematical calculation for the moral and legal realms. »

prototípica, correspondente a um valor adlativo (orientação em direcção ao sujeito):

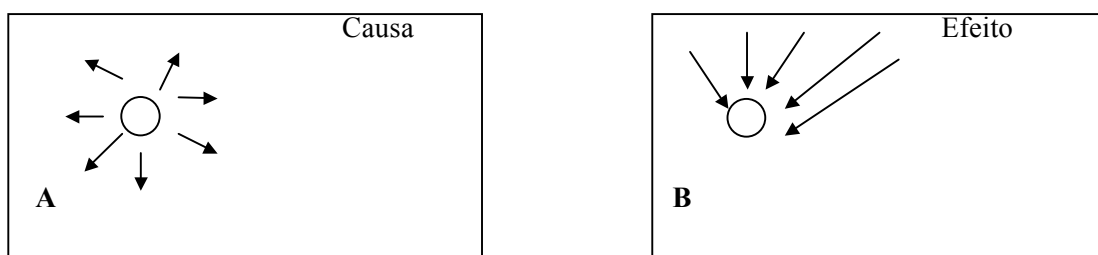


Figura 15 - *Quem semeia ventos colhe tempestades.*

As ocorrências (91) e (92) constituem também uma advertência, um guia de acção e de conduta moral e social¹⁶⁹. Os dois provérbios por elas instanciados reflectem uma forma típica de troca (comutação) entre o que se dá e o que se recebe. *Conforme semeares, assim colherás* traduz uma concepção de moralidade tradicional também herdada de concepções bíblicas: exige-se igualdade de proporção entre os esforços investidos por ‘x’ e os méritos e vantagens que em troca se obtêm¹⁷⁰. Esta *matemática moral* identifica-se, aliás, com a *Lei de Talião* (antigo sistema punitivo que consistia em infligir ao responsável por um acto

¹⁶⁸A concepção moralista deste provérbio é, aliás, patente na entrada lexical do dicionário de M.Vilela (1991): «Aquele que fez mal a outrem, receberá mais cedo ou mais tarde, o castigo pela acção cometida. »

¹⁶⁹Ana Lopes (1995:78) salienta a importância dos provérbios no âmbito do comportamento comunitário: «... os provérbios podem ser vistos como instrumentos de socialização ou veículos de coesão social, na medida em que plasman uma experiência e um saber que alicerçam as representações simbólicas e as normas de conduta da vida comunitária. »

¹⁷⁰Esta análise converge com o comentário que Ana Lopes (1995: 87) faz do provérbio: *Como semeares, assim colherás* : « Paralelamente, se o provérbio asseire categoricamente uma relação entre o modos de semear e os modos de colher (como semeares, assim colherás), o conhecimento de uma situação episódica protagonizada por X, que instancia a situação-tipo ‘semeiar de modo y’, permite-nos obter a informação acerca de uma futura actuação episódica protagonizada pelo mesmo X, que instancia uma situação tipo ‘colher’. » Parece-nos que estas observações são extensíveis a outras máximas: *O preguiçoso não lavra no Inverno, procurará no tempo da*

ilícito o mesmo dano causado à vítima) e que, no caso de *colher12*, é esquematicamente representada pela orientação espacial em direcção ao sujeito.

Relativamente ao enunciado (91) lê-se, literalmente, uma advertência: no domínio físico da actividade agrícola é necessário respeitar um calendário específico, isto é, os trabalhos de sementeira terão de ser feitos atempadamente, para que a colheita seja bem sucedida. Por projecção metafórica, o relaxamento de 'x', no sentido de uma ausência de planeamento das suas obrigações, repercutir-se-á, necessariamente, numa ausência ou obtenção tardia dos efeitos desejados¹⁷¹.

Para concluir, o sentido de custo/benefício veiculado pelas representações integradas nesta extensão semântica é estruturado via metáfora *orientacional* e metáfora de *contentor*. Estes dois mecanismos projectam aspectos da sequência accional de *colher1* no domínio alvo (*colher 12*). Esta extensão instancia também uma projecção metafórica do *balance schema* de Johnson¹⁷².

5.2.4.4 Extensão semântica *colher13*

colheita, mas não achará; ou a máxima: *Quem observa o vento não semeia, quem olha as nuvens não ceifa.*

¹⁷¹Johnson (1987:95) desenvolve detalhadamente o fundamento experiencial do «balance schema», o qual se projecta em domínios abstractos de experiência, nomeadamente, na conceptualização da justiça e da moral: «Utilitarianism the so called greatest-good-for -the-greatest-number principle, is the most popular version of the consequentialist reasoning today- it is widely accepted by lawyers, judges, social workers, penal authorities, politicians, and mental health workers. It supposes that determining the moral worth of an action is a matter of calculation of its effects. »

¹⁷²Johnson (1987:74) considera que a concepção de «equilíbrio» é uma estrutura pré-conceptual das mais básicas: «The experience of balance is so pervasive and absolutely basic for our coherent experience of our world and our survival in it that we are seldom aware of its presence. /.../. balance metaphorically interpreted also holds together several aspects of understanding of our world. »

Notoriamente disfórica é a última extensão semântica que teremos como objecto de análise:

(93) *Naquela tarde a morte colheu-a piedosamente.*

(94) *Esta manhã, subitamente, a morte colheu Lucas Pires, pouco tempo após a sua entrada no hospital ... (TSF, 25-05-98)*

Não obstante a sua natureza abstracta, a entidade responsável pela cadeia accional surge conceptualizada, nas duas representações, como agente intencional que detém o controlo absoluto do evento, por conseguinte, podemos considerá-lo, esquematicamente, próximo do agente de *colher*¹⁷³. Através da metáfora *ontológica*¹⁷³, esta entidade é animada de uma superioridade energética em relação a'y', o qual se afasta da concepção de paciente prototípico pelo traço *humano*. Há, todavia, traços do paciente prototípico que são projectados nesta extensão: 'y' é construído como objecto inerte. Prevalece, portanto, a assimetria entre os participantes focais perspectivada através de uma desigualdade de «força» entre *agonista* e *antagonista*. Os enunciados que integram a extensão 13 representam uma concepção eufemística de morte, atenuada por uma imagem da *colheita agrícola*. O movimento de *cisão* e de *corte* que subjaz à *colheita* de determinados produtos agrícolas é projectado nesta extensão semântica. *Ser colhido pela morte* é um dos vários eufemismos que atenua uma verdade, não raro

¹⁷³Num comentário crítico à obra de Lakoff & Johnson (1980), observa M. Vilela (1996:33) que: «As chamadas personificações são igualmente exemplo das metáforas ontológicas, em que propriedades ou entidades não humanas são aproximadas de actividades humanas...»

atroz¹⁷⁴. Refira-se que, deste domínio, fazem parte outras imagens relacionadas com a actividade *agrícola*, nomeadamente a imagem da *ceifa*¹⁷⁵.

5.3 Apreciação crítica

Traçámos, neste capítulo, a amplitude conceptual da categoria *colher*, não contemplando, naturalmente, todas as suas extensões semânticas, mas cobrindo os seus usos linguísticos mais generalizados. Sustentámo-nos metodologicamente na divisão das extensões em interacções instanciadas no espaço físico e em interacções sem inserção espacial¹⁷⁶. Com base na bi-partição proposta, considerámos que as extensões semânticas, numericamente compreendidas entre 2 e 7, estarão mais próximas do centro prototípico por exprimirem deslocação e movimento reais, *i.e.*, *manipulação directa* de objectos e posse concreta resultante. Inversamente, por ausência das referidas dimensões, considerámos as interacções compreendidas entre 8 e 13, extensões metafóricas¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Veja-se a definição de eufemismo de Geeraerts (1997:99): « Euphemism, for instance, is the use of a positively (or less negatively) connoted word instead of a negatively connoted one with the same denotational meaning. Thus, to pass away or to depart this life are euphemistic expressions for die...»

¹⁷⁵ Leia-se, por exemplo, esta ocorrência: «Tempestade durante a noite *ceifa* vidas no Alentejo: sete mortos e dois feridos....» (Canal 1, Jornal da Tarde, 6-11-97)

A referida dimensão é também documentada neste poema sobre o Outono: « Recolhe-se a morrer a natureza // O ar é fruto e mosto. Nos pomares // O moribundo Outono põe a mesa// e despeja o sangue nos lagares. » (Vieira: 241). Ou ainda em outros trechos literários: « Como as uvas que vão ser cortadas estava também madura para o lagar da morte. » (Torga:133)

¹⁷⁶ Evidentemente que esta divisão é suportada pelas evidências da realidade dita extralinguística: «A força é primariamente física e metaforicamente psicológica (ou psico-social).» (A.Silva 1997: 532)

¹⁷⁷ Assistimos aqui a uma objectivização do abstracto como entidade delimitável, manipulável e manuseável.

A análise efectuada permitiu verificar que as dimensões estruturantes do protótipo (acção intencional do sujeito, deslocação no espaço, causatividade, modificação do objecto, adlatividade e posse resultante) revestem, elas próprias, traços de prototipicalidade, nomeadamente, *não descrição* e *ausência de limites rígidos*. O carácter gradativo de cada uma das dimensões não significa, porém, que seja necessário pôr de lado a hipótese de uma significação abstracta de tipo unificador, tal como a que foi proposta neste trabalho. Julgamos, pelo contrário, que a análise da categoria ao nível extensional corrobora a caracterização esquemática proposta: *transportar entidade para dentro da esfera de controlo do sujeito*.

A finalizar, cumpre ainda referir que a análise das principais extensões de *colher* permite adiantar algumas conclusões sobre a forma como a mente humana relaciona diferentes domínios de experiência. Verificámos que *colher1* empresta uma estrutura *familiar* e um carácter concreto aos vários domínios alvo¹⁷⁸. Obviamente que isto não significa que todos os elementos do domínio origem sejam projectados aí projectados; constatámos que só os mais salientes o são.

¹⁷⁸ Recorda-se que este objectivo se inscreve nas questões centrais que a semântica cognitiva se propõe investigar, tal com é salientado por Grady (1997: 288): «One of the goals of current work in cognitive linguistics is through observation of the facts of language, to discover the ways in which mind relates different domains of experience. »

CONCLUSÃO

A abordagem cognitiva do verbo *colher*, focalizada numa visão prototípica das categorias lexicais, permitiu levar a cabo uma investigação sistemática da estrutura interna do complexo polissémico. Com base numa concepção *centro-periferia* determinámos o valor prototípico de *colher* e as suas principais extensões semânticas (valores mais salientes no seu uso quotidiano actual).

A consulta a informantes revelou que 85,8% das ocorrências do verbo instanciam um evento espacial, configurador de uma interacção que se reporta ao domínio de experiência agrícola, representação que é, por sua vez, compatível com o *protótipo lexicográfico* (determinado a partir da selecção assimétrica de onze

dicionários). A posterior análise da sequência interaccional e da configuração das entidades focais (agente e paciente de *colher1*) permitiu descortinar que a sua estrutura sintáctico-semântica é prototipicamente causal e transitiva, de acordo com as concepções teóricas de Lakoff (1987) e Langacker (1991).

Também, com base nas concepções de Langacker (1991) e Talmy (1988), constatámos que o evento prototípico se instancia em dois domínios básicos: o *domínio espaço-temporal* e o *domínio da dinâmica de força*. Por conseguinte, o desdobramento temporal de *colher1* implica duas fases distintas - (1) aproximar-se, (2) levar consigo - que se traduzem, em termos de *dinâmica de força*, por uma trajectória bi-direccional de tipo «vai-vem», culminando na mudança de localização do objecto afectado. A abstracção e generalização desta sequência permitiu ainda chegar a uma definição esquemática do verbo - *transportar entidade para dentro da esfera de controlo do sujeito* - definição que pressupõe a existência de seis componentes semânticos que exprimem o seu conteúdo fundamental: (1) acção intencional do sujeito, (2) deslocação no espaço, (3) causatividade, (4) modificação do objecto, (5) adlatividade e (6) posse resultante.

Verificámos, com base no *corpus* coligido, que, a partir do centro prototípico, irradiam 13 extensões do conteúdo fundamental de *colher*. As extensões semânticas compreendidas entre 2 e 7 são instanciadas no espaço físico (interacções energéticas), e encontram-se semanticamente mais próximas do protótipo, porque pressupõem manipulação directa de objectos e posse concreta. As extensões semânticas compreendidas entre 8 e 13 (interacções psico-dinâmicas) pressupõem um maior afastamento face ao protótipo, na medida em

que implicam uma projecção da imagem de base da categoria em domínios abstractos.

A análise global dos membros do complexo polissémico revela que *colher* é uma categoria adequada, quer para a expressão da posse concreta, prototipicamente expressa pelas mãos (a parte do corpo mais directamente interveniente no controlo e na manipulação), quer para a expressão da posse abstracta, a qual é projectada em domínios mentais e psico-sociais. Mais se poderá dizer: a organização interna do complexo polissémico de *colher* revela que a afirmação de C. Cacciari & S. Glucksberg (1994: 470) - *words do no acquire new senses randomly* - citada na introdução a este trabalho, encontra ressonância no nosso *case study*. Os vários sentidos de *colher* relacionam-se por similaridades parciais e sistemáticas, infirmando a hipótese de que a polissemia seja um fenómeno marginal das línguas naturais. Se tal fosse o caso, um item de vocabulário básico, como *colher*, não possuiria qualquer sistematicidade interna .

Da análise do *corpus I* e *II* fica saliente a natureza enciclopédica da significação lexical e, por conseguinte, o papel da experiência sensório-motora e sócio-cultural na organização da estrutura interna de *colher*. O nosso *case study* é prototipicamente estruturado pelo esquema pré-conceptual, *origem-percurso-destino* (Lakoff:1987), que traça a sua trajectória orientacional (movimento em direcção ao sujeito). Esta *dinâmica de força* prevalece no domínio das interacções mentais e psico-sociais, sendo aí projectada em forma de *psico-dinâmica*. No estudo do nosso verbo, o *corpo* surge, usando as palavras de Damásio (1994:18), *como uma referência base para as interpretações que fazemos do mundo*. Esta é,

tal como Johnson (1987) também refere, a grande descoberta epistemológica, básica de uma abordagem *experencialista*. A compreensão humana deve ser entendida através de estruturas corporizadas, decorrentes da interacção do organismo com o ambiente físico e sócio-cultural.

A importância dos modelos colectivos de experiência humana revelou-se inevitavelmente indissociável do estudo do verbo *colher*. Comprovámos que o modelo experiencial herdado de uma civilização agrária de *primeira vaga*, dentro qual se incluem concepções teológicas e bíblicas profundamente *enraizadas* na civilização cristã ocidental, funciona como um «operador conceptual» em várias extensões semânticas de *colher*, nomeadamente nas extensões 11 e 12, que categorizam uma concepção moral da acção humana sustentada numa *matemática de custos-benefícios*, válida para a actividade laboral, que deve obedecer a princípios de sacrifício, método e investimento (*colher resultados, lucros*) e válida também para normas e atitudes comportamentais (*quem semeia ventos colhe tempestades*). Será, então, lícito concluir que as extensões semânticas do verbo constituem formalizações abstractas de configurações mais mundanas/triviais de raciocínio. O estudo que efectuámos revela, em suma, que *colher* é uma categoria que possui uma estrutura estável, mas que dispõe, simultaneamente, de uma flexibilidade favorável à categorização de novas situações expressivas.

Para finalizar, reiteramos que a abordagem experiencialista do significado de *colher* visou descrever e interpretar os principais valores semânticos *enraizados*

no seu uso linguístico actual, escorando-se esta análise na proposta de concepção biológica e natural da linguagem humana, advogada pela semântica cognitiva. Demonstrámos que um verbo tão trivial como aquele que seleccionámos para objecto de estudo constitui, afinal, uma constelação de metáforas ... *da vida quotidiana*.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Clotilde

1995 *Transitividade e Trajectória nas Concepções de ‘Abrir’ e de ‘Cortar’ em Português e Alemão: Análise Prototípico-Analogista*, Dissertação de Doutoramento (Apresentada em 1997), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BARSALOU, Lawrence W.

- 1992 « Frames, concepts and conceptual fields», in A. Lehrer & E. Kittay, *Frames, Fields, and Contrasts*, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, pp. 21-74.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz

- 1996 « Deslexicalização no esquema imagético da deslocação: exemplo da construção «TOMAR e V», *Actas do XII Encontro Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 73-81.

BOERS, Frank & DEMECHELEER, Murielle

- 1997 « A Few Metaphorical Models in (Western) Economic Discourse», in W. Liebert, (ed.), *Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics* Amsterdam, John Benjamins, pp. 115-129.

BONNAURE, Pierre

- 1996 « De l'usage des métaphores en prospective », *Futuribles*, pp. 59-74.

CACCIARI, Cristina & GLUCKSBERG, Sam

- 1994 « Understanding Figurative Language », in A.Morton (ed.), *Handbook of Psycholinguistics*, San Diego, Academic Press, pp. 447- 477.

CARBONELL, Jaime, G.

- 1982 « Metaphor: An Inescapable Phenomenon in Natural-Language Comprehension », in W. Lehnert, W. & M. Ringle (eds.), *Strategies for Natural Language Processing*, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, pp. 415-433.

CRAIG, Colette

- 1986 *Noun Classes and Categorization*, Amsterdam, John Benjamins.
- DAMÁSIO, António R.
- 1995 *O Erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*, Mem Martins, Publicações Europa América.
- DIRVEN, René
- 1985 « Metaphor as a basic means for extending the lexicon », in Paprotté & Dirven (eds.), *The Ubiquity of Metaphor*, pp. 85-119.
- DUBOIS, Jean-Claude
- 1971 *Introduction à la Lexicographie: Le dictionnaire*, Paris, Librairie-Larousse.
- FILLMORE, Charles J.
- 1975 « An alternative to the checklist theories of meaning », *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 123-131.
- 1977 « Scenes-and-frames semantics », in A. Zapolli (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North Holland, pp. 55-81.
- FUCHS, Catherine
- 1987 « Ambiguité, vague, polysemie et continu » *Quaderni di Semantica*, VIII-2, Bologna, Società Editrice il Mulino, pp. 299-310.
- GEERAERTS, Dirk
- 1983 « Reclassifying semantic change » *Quaderni di Semantica*, IV-2 Bologna, Società Editrice il Mulino, pp. 217-240.

1997 *Diachronic Prototype Semantics: A contribution to Historical Lexicology*, Oxford, Oxford University Press.

GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamin

1978 *Les enquêtes sociologiques: théorie et pratique*, Paris, Armand Colin. Trad. Port. (1992), *O Inquérito. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

GIBBS, Raymond

1994 «Figurative Thought and Figurative Language», in A.Morton (ed.), *Handbook of Psycholinguistics*, San Diego, Academic Press, pp. 441-445.

GIL, Augusto

1990 *Fundamentos del Análisis Semántico*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

GIVÓN, Talmy

1986 « Prototypes between Plato and Wittgenstein », in Craig (ed), *Noun Classes and Categorization*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 78-102.

GRADY, Joseph E.

1997 «Theories are buildings revisited », *Cognitive Linguistics* 8-4, pp.267-290.

HAIMAN, John

1980 « Dictionaries and encyclopedias », *Lingua* 50, pp.329-357.

HAWKES, T.

- 1972 *Metaphor*, London, Methuen and Co.
- HINTIKKA, Jaakko
- 1994 *Aspects of Metaphor*, Boston, Kluwer Academic Publishers.
- JOHNSON, Mark
- 1987 *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*, Chicago, The University Chicago Press.
- KLEIBER, Georges
- 1990 *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*, Paris, Presses Universitaires de France.
- KREITZER,
- 1997 « Multiple levels of schematization . A study in the conceptualization of space ». *Cognitive Linguistics* 8-4, pp. 291-325.
- LAKOFF, George
- 1977 « Linguistic Gestalts », *Chicago Linguistics Society* 13, pp. 236-287.
- 1987 *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark
- 1980 *Metaphors we live by*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & NORWIG, Peter
- 1987 «Taking: a study in lexical network theory », *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, pp.195- 206.
- LAKOFF, George e THOMPSON, H.

- 1975 « Introducing Cognitive Grammar », *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, pp. 295-309.

LANGACKER, Ronald W.

- 1987a *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol.1, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press.
- 1987b « Nouns and Verbs», *Language* 63, pp. 53-94.
- 1991 *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol.2, *Descriptive Application*, Stanford, California, Stanford University Press.
- 1994 « The limits of continuity: Discreteness in Cognitive Semantics», in C.Fuchs & B.Victorri, *Continuity in Linguistic Semantics*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, pp. 10-20.

LAROCHELLE, Serge & SAUMIER Daniel

- 1993 « Sens et référence: estimation subjective de la familiarité des concepts», *Revue Canadienne de Psychologie Expérimentale* 47:1, pp. 61-78.

LEE, David

- 1992 *Competing Discourses, Perspective and Ideology in Language*, London, Longman.

LE GUERN, Michel

- 1973 *La Sémantique de la métaphore et de la métonymie*, Paris, Librairie Larousse. Trad. Port. (1974), *Semântica da Metáfora e da Metonímia*, Telos, Porto.

LIMA, José Pinto de

- 1989 «*Significado Avaliativo*»: *Para uma Clarificação à luz de uma Semântica Prática*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 251-269.
- LOPES, Ana C. Macário
- 1995 « Da ambivalência do texto proverbial », *Discursos* 10, pp. 77-94.
- LYONS, John
- 1977 *Semantics*, vol.1, Cambridge, Cambridge University Press. Trad. Port. (1980), *Semântica*, vol.1, Lisboa, Editorial Presença/ Martins Fontes.
- MARKMAN, Ellen M.
- 1989 *Categorization and Naming in Children. Problems of Induction*, England, MIT Press.
- MCVEIGH, Brian
- 1996 « Standing stomachs, clamoring chests and cooling livers: Metaphors in the psychological lexicon of Japanese », *Journal of Pragmatics* 26, pp. 25-50.
- NEWMAN, John
- 1997 *GIVE: A Cognitive Linguistic Study*, Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- NYCKEES, Vincent
- 1998 *La Sémantique*, Paris, Belin.
- PONTES, Eunice
- 1990 *A Metáfora*, Campinas, Unicamp.
- POSNER, Michael

- 1986 «Empirical Studies of Prototypes » in Craig (ed.), *Noun, Classes and Categorization*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 53-61.

PULMAN S. G.

- 1983 *Word Meaning and Belief*, London and Canberra, Croom.

ROSCH, Eleanor

- 1973 « On internal structure of perceptual and semantic categories», in T. Moore (ed.), *Cognitive Development and the Acquisition of Language*, New York, Academic Press, pp. 111-144.
- 1977 « Human categorization», in N. Warren (ed.), *Studies in Cross-Cultural Psychology*, vol.1, New York, Academic Press, pp. 1-49.

ROSCH, Eleanor & MERVIS, Carolyn B.

- 1975 « Family Resemblances: studies in the internal structure of categories », *Cognitive Psychology* 7, pp. 573-605.

SAWIN, Gregory

- 1987 « Investigating the Whorf Hypothesis », *E.T.C.* 44, pp. 293-294.

SILVA, Augusto

- 1992a « Metáfora, metonímia e léxico», *Diacrítica* 7, pp. 313-330.
- 1992b « Sobre a unidade da palavra polissémica», *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 477-487.
- 1995a « A Gramática Cognitiva. Apresentação e uma breve aplicação », *Diacrítica* 10, pp. 83-116.

- 1995b « Sobre a estrutura da variação lexical. Elementos de Lexicologia Cognitiva », *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III, pp. 413-423.
- 1997 *A Semântica de Deixar, uma contribuição para a análise cognitiva em semântica lexical*, Dissertação de Doutoramento, Braga, Faculdade de Filologia da Universidade Católica Portuguesa.
- SWEETSER, Eve
- 1990 *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge, Cambridge University Press.
- TALMY, Leonard
- 1988 « Force Dynamics in Language and Cognition », *Cognitive Science* 12, pp.49-100.
- TAYLOR, John
- 1989 *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*, Oxford, Clarendon Press.
- TEICHROEW, Melka
- 1989 «Remarques sur le stéréotype et le marqueur dans la théorie sémantique», *Cahiers de Lexicologie* 55, pp.61-78.
- TVERSKY, Barbara
- 1986 « Components and Categorization», in C. Craig (ed.), *Noun, Classes and Categorization*, Amsterdam, John Benjamins, pp.63-75.
- ULLMANN, Stephen

- 1962 *Semantics. An Introduction to the science of meaning*, Oxford, Blackwell. Trad. Port. (1964), *Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*, Lisboa, Fundação Calouste de Gulbenkian.
- UNGERER, Friedrich & SCHIMD, Hans-Jörg
- 1996 *An Introduction to Cognitive Linguistics*, London and New York, Longman.
- VICTORRI, Bernard
- 1991 « Le traitement de l'ambiguïté dans les langues naturelles », in G. Vergnaud, (ed.), *Les Sciences Cognitives en Débat*, Paris Éditions du CNRS, pp.175-182.
- VILELA, Mário
- 1979 *Estruturas Léxicas do Português*, Coimbra, Almedina.
- 1993 « La Langue: catégorisation de la réalité ou création de la réalité? », *Revista Intercâmbio-4*, Porto, Universidade do Porto, pp.78-84.
- 1994a *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina.
- 1994b « Caracterização do dicionário de tradução e das suas funções », in *Tradução e Análise Contrastiva*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 141-164.
- 1995 *Léxico e Gramática*, Coimbra, Almedina.
- 1996 « A metáfora na instauração da linguagem. Teoria e Aplicação », *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto- Línguas e Literaturas Modernas* 13, pp. 317-356.

- 1997 « Do “campo lexical” à explicação cognitiva: RISCO e PERIGO», *Diacrítica* 11, pp. 639-666. (As páginas indicadas no corpo da dissertação reportam-se à versão original do artigo, disponibilizada por M. Vilela).

VILELA, Mário & BUSSE, Winfried

- 1992 *Gramática de Valências : Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina.

WIERZBICKA, Anna

- 1985 *Lexicography and Conceptual Analysis*, Ann Arbor, Karoma Publishers.

WITTGENSTEIN, Ludwig

- 1953 *Philosophical Investigations*, Oxford, Basil Blackwell.

ZELINSKY- WIBBELT, Cornelia

- 1995 « Insights from categorization for a mental model of lexicalization », in R. Dirven & J. Vanparys (eds.) *Current Approaches to the Lexicon. A selection of papers presented at the 18th LAUDSymposium*, Duisburg 1993, Frankfurt am Main, Peter Lang, pp.27-61.

DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

AAVV (1995), *Dicionário Universal da Língua Portuguesa*, 1ªed., Lisboa, Texto Editora.

AULETE, Caldas (1987), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 5ªed., Rio de Janeiro, Editora Delta.

BIVAR, Artur (1948-1958), *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, Porto, Edições Ouro.

BUSSE, Winfried (1994), *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*, Coimbra, Almedina.

CALVET, Louis-Jean (1993), *Histoires des Mots*, Paris, Payot. Trad. Esp. (1996), *Historias de Palabras*, Madrid, Gredos.

- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (1969), *Dictionnaire de Symboles, mythes, reves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres, Belgique, Seghers*. Trad. Port. (1982), *Dicionário dos Símbolos, Mitos sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Teorema.
- COROMINAS, Joan & PASCUAL, José (1980-83), *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Editorial Gredos.
- COSTA, Almeida & MELO, Sampaio (1976), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Porto, Porto Editora.
- ECO, Umberto (1994), « Metáfora », in *Enciclopédia Einaudi*, vol.31-Signo, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FERREIRA, A. Gomes (1988), *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora.
- FERREIRA, A. Gomes (1989), *Dicionário de Português-Latim*, Porto, Porto Editora.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREIRE, Laudelino (1941), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, A Noite, S.A. Editora.
- MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Livros Horizonte.
- MACHADO, José Pedro (1981), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ªed., Lisboa, Amigos do Livro.

- MOLINER, María (1986), *Diccionario de Uso del Español*, Madrid, Gredos.
- MORENO, Augusto (1961), *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, Porto, Educação Nacional.
- SILVA, A. de Moraes (1949-59), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10^a ed. (Revista e Aumentada por A. Moreno, C. Júnior e J. Pedro Machado), Lisboa, Editorial Confluência.
- SILVA A.de Moraes (1980), *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência.
- VILELA, M. (1991), *Dicionário do Português Básico*, Porto, Edições Asa.

TEXTOS UTILIZADOS

- CARVALHO, Ribeiro (1929), *Chaves Antiga*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia.
- COELHO, Paulo (1996), *O Monte Cinco*, Lisboa, Pergaminho.
- COELHO, Trindade (1986), *Os Meus Amores*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia.
- DINIS, Júlio (1988), *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Porto, Porto Editora.
- DINIS, Júlio (1991), *As Pupilas do Senhor Reitor*, Porto, Porto Editora.
- ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS SOARES DOS REIS (1962) *Terra Portuguesa - Livro de Leituras*, Porto, Edição da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis.

- FRAGOSO, Tomaz et al. (1935), *Portugal Económico, Monumental e Artístico*, vol.1, *Minho*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- SKÁRMETA, António (1986), *El Cartero de Neruda, Ardiente paciencia*, s./l., Palza & Janés Editores. Trad. Port. (s./d.), *O Carteiro de Pablo Neruda, Ardente Paciência*, Lisboa, Editorial Teorema.
- TOFFLER, Alvin (1980), *The Third Wave*, s./l., s./e., Trad. Port. (1984), *A Terceira Vaga*, Lisboa, Livros do Brasil.
- TOFFLER, Alvin (1990), *Powershift*, s./l., s./e., Trad. Port. (1991), *Os Novos Poderes*, Lisboa, Livros do Brasil.
- TORGA, Miguel (1971) *A Vindima*, Coimbra, Gráfica de Coimbra.